

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Camilo Castelo Branco
Lágrimas Abençoadas



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

Lágrimas Abençoadas

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1886.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 667



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: “*Lágrimas Abençoadas*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

LÁGRIMAS ABENÇOADAS



A QUEM LER:

QUE FELICIDADE É POSSÍVEL SOBRE A TERRA: tal é o pensamento deste romance.

QUE FELICIDADE, CONFESSADA PELA CONSCIÊNCIA, É A única VERDADEIRA: quisera eu poder provar, assim como posso sentir.

QUE A FELICIDADE VEM A PREÇO DE LÁGRIMAS, COMO A CONSOLAÇÃO DO SALVAMENTO A PREÇO DAS AGONIAS DO NAUFRÁGIO: é um paradoxo, talvez, para os que não conhecem a verdadeira felicidade, nem choraram as lágrimas abençoadas da resignação.

Este romance é religioso na essência. Escreve-se aí muitas vezes a palavra DEUS. Evitam-se as imagens do deleite, o pasto de ociosos, gastos do coração, e falidos da alma. Os que buscam no romance qualquer coisa que não sirva de nada para o espírito, não leiam este.

Eu espero achar entendimentos que m'o recebam, e corações que m'o agradeçam.

Vereis aí uma mulher, que não é uma quimera. Imaginei-a, primeiro, e encontrei-a fora da imaginação, depois.

Maria, linda criatura da terra, é a rainha de dois diademas: um no céu: os anjos, seus irmãos, tecem-lho das flores, que ela rega no mundo com as suas lágrimas. Outro na terra: é a soberania da virtude, respeitada, embora não compreendida, pelos homens que lhe acurvam o joelho.

Eu sou um destes.

E o meu romance é uma palavra desse cântico de louvor, que o espírito não pode revelar aos que, no seu caminho, não parariam a compreender-lho.

Meditemos este assunto.

Há aí nesse mundo material uma decidida negação para acompanhar o espírito nas suas elevações. Eu sei-o.

Um ou outro homem encosta a face à mão, abraça os horizontes com uma vista cismadora, afina a harpa da sua alma pela toada sonora dos pinhais; compõe das notas lúgubres da tempestade a harmonia tétrica, e desfigura-se, e poetisa, e parece não querer nada de comum com a fraca natureza humana. É o sentimental.

O sentimentalismo, sem a religião, é uma mentira.

O que aí vai de fantástico e espiritualista nos afetos, é uma exigência da época, é um encargo que a mocidade se impôs, é a precisão de variar. Diga-se tudo: é a moda.

Não porque a vida seja feliz, e a natureza do homem precise inventar amarguras, para que a felicidade o não enjoie;

Não porque o espírito, extenuado em sensualidades procure, no ideal, respirar o elemento de vida, que lhe é próprio;

É porque as felicidades, saboreadas nestes tempos não deixam no coração motivo para um hino. O homem, que não pode apagar na mente a faísca do gênio, que lhe desceu ao berço, ou mata a inspiração na orgia, ou abisma-se com ela, por féretros e ossadas até materializá-la nas formas repugnantes de uma dor monstruosa.

E, se assim não fizer, o seu alaúde não tem sons, e o gênio falece-lhe de impotência. Mas o poeta quer este título; cantor quer a grinalda das flores em troca da coroa de espinhos; é preciso cantar.

Se lhe pedísseis, em vez de horrores, uma poesia banhada de luz celeste, em que os mil reflexos de cima fossem as virtudes possíveis no mundo...

Se lhe pedísseis, em vez da página sempre negra da sua vida, as alvíssimas alegrias de uma virgem, que, a fugir de um mundo, que se lhe pinta ingrato à sua alma cândida, se refugia aos pés de Maria, Rainha das Virgens, a pedir-lhe o céu, como repouso inviolável da inocência...

Se lhe pedísseis a doçura das lágrimas da pobre, que aconchega seus filhos num envoltório de andrajos, e ajoelha depois, entregando-os à Providência, para que, ao amanhecer, não sejam muito repetidos os seus gritos de fome...

Pedi.

O poeta há de dizer-vos que a luz do céu é esse oceano de luz, que banha a terra, quando as árvores florescem e as árvores saúdam ao alvorecer um sol

esplêndido.

Há de falar-vos da virgem, arfando esperanças no seio imaculado, mas esperanças todas daqui, todas embalsamadas pelo incensório das paixões terrenas.

O pobre, esse que vale bem a pena de uma poesia, de uma página de romance, é sempre a vítima da má organização social, e de uma mentirosa economia política. Vê-lo-eis invectivar o rico, com toda a iracúndia de uma inofensiva estrofe; mas o pobre que continua nas palhas da miséria, esse não recebe uma consolação em nome do futuro, do céu, e das promessas de Jesus Cristo. É sempre o pobre recrutado para as fileiras que guerreiam o rico.

Eu pensei, uma vez, na vastidão de assuntos sobre que o cetro do talento estende o seu império. Chamando à reminiscência o acervo de leituras recreativas, que fiz, durante alguns anos, entrevi nos meus tempos nebulosos o muito tempo consumido, os muitos volumes folheados, e não poderei classificar-vos, em sinopse de ideias, uma só que me prestasse ao espírito, ou ao coração, ou à cabeça.

Aprendi o desengano no romance, antes que a sociedade m'o desse.

Libei na poesia do século a mentira, antes que o coração contaminado m'a inspirasse.

Aborreci-me de mim e das minhas leituras, como se o livro e a poesia fossem um sarcasmo para quem nas más horas, lhe mendiga esparecimentos para o espírito.

Vislumbravam-me no escuro das minhas ideias religiosas uns clarões pálidos do que o romance e a poesia deveriam ser para adoçarem muitos infortúnios. Mas, que me pedissem a ideia formulada no livro! Faltava-me a convicção das virtudes do bálsamo para saber aplicá-lo à ferida.

Não tinha eu provado ainda as doçuras da religião para sentar-me com a taça do Evangelho, à borda do caminho, e dizer ao peregrino cansado:

Bebe!.....

Dão-vos tédio estas minhas considerações? Não são vaidosas. Eu juro-vos que me doeria muito se uma verdade, esboçada com amplos contornos, não valesse mais que uma mentira, alinhada com o ouropel de um desusado estilo.

O que está dito é o prefacio do meu romance. Duas palavras resumem-no

laconicamente numa ideia conceituosa.

Sei em que tempo escrevo, e contudo, ousou nos estreitos limites de que posso dispor, ajustar em molde cristão um gênero, raras vezes assim tratado, quer pela costumeira da forma, quer pelo estilo, quer pelas leis da escola.

Escrevo um romance, ou antes descanto em prosa uma virtude, porque não desafinarei, em quanto possa, a lira em que fiz soar algumas poesias, únicas de que me não culpo, nem arrependo. As outras...

Se eu pudesse avaliar a vossa opinião, consolava-me de não ser enganado pela minha consciência de cristão e de artista.

Porto — em 1853.

LIVRO I

I

Disseram muitos dos que estavam em redor de uma criancinha, na pia do batismo, que na face dela havia uma luz misteriosa, como a projeção de um círio invisível, que, naquele instante solene, alumiasse, nas mãos de um anjo, as cerimônias do sacramento augusto. Visão de boas almas.

Era uma menina de nove dias.

Sua madrinha era Nossa Senhora da Conceição, fulgurante de mil lumes, no seu dossel de seda e prata, com as mãos cruzadas sobre o seio, com os olhos extáticos no céu, como seguindo o trilho de estrelas por onde, aos pés do Eterno, vojava o anjo da ANUNCIAÇÃO.

Seu padrinho era um duque, vestido de ouro, com as suas insígnias de general em chefe, com o seu tesouro de condecorações guerreiras a cobrirem-lhe o peito, onde pulsava sangue de reis, que não valia mais, por isso, em coração de homem.

Seu pai era um coronel, fidalgo dos que primeiro o foram nesta terra, valente como o primeiro e o último da sua linhagem, e honrado como aquele de seus avós, que morrera desterrado, em Tanger, por não denunciar o que lhe fora amigo desleal, embora traidor ao rei D. João II.

Era o coronel... que vos importa o nome?!...

Sua mãe nascera dama de D. Maria I, crescera mimo de galanteria e docilidade, emancipara-se donzela de todas as virtudes, casara-se, mulher, exemplo das mais santas afeições de um marido, e fora mãe como pode sê-lo a mulher, depois que a Virgem Maria alimentou um filho, depois que Jesus Cristo reabilitou a fascinada da serpente, depois que a filha de Eva entrou no seu reconquistado Éden, a colher a flor da dignidade, regada pelo sangue do filho de Maria.

II

Este dia, júbilo de anjos, para os quais os orvalhos do céu, fecundando as águas do batismo, geram na terra um irmão; júbilo de seus pais, que, depois de quatro filhos, tinham um novo penhor de inocência para, em seu nome, agradecer, com lábios puros, as esmolas do céu; júbilo da igreja católica, que estremece de felicidade, quando entra em seu seio um filho, que lhe gosta o leite da virtude,

como sustento da imortalidade: este dia amanheceu em 1827.

Maria era o incentivo de tanta alegria. Nos braços de sua mãe, com o seu olhar errante pelas faces desmaiadas dela, que parecia sorvê-la com os seus beijos, como se aqueles fossem os últimos; Maria, a afilhada da Senhora da Conceição estava ali asseverando o que tantos diziam da luz misteriosa, que na pia do batismo, lhe iluminava a face.

A pureza dos anjos, não será como a santidade do predestinado!? E o justo, na última hora da sua passagem na terra, quando o anjo da serenidade lhe alveja o rosto com as suas azas transparentes, não será como a criancinha imaculada, cuja alma vem brincar-lhe ao rosto com toda a pureza e inocência, que o hálito criador lhe bafejou!?

A mãe de Maria chorava e as suas lágrimas desconsolavam o pai, que as não queria ver naquele dia, naquela hora, tão faustosa, tão de gala para os parentes, que se abraçavam em redor do leito.

Mas fossem calar-lhe o pressentimento no coração! Digam à flor que não penda amortecida sobre a haste, quando o sol se esconde! Digam às lágrimas, que estanquem nos olhos, quando o que chora não sabe de onde elas nascem, nem o que contempla sabe a linguagem do espírito, para consolá-lo em seus pressentimentos sobrenaturais!

Porque é que aquela mãe não buscava o alívio no sorriso de seu marido? Porque não olha ela para os seus? Que é tão consolador aí como a presença de um marido amado, quando a fraca mulher quer desafogo?

Não bastam alívios do mundo para essas ânsias.

Deus! sim, para todas as aflições, para todos os presságios, para todos os temores, para todas as mães que vaticinam desventuras a suas filhas!

Deus! E na sua imagem é que aquela mãe fitava os olhos. Depois, ao lado de Cristo, estava outra imagem: era Nossa Senhora da Conceição. Que lhe dizia aquela pálida mulher, com sua filhinha nos braços? Ouviram-lhe só as derradeiras palavras:

“Minha Mãe Santíssima! entrego-vos a vossa afilhada!”

Viram um sorriso nos lábios de Maria. Seria um ato maquinal dos lábios? Porque é que os adultos não sorriem maquinalmente?... Lisonjeiras dúvidas para o homem que pensa nos segredos do homem.

III

Decorreram sete anos.

Eu não devo aqui pintar um quadro de guerra. Seria salpicar de sangue a tela onde me propus traçar uma figura grandiosa, com o colorido suave da religião. Abomino a história, se é força lembrá-la a testemunhas oculares. Há aí muitos escolhos que ludibriam os mais atilados pilotos. Escandecências políticas não se refrigeram com o orvalho do céu. Se do púlpito o hissope muitas vezes as exacerba, que fará daqui?!

E tomara eu que estas linhas, pálido reflexo do que há de incomunicável no meu coração, acendessem o amor de Deus, apagando a flama das inimizades humanas! Tomara eu lágrimas e dó, e paz e esquecimento para os homens, que não devem aqui encher uma página de ódio num livro que aconselha a resignação. Durmam uns e outros o breve sono, que vai do anoitecer da vida à alvorada do arcanjo. Ver-nos-emos em volta do juiz, que, nos seus dias de réu entre a humanidade pervertida, dissera:

“Só a mim pertence julgar os bons e os maus!”

Bem-aventurados os que esperam.

IV

1834!

Foi um ano de muitas lágrimas. Debaixo deste formoso céu esperdiçou-se muito sangue. As espadas terçavam por duas causas, quando dois corações do mesmo sangue, na vanguarda de dois exércitos irmãos, ansiavam aniquilarem-se. E, se, após o ruído das armas, se fazia o silêncio tétrico da morte, prorrompiam depois os gritos das mães, das viúvas e dos órfãos. país, onde esta harmonia de angústias se levanta de milhares de lábios para o céu, prova-se no supremo infortúnio, e simboliza o holocausto de uma vingança tremenda.

Tremenda... como a de Gaza e Moab!

“Que é dos teus edifícios de mármore, cidade dos obeliscos!?” dizia o profeta das lágrimas.

Não vedes em Portugal os fustes das colunas dispersas na ruína dos grandes edifícios?

Não vedes! — Pois que tem esta terra de comum com Moab e Gaza?

Que tem?!

O enviado de Deus responderia:

“Que é dos teus edifícios de virtude, terra da honra e da probidade?”

“Que importam os coruchéos de vossos palácios, Baltazares do tempo, se lá não está a cruz veladora das felicidades da vida?!”

Mãe de Maria, porque choravas tu?

As tuas lágrimas já não eram um mistério;

V

Uma vez, a esposa do coronel, com sua filhinha de sete anos, ajoelhava diante da imagem da Senhora da Conceição e murmurava esta prece:

“Virgem Maria, nunca a vossos pés caíram mais aflitas lágrimas! Atendei-me, Senhora, que eu sou uma fraca mulher, mãe de cinco filhos, esposa de um homem, que é o amparo desta pobre família, que vos ajoelha! Vede, ó Mãe dos aflitos, que o túmulo de meu marido é o túmulo destes órfãos, e o desta mãe desvalida, que não tem um palmo de terra onde possa regar com suas lágrimas um fruto, que mate a fome de seus filhos. Protegei-o, ó Senhora, nesta guerra desastrosa, em que a cada instante cai um pai de família, tão desgraçada como a minha! Eu não vos peço as honras, e a subsistência que meu marido ganhara no serviço da sua pátria: o que eu vos peço é muito mais... é a vida de meu marido, mas só a vida, sem a glória de vencedor, sem o prêmio do seu sangue derramado, sem mais outra riqueza que a do coração que ele tem, e a resignação com que vós, consoladora do infortúnio, e eu, esposa extremosa, lhe adoçaremos a desgraça! Os lábios da vossa afilhada não murmuram a oração de sua mãe, mas o seu coração é aquele que vós lhe destes há sete anos! Eu vos suplico em nome dela. Fazei que estes olhos não sintam tão cedo o travo das lágrimas, que chora sua mãe! Piedade para todos nós!... amparo para meu marido... compaixão para todas as mães atribuladas, que, neste momento, vos pedem, como eu, a vida de seus maridos...”

E era esta a oração que os suspiros não puderam cortar. Assim simples e angustiada, confirmava a verdade de uma grande dor que não escolhe palavras, nem se atavia das pompas do estilo. Quem orou num destes lances, sublimes no tormento, pela explosão da agonia com que se refugiam no céu, compreenderá o cunho pungente, marcando a mais insignificante dessas palavras, que proferiam os lábios febris da mulher consternada entre seus filhos.

E, depois, a mãe de Maria foi deitar sua filha, e, acalentando-a, estremecia às vezes, como se os acessos de uma convulsão a não deixassem aquietar-se ao lado do seu anjo. É que a cada trom remoto da artilharia, nas linhas de Lisboa, aquela aflita esposa de um homem de guerra sentia o véu da viuvez descer-lhe na face, e o luto da orfandade envolver aquelas cinco existências, para nunca mais se mostrarem no mundo com direito a serem amadas por alguém. E os outros quatro meninos aconchegavam-se no regaço dela; fitavam-na, como os passageiros de um barco em perigo fitam o semblante do homem a quem se confiaram; e, no choro, modelado pelos gemidos de sua mãe, compunham uma consonância de vagidos, e brados, e soluços. Quando assim se sofre, a indiferença do Eterno seria um cruel desengano para os infelizes, que se acolhem ao abrigo das suas misericórdias... Não haveria Deus: a justiça divina seria uma astúcia humana.

A oração é um respiradouro de espírito, quando a mão da desventura o comprime até lhe abafar a derradeira esperança na terra. A oração não tem nada com este mundo. Pedir a justiça do céu para as injustiças da terra e renunciar a toda a vingança, é pedir a felicidade de nossos inimigos, porque Deus é misericordioso, e não precisa de fulminar o poderoso para vingar o fraco. Orar é cair de joelhos, e muitas vezes não articular dois sons de uma súplica: é não atinar com a linguagem de falar a Deus, porque a ciência do mal, exclusiva do homem, só inspira ao desgraçado expressões para que os homens o compreendam. Aquela mãe aflita, quando orou, orava assim. Seu marido com o peito na frente de regimento era o alvo das balas inimigas. Na sua frente um outro coronel, escravo das suas convicções, da sua honra talvez, e pai de família também, ouvia o zumbir da metralha, como hálito da morte a aflar-lhe os cabelos. Mas a mãe de Maria pedia por ambos; e, quando a oração assim é feita, o espírito de Deus está nos lábios do que ora.

Enxuga as tuas lágrimas, sorve as de teus filhos com teus beijos, mãe e esposa, que o pai dessas crianças, o homem, que traz no coração os alentos de que te sustentas no mundo, não há de a bala ou a espada cortar-lhe os vínculos a que prendeste a tua melindrosa existência.

Não há de, que teu marido entrou na guerra de irmãos com o coração enlutado, como em arena fratricida, e, ao ouvir o som ríspido da trombeta que mandava morrer matando, muitas vezes eleva ao Senhor o espírito atribulado,

suplicando-lhe a reconciliação dos portugueses.

Não há de, que, nas vésperas angustiosas de uma peleja, teu piedoso marido, refugiando-se dos cabos de guerra que tripudiam e blasfemam farejando o sangue da carnagem do dia seguinte, ergue as mãos ao Senhor, suplicando-lhe que aceite no regaço da sua misericórdia, uma viúva desvalida, filhinhos desamparados, aos quais a mão do vencedor não estenderá mão esmoler, seja qual for o triunfante.

Não há de, atribulada mãe e esposa, porque as paixões clamorosas dos ímpios não ensurdecem o céu aos rogos de um justo, que lava com lágrimas cada gota de sangue de irmãos que lhe salpica a farda.

Expande o teu coração oprimido no seio de Deus, dolorida mãe.

Deixa rugir lá fora o frenesi dos ódios civis, e acolhe-te, mulher cortada de agonias, acolhe-te ao refúgio da religião, respira aí em lágrimas a opressão que os meigos carinhos de teus filhos não podem consolar-te.

Ao mesmo tempo que oras no meio deles, o coração de teu esposo contigo se ala para a região serena da paz e bem-aventurança eterna. Sois duas almas puras que se encontraram na terra, juntas ascendem a Deus na oração, juntas hão de compartilhar as amarguras da pobreza, juntas hão de receber a coroa triunfal no dia marcado à recompensa dos que choram na terra.

Assim lhe segredava o anjo da resignação alentos que a faziam confiar no regresso de seu marido. Rodeada de seus filhos, a esposa do coronel, fantasiava com Maria as venturas, que, ainda na pobreza, podem deliciar corações enriquecidos pelos dons da amizade. Maria, tão jovem e inocentinha, compreendia as alegrias de sua mãe, e respondia a elas festejando a volta de seu pai, como se ele viesse já caminhando a indenizar-se dos trabalhos no gozo da paz, no amor santo da família, nas donosas alegrias de uma obscuridade feliz.

Mas estas esperanças eram a cada hora desvanecidas pelas más novas que vinham do campo da batalha. O sobressalto da pobre mãe era constantemente despertado aos trons da artilharia que jogava nas linhas de Lisboa.

VI

O coronel... (já não era coronel) o homem da honra e da coragem amanheceu um dia à porta de sua mulher. Trazia nas faces aquela magreza lívida que o sopro das batalhas, e o enervamento da fome estampam no rosto do vencedor, e do vencido. Vencido era ele. Não trazia espada, que a pureza, não aos pés do

vencedor, mas sobre a ata de uma capitulação, deixara ao bravo a consciência da sua intrepidez. Nem uma lágrima lhe escapou involuntária dos olhos, quando, exautorado e desvalido, se colocou entre os derradeiros tesouros que lhe restavam: sua esposa, e seus cinco filhos. Esses, sim, eram dele, eram de seu coração como a virtude, emanação de Deus, é quase sempre o único patrimônio do virtuoso.

E é por isso que não houveram lágrimas, que assombrassem naqueles lábios o júbilo do sorriso. É por isso que pais e filhos caíram de joelhos; e, no silêncio de seus corações, Deus sabe a ação de graças, que lhe subira aos pés de seu trono naquelas extáticas elevações de alegria reconhecida.

Ao levantarem-se, abraçaram-se, uma e muitas vezes; e quando as palavras venceram a sufocação da surpresa, uma só voz, a de todos, exclamou:

“Somos muito felizes! Bendito seja Deus!”

VII

Cair de elevada jerarquia, quando os braços da religião não amparam o infeliz na queda, deve ser morrer!

Altearmo-nos a despeito de muitos, que não podem voejar tanto acima, é provocar-lhes a inveja. Olhá-los em baixo, quando nos cospem o fel da inveja, deve ser-lhes o maior dos castigos; mas, se daí a mão de Deus nos atira ao raso dos invejosos, se a desgraça nos marca, no meio deles, um círculo onde rodar com o peso de afrontas, que a nossa arrogância enfardara... tal vida é a preexistência do inferno.

Há três remédios para aliviar angústias de tal lance:

A resignação;

O cinismo;

O suicídio.

A resignação não é só o amparo daquele que resvala no precipício das honras deste mundo; é mais: a resignação não deixa cair o homem, que olha sempre, com temor, o despenhadeiro, em que de ao pé de si se abismaram colossos, e ruíram edifícios fundados sobre areia. Levantado pela Providência, o homem, que teme a Deus, não se julga, no vértice das glórias, posto aí pela mão do destino. Quem lhe promete o dia de amanhã, vinculado aos acontecimentos de

hoje? Quem lhe diz hoje que a taça do seu mel há de amanhã trasbordar de lágrimas? Quem afiança à águia, dominadora dos espaços, que, de mais alto, o açor se libra para abatê-la nas urzes?

E, quando a nuvem do infortúnio escurece aquelas alegrias, que formavam o cortejo da nossa riqueza: — quando a sociedade nos retira os contentamentos, vendidos pelo ouro, que perdemos... quem é esse destino que acusamos? onde existe essa mentirosa fatalidade que nos humilhou? onde encontraremos o primeiro acaso, que nos felicitara, e o segundo que nos empobrecera? Não há lágrimas que suavizem as ferocidades da *nossa sina*, nem ameaças que a forcem a desmentir-se? Será obrigatório o punhal ou o veneno, porque *estava escrito o meu suicídio!*?...

A providência é a ação da Divindade.

O grande da terra julgara-se grande na terra pela providência. Era um majestoso edifício aos olhos da humanidade, e frágil barro entre as mãos de Deus. Quando o sopro da desventura lhe assolou as colunas, o grande, só, e proscrito das ovações, *em que ele fora o menos laureado*, era ainda o grande na desgraça, na esperança, na humildade, na renúncia, e na confiança.

Esperava... o túmulo, e antes dele um saldo de contas com o mundo, onde o rico deixa débitos enormes a solver.

Humilhava-se diante Deus, que o abatera, não como um cego destino, mas como um decreto, sancionado no céu, cumprido na terra, e explicado no dia das tremendas explicações dos mistérios, incompreensíveis aqui. Humilhava-se diante dos homens que nunca humilhara; diante daqueles, que puderam abandoná-lo, mas não escarnecê-lo pelo seu passado orgulho.

Renunciara quantas prerrogativas o seu ouro lhe dera na sociedade; quantas pompas lhe caíam ao encontro na sua estrada de flores; quantas esperanças idealizara, que mais o engrandecessem, na perspectiva do mundo, sem adular as mercês do Criador.

Confiava na humildade da oração, no pão de cada dia, no repouso providencial de cada noite, porque no mundo nenhuma existência vira abandonada, nem a da ave que se levanta com a aurora, e louva ao Criador, e vai procurar o alimento, que não deixou de véspera.

VIII

Não é assim o cínico.

Herdara um tesouro que seus pais lhe prepararam; e preparara ele em seu coração todos os elementos para aumentá-lo.

Que o ouro aumenta, quando é lançado no cadinho da perversidade. E o coração, ferido de avareza, é um segundo tesouro para quem herdou o primeiro. O mais eficaz instrumento da caridade, o ouro, nas mãos do avaro, converte-se em ferro de dois gumes: um que lhe entra no próprio coração, outro no coração que lhe pede o óbolo.

É assim o cínico.

Em cada degrau da sua escala de grandeza espirrava o sangue das faces que calcava. Entre ele, e um círculo de vítimas, que o rodearam, fascinadas pelo brilho da sua auréola, erguia-se o anteparo da irreligião.

Quem lhe dera o sorriso feroz fora a impiedade.

Quem lhe alimentara as ânsias de cevar-se em gozos, adubados em lágrimas e sangue, fora a impiedade.

Quem lhe segredara os derradeiros segredos do crime, para que o enojo de crimes repetidos lhe não esfriasse o amor sórdido da vida, fora a impiedade.

Quem lhe dissera que no túmulo para dentro não há pobres para repelir, nem coroas de virgem para desfolhar, nem faces lagrimosas para cuspir, nem amigos para vender a inimigos, fora a impiedade.

IX

E, depois, a mão de Deus despenhou o cínico.

No tremedal, onde caíra, roeram-no os vermes dos cadáveres que ele fizera.

E riu-se.

Cobriram-no os impropérios, e os sarcasmos de tantos, que ele enxovalhara, sacudindo-lhes às faces a lama das ruas com as rodas do seu carro insultuoso.

E riu-se.

Teve que aceitar uma esmola, que, por escárnio lhe lançou ao chapéu um daqueles que lha pedira, em vão, ansiado de fome.

E riu-se.

Bateu à porta de seus criados, que medravam nas prodigalidades do amo: pediu um bocado de pão, e responderam-lhe de dentro com uma gargalhada.

E riu-se.

Este é o cínico.

E quando lhe aconselharam o suicídio, riu-se, e riu até morrer porque a morte de cínico é uma risada na blasfêmia.

X

Lamentai o suicida, porque a sua última hora foi uma luta horrível entre a desesperação, a incerteza, e, talvez a saudade.

Ao ver-se pobre no mundo, considerou-se o homem sem vida social; mas a vida física, onde as frechas do desprezo lhe rasgavam até o coração, era-lhe uma algema insofrível a maneata-lo ao poste da vergonha.

Feliz pelo destino, ou desgraçado pela fatalidade, o Lúcifer, despenhado deste céu da terra, que a impiedade lhe deu, optou pelo túmulo entre duas ideias: pobreza e impotência.

Impotente para vencer a sociedade que lhe não restituía o seu ouro, o desesperado, aborrecendo a morte tanto como a vida, crava-se um punhal, que nem ele sabe se o vinga dos homens, se o deita no túmulo, se o sacrifica à justiça de Deus.

O ateu pensara longas horas antes de erguer-se o patíbulo; mas, nos seus últimos instantes, não era filósofo: era um algoz.

A desesperação enervara-lhe o entendimento, e robustecera-lhe o braço.

O cutelo, no braço do algoz, não tem nada com o espírito. Um e outro são máquinas de morte.

XI

E o coronel ***, e sua esposa, e seus filhinhos eram cristãos. E oravam na desgraça, e sorriam no infortúnio, e esperavam.

Esperança, filha dos céus! eterno cântico dos anjos!... bendita sejas tu.

XII

E, quantas vezes, acarinhados pelas brandas lisonjas de uma esperança, nos possuímos daquele inofensivo orgulho de felicidade, e tão perto nos persuadimos que ela vem com toda a formosura real de um belo sonho? E quando assim nos apressamos ao encontro dessa linda quimera, gerada nas entranhas do infortúnio, não será tão triste deparar-se-nos uma nova desgraça?

Muito triste. É uma luz que se apaga. Um horizonte que se fecha. Uma colheita de lágrimas na seara das esperanças.

E o sorrir da resignação, e o levantar das mãos em fervente amor de Deus, é a mais grandiosa atitude na desgraça. O infeliz é então um rei no trono das angústias. O manto de retalhos tem a majestade da púrpura. Ignácio, o mendigo de Monserrate, é maior que o gentil-homem de Loiola.

XIII

O coronel sofria muito; porque, a par do grupo querido de esposa e filhos, nunca de seus olhos se afastava o aspecto da penúria.

Á escuridade da indigência não chega a luz do amor: deixar falar os poetas.

Há sentimentos de miséria que os sentimentos da glória não podem eclipsar. A felicidade tem exaltações intermitentes de júbilo. Mas a desgraça pensa sempre, fala sempre; vela à cabeceira do infeliz; desperta-o com o aguilhão de um sonho mau; desmente-lhe as ilusões; ri-lhe a cada esperança; embrutece-o; retrai-lhe as expansões do espírito.

Onde a desgraça emudece com a consciência do penitente, que se levanta dos pés do ministro dos perdões, é na presença da cruz.

O coronel orava um dia com sua família. Maria balbuciava as mesmas palavras do pai, e parecia, com os olhos fixos nele, tomar-lhas dos lábios como um beijo e um segredo de muita felicidade na muita desventura.

A sua oração era a dádiva do Cristo: era aquela, que pendera dos lábios divinos do Mestre como orvalho para todos os ardores, como bálsamo para todas as chagas, como herança de amor para todas as gerações de ingratos.

Era esta a sua oração:

“Padre nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade...”

XIV

Alguém procurava o coronel. Amigo ou inimigo? O homem da honra nunca se nega. O que fora cristão antes de político, e pedira a Deus a paz de seus irmãos, antes de mostrar-lhes, ao sol das batalhas, o lampejo de uma espada escrava da obrigação, esse pôde ser exautorado de títulos às grandezas, de direito ao trabalho, de pão, e de liberdade, mas o opróbrio não o desanima, nem o envergonha.

A valentia moral não tem capitólios na sociedade imorigerada; mas tem-os na consciência do próprio que a experimenta. Um homem assim, decaído do que fora, apresenta-se altivo de certa soberania que parece um triunfo, ultraje dos opressores.

O coronel, se tivesse a receber as felicitações *vendidas* à sua patente de general, talvez não consentisse que tão depressa fosse aberta a sua porta.

Abriram-na.

O homem que entrara, sem dar o nome, era uma figura que, sem articular palavra, impunha silêncio aos que o recebiam. Trajava pobremente.

Quem buscase um modelo para a estátua da imagem do infortúnio, achá-la-ia naquele homem.

E, sorrindo, oferecia a mão ao coronel, que viera, chamado por sua esposa, a contemplá-lo rodeado dos filhos, que pareciam perguntar-lhe quem era o estranho hóspede.

Aquele silêncio, precursor de lágrimas, não podia conter muitos minutos corações ansiosos.

— “Quem é o senhor?” perguntou o coronel.

— Quem sou eu?! respondeu o desconhecido. — Trinta anos de clausura, e alguns meses de trabalhos desfiguram a face de um irmão!...

O coronel correrá aos braços do hóspede. Maria, organização melindrosa, que

presentia já os calafrios de um entusiasmo juvenil, estremecia daquele tremor nervoso, em que as lágrimas da alegria denunciavam alma veemente, apaixonada por tudo que é grandioso. Sua mãe tomava a mão de seu cunhado entre as suas, que pareciam erguidas em graças ao Altíssimo. As outras crianças volteavam alegres em redor do grupo, e figuravam outros tantos anjos a solenizarem aquela festa na tristeza, e aquele jubiloso alvoroço do sangue, quando o espírito se confrangia na dor.

XV

Fr. Antônio dos Anjos fora um oráculo de ciência, e um exemplo de santidade no seu mosteiro. Filho de pais opulentos, de virtudes, herança de avós corajosos de braço e espírito, o seu patrimônio de resignação não pudera a política espoliadora apregoá-lo na praça. Afeito a encaminhar, com mão segura, pelas margens do abismo, os que a dor extraviara, o monge amparava-se na altura da dignidade de mártir. No centro daquela família, quem mais paz e alegria saboreava no coração era ele. Ele, sim, que trinta anos havia, despira as galas do mundo, e envergara o hábito que desfigura as formas do corpo, e as feições da alma. Ele, sim, que trinta anos vivera pobre daquele ouro que afervora a adoração das multidões; e, então expulso da sua enxerga, e do seu refeitório, não geme a falta de um ouro, que nunca possuía.

XVI

— "Quereis a história dos meus trabalhos, não é verdade?" perguntava o monge, com sua sobrinha Maria sentada nos joelhos, e com dois dos outros abraçados.

— "Sim, sim, queremos" respondeu Maria com estranha vivacidade.

— "Não — replicou o coronel — não recordes penas que te não aliviam o receio de outras maiores..."

— "Não é assim... — tornou Frei Antônio — As aflições, que se recordam com serenidade, parecem zombar das aflições por vir..."

— "Conte, conte... meu tio" instou Maria com muita doçura, dando à voz a terna inflexão de uma súplica.

E frei Antônio, alegre como se contara apazíveis lances da fortuna, contou assim o transito doloroso dos últimos meses da sua vida:

“Viver trinta anos, vendo todos os dias o leito onde se espera morrer, e a sepultura onde o repouso do corpo continuará, foi a minha vida do mosteiro. Ao lado desse leito, e dessa sepultura, vigia quase sempre o espírito, porque na terra nem ao justo é permitida completa tranquilidade. Vigiar, é entregar ao espírito a guarda do coração; é pôr os olhos em Deus, alongá-los ao mundo da esperança, enxugar-lhes o pranto por homens, que o desprezam e o desprezam porque o não compreendem. A vigília de um monge, tem, às vezes, dores, que ninguém pode imaginá-las, sem sentir-se abrasado do santo interesse da humanidade, que se espedaça.

“Não me viste sair da casa do nosso pai, meu irmão!... Eras criancinha, e do colo de nossa mãe me deste um beijo, que me fez chorar, porque era o último, que me davas com lábios de inocência. Nunca mais te vi; mas essas lágrimas, que te vejo agora, são as do meu irmão... é impossível que o não sejam. Sabias tu que eu existia?”

— “Sabia, mas há doze anos que não tive novas tuas” respondeu o coronel.

— “Há doze anos... é verdade... Há doze anos que frei Antônio dos Anjos descera a um túmulo... O espírito vivia... mas o espírito do penitente, vinculado pela expiação à imagem do seu crime, quebra os vínculos do sangue, se os tem no mundo.

A voz do padre balbuciava estas últimas palavras, cortadas de pausas, que traíam a sua serenidade contrafeita.

Seguiram-se o silêncio, e a ansiedade.

Frei Antônio, à custa de um grande sacrifício, e de uma penosa recordação, explicou a seu irmão o estranho silêncio de doze anos.

Doze anos tinham sido o prazo em que as noites eram veladas pelo remorso do homem, que tentara uma vez quebrar a aliança que fizera com a renúncia de todos os gozos terrenos. Doze anos de purificação para quem se manchara, um minuto, na rebeldia aos estatutos da sua ordem, fora um grande prazo, uma longa expiação, um zelo suicida, talvez!

É que os homens não o compreendem. Doze anos de crimes, e um momento de remorso... isso sim, que, se não em todos os criminosos, em alguns pelo menos, é verossímil e explicável.

Esses prodígios explica-os facilmente a filosofia materialista: não é o remorso, nem os gemidos do bem torturado pelo mal, nem o temor de Deus: é a organização com seus mistérios. Mistérios na escola da matéria, onde a

natureza, positiva e carnal, é tudo! Como é que da seiva do erro se nutrem viçosas as vergôntees da verdade? As luzes faíscam do seio das trevas. Há máximas preciosas que brilham ao clarão dos incêndios filosóficos.

XVII

Frei Antônio continuou:

“Entro pobre em tua casa, meu irmão; porém a desgraça é uma riqueza, quando com ela suavizamos desgraças alheias. Contando-te as minhas amarguras não adoçarei as tuas?

— "Deus — respondeu o coronel — suavizou-m'as antes de ti, meu irmão.”

— Bendito seja Deus! — tornou o padre — era essa a resposta que eu pediria a Deus que te inspirasse!... pois bem... seja a minha história um passatempo... Peregrinareis comigo nestes infernos da terra que os homens criaram. Aqui me tendes com a túnica, e com esparto de Dante... Serei para vós o que foi o poeta para a humanidade... recriar-vos-ei...”

O frade afastara as bandas do capote, e deixara ver o hábito de S. Francisco. A majestade da sua postura excitara um calafrio respeitoso em todos, e ele mesmo, tocado pela consciência do efeito religioso daquele ato, não susteve a lágrima do entusiasmo, que é sempre revelação de espíritos ardentes. Maria, alma tão cedo estreada na poesia da dor, cedo principiara a enlevar-se naqueles transportes, que a tragédia excita em pessoas que veem o teatro pelos olhos da inocência, e não podem desmentir o que veem pelos cálculos frios da razão. Maria, pois, impressionara-se mais que seu pai e sua mãe da atitude patética de seu tio. Mais tarde confessou ela que sentira dobrarem-se-lhe os joelhos, e de certo ajoelhara, se frei Antônio lhe não tomasse as mãozinhas que pareciam ajustarem-se em adoração extática.

Esta cena fora muda. O silêncio é o desafogo das grandes emoções, que nos abafam o espírito, enturvando-nos a razão. Parece que a consciência precisa digerir esses alimentos extraordinários, que são a vida enérgica das almas flexíveis.

XVIII

Proseguiu o frade:

“Quando, há quatro meses, os religiosos de *** viram aproximar-se a hora de

entregar as suas celas à revolução, ajuntaram-se para deliberarem sobre a sua vida, como homens que daí a pouco não tinham posição alguma no mundo, que lhes valesse um bocado de pão. Alguns eram de casas remediadas, outros irmãos de fidalgos, sacrificados ao partido que lhes assegurava os seus privilégios; mas nenhum contava com asilo seguro no teto paternal, porque o temor da perseguição fazia-nos pensar que éramos homens expulsos da família, e da sociedade. Entregamo-nos a Deus. E, depois, no meio de nós estavam uns homens cobertos com o nosso hábito, vivendo conosco há muitos anos, ajoelhando conosco ao mesmo crucifixo, e comendo conosco no mesmo refeitório. Eram os nossos maiores inimigos. Velavam-nos desde matinas a completas; desde a oração comum do coro até ao último padre nosso rezado no isolamento da cela. Eram como os pretorianos de Nero sindicando os atos religiosos dos ágapes de Cristo. Chamavam-se liberais, ilustrados e amigos dos homens. De Deus sabia eu que eles o não eram. Dos homens, cruel amizade era a sua, que precisava enfeitar o seu altar com o sangue dos seus companheiros!

“Nos últimos meses da nossa comunidade... deixai-me dizer-vos uma profecia amarga: nos últimos meses das ordens religiosas em Portugal, apresentaram-se aqueles padres ao prelado, e pediram a sua liberdade. Prevenindo alguma ligeira censura, em nome da regra do patriarca, lembraram ao guardião que o punhal era a arma do homem livre, quando os algozes da humanidade não acediam aos augustos preceitos da razão natural.

“O prelado era um justo, que chegara aos oitenta anos, com os cilícios nos rins, vergando sob o peso de austeridade, aliviando quanto podia esse gravame dos ombros menos rijos dos seus subordinados. A morte, porém, era-lhe menos aflitiva que o pesar de uma tibieza de disciplina. A sua resposta foi simples:

“Deixemos vir a mão da liberdade bater à porta do mosteiro e seremos todos livres então. Uns, livres para morrer no desamparo. Outros, livres para viver de vergonha. Todos seremos livres. Em quanto a vós, meus irmãos, pedirei aos servos de Deus nesta casa que peçam ao Senhor para vós as consolações e a prudência que não posso dar-vos. Retirai-vos, que sou chamado ao coro.”

“Retiraram-se; mas, dois dias depois, ao amanhecer, foi aberta por violência a portaria. Alguns homens dali saíram vestidos, e armados como guerrilheiros. O padre porteiro, que subira à cela do prelado a anunciar-lhe o acontecimento, encontrou um cadáver. Ao passar-lhe a mão pela face topou um crucifixo inclinado sobre o seio. Ao agité-lo, umedeceu as mãos no sangue que borrifara os lençóis. Gritou. Acudiram os monges. Em volta do seu leito ajoelharam homens que choravam. Não tinham outra súplica, nem baluciavam uma palavra. Um justo estava ali morto: mataram-no seus irmãos, em nome de uma liberdade, que não consentiu ao venerando ancião a liberdade de viver mais alguns dias.

— Era preciso matarem-no para fugirem? — perguntou Maria com os olhos turvos de lágrimas.

— Não seria preciso, minha filha, mas as chaves do mosteiro são entregues ao prelado: mataram-no, tirando-lhas.

— Mas o crucifixo, — replicou ela quem lho poria sobre a face?

— Foi o moribundo a quem os assassinos deixaram tempo de pedir a Deus o perdão dos seus matadores.

— Que acontecimento tão triste, minha mãe! — exclamou assombrada a menina, tomando entre as suas as mãos de sua mãe. E continuou: Eu não pensei que os homens podiam fazer isso!... Quem me dera o céu para meus pais e meus irmãos!

— E para o tio padre, não, meu anjinho?

— Meu tio tem certo o céu, porque tem sofrido muito, não é verdade?

— Muito, minha menina; mas não é já bastante o que tenho sofrido?

— Penso que sim... Eu não sei ainda a sua vida, mas lembra-me que meu tio pode fazer que os homens sejam bons, dizendo-lhes histórias que os façam ter dó dos que sofrem.

Olharam-se todos com admiração. É que Maria contava sete anos de idade; e alguns meses de sofrimento. Predestinação!?!...

XIX

“Ao anoitecer de um dia passado em orações e sufrágios por alma do nosso chorado prelado — continuou frei Antônio — ouviram-se tiros ao longe do mosteiro. Éramos quarenta e tantos os monges assombrados pelo terror não sei se da morte, se das injustiças da humanidade a quem não ofendêramos. A igreja, escura e silenciosa, afigurava-se-me um grande túmulo, e um doce repouso. Ajoelhei. Ajoelharam todos. E lembra-me com emoção o fervor daquelas preces murmuradas como a derradeira súplica do que vai aparecer na presença de Deus. Os tiros avizinHAVAM-se, e o alarido, ao princípio confuso, era já perto um grito distinto: *morrã os frãdes! abãixo os ladrões!*”

“Eram 23 de Outubro de 1833. Que noite aquela, santo Deus!...”

“As balas ouvíamo-las zumbir, e bater na parede da igreja, e nas vidraças do zimbório. Todos os servos empregados na casa vieram ajuntar-se às nossas orações, acobertando-se com a proteção dos ministros de Deus, como débeis mulheres, em semelhante lance, buscando o inválido apoio de seus maridos. Nós não podíamos nada, quando à debilidade de nossas forças morais ajuntávamos a resignação, o abandono de nossas vidas aos decretos da Providência. Os paroxismos tinham sido longos e trabalhosos. Uma hora de preparação para receber a morte, que sentíamos avizinhar-se com a vozeria, e com os tiros, devera quebrantar-nos o espírito, aniquilando-nos lentamente a esperança.”

— E não tinham esperança nenhuma? Deus não podia salvá-los ainda? perguntou Maria.

— Nós, minha filha, não pedíamos a Deus a vida: pedíamos-lhe a salvação, a vida da alma. A morte não nos atormentava: poderia a natureza estremecer em nós com o terror do ferro, que no-la daria; mas o Eterno manda que o espírito proteja as fraquezas da matéria. É muito grande a providência do Altíssimo! Quando a morte se nos apresenta como um decreto irresistível, sentimo-nos tanto mais longe da terra, tanto mais perto da eternidade, quanto a esperança da vida nos foge, e o frio da morte se chega. O que seria a morte do ímpio, apegada à vida, se não fosse esta resignação providencial, este esquecimento próprio, este mortal entorpecimento do corpo, antes que o espírito se deprenda das algemas, que parecem apertá-lo mais na hora final?... Maria, tu entendeste-me?

— Penso que sim, meu tio. Deus quis que a morte lhe parecesse um bem, em comparação do mal que estava sofrendo: não é assim?

— Sim, meu anjo. Deixa-me beijar-te que és uma boa parte da indenização que a misericórdia divina me dá pelos meus padecimentos.

XX

“O mosteiro estava cercado de povo, atraído ali por um homem, que, depois de conspurcar uma patente no exército realista, e avexar com despotismos os constitucionais, viera buscar refúgio entre nós. — Algumas balas bateram contra a porta principal da igreja mas não puderam vará-la. Outras vinham, através das frestas, encravar-se nos altares. Uma, batendo na lâmpada do SS. Sacramento, apagou-a, espargindo os estilhaços de vidro sobre nossas cabeças. Não se ouvia uma exclamação de dentro, nem um ai aflitivo dos que ali rezavam ajoelhados, quando um de entre nós proferiu em voz alta o ato de contrição. Então, sim, as lágrimas rebentaram de todos os olhos: o espírito resurgiu da prostração em

que caíra, e as vozes harmonizaram num murmúrio profundo, arrebatado e majestoso como um *de profundis*.

“Os gritos de fora eram ameaças de morte, sem exceção de pessoa, senão abrissem a portaria. Nenhum de nós abandonou a sua humilde postura de mártir. Sentimos que se arvoravam escadas às janelas laterais do templo: ouvimos um machado, cem machados lascando as portas. O eco das pancadas reboando pelas naves tinha em si um não sei que de terrível, que fazia arrepiar os cabelos e gelar o coração!

“Rasgada uma fenda na porta, entraram alguns poucos que franquearam as portas à chusma de povo.

“Era noite alta. Não se via aí um homem grave sobre quem pesasse a responsabilidade desta sacrílega violência. O relógio do mosteiro dera onze horas, e nunca tão melancólico me pareceu o som daquele bronze, que, havia quinhentos anos, chamava as turbas à oração, e naquele instante, assinalava a hora da carnificina dos ministros de Jesus Cristo. O tropel daquela gente denunciava uma multidão grande. Sentimo-los aproximarem-se amotinados, gritando, uivando, rugindo, como tigres que partiram as grades da jaula, como possessos que deliram na sede febril de sangue. E, topando-nos de joelhos, virados para Deus, e quietos como fantasmas imóveis, pararam. Reinou um silêncio de minutos. O anjo bom daqueles homens calou-lhes por momentos o grito sanguinário. O pensamento do bem, a ideia de Deus passou-lhes pelo coração instantânea e fugitiva como a réstia do sol por entre as nuvens torvas da tempestade. Os instrumentos do mal não podiam renunciar a sua missão. Cada um de nós sentiu a mão de um inimigo arrancá-lo com violência à sua imobilidade. Um grito deu alento a todos os gritos. *Morram!* era o mais distinto, era o bramido sinistramente harmonioso de muitas vozes. Senti algumas coronhadas de arma acurvarem-me a cabeça para as lájeas do altar, salpicado do sangue que me ressaltara do nariz e da boca. Dos meus companheiros ouvi alguns gritos que me pareceram de estertor; e senti que alguns vinham arrastados.

“Não pude presenciar as agonias de meus irmãos misturadas com as minhas. Uma baionetada, varando-me uma perna, fez-me perder os sentidos, e cair com a cabeça no degrau do altar de Nossa Senhora, onde despertei depois.”

XXI

— No altar de Nossa Senhora... no altar de minha madrinha!... exclamou Maria, com a face coberta de lágrimas. — E, depois, meu tio — continuou ela — que lhe sucedeu, quando tornou a si? Não lhe fizeram mais algum mal?

“Os flagelos não tinham ainda principiado, minha querida menina. Tu verás que a dor de um golpe, não punge tanto como o escárnio de uma afronta moral. Quando recobrei o sentimento, pedi a Deus que me fechasse os olhos, e logo em seguida lhe pedi perdão da minha súplica. Compreendi nos meus padecimentos a expiação dos crimes da humanidade e a redenção dos meus pecados. Fui aí trazido a pontapés, quando o sangue me escorria da ferida. Fizeram-me, e aos meus companheiros, servir canecas de vinho àquela gente, que se movia em ondas pelos dormitórios, bramindo na embriaguez do seu ódio. Quando a custo me pude desviar do tumulto, comprimi com o meu lenço a ferida, e esperei ensejo de poder fugir para morrer em paz debaixo de algum teto piedoso. Não pude. Ao amanhecer fomos levados à casa do noviciado, e fechados à chave com vigias à porta, para não tentarmos o arrombamento.

“Olhávamo-nos com uma espécie de idiotismo doloroso. Não sabíamos palavras de consolação, porque a amargura era extrema em todos. Em tamanha aflição tínhamos só a linguagem da aflição: orávamos. E nem um só reclinou a cabeça no chão para adormecer a agonia. Parece que o travo da morte, assim demorada, adoçara o coração de tantos infelizes. Nunca eu senti em mim tão santa, tão divina a influência do temor de Deus. Esperava amanhecer na eternidade, à luz da justiça eterna, e da misericórdia do Sumo-Bem. A oração pelos meus inimigos era de um sabor indizível, de um alívio íntimo, que tanto mais se prende à criatura quanto ela se resigna nas tribulações! Bendito seja nosso Senhor Jesus Cristo, que por cada aflito reparte uma faísca daquele incêndio de caridade em que expirara na cruz, pedindo a seu pai o perdão para seus matadores!”

Frei Antônio não pudera, se quisesse, represar as lágrimas. A sua família chorava, porque a voz convulsa, soturna, e sombria do padre, entrava no coração dos ouvintes, como as últimas palavras do sacerdote no espírito do cristão agonizante.

“O sol — prosseguiu o padre — coava pelas frestas do noviciado uma réstia pálida, que iluminava um crucifixo, esquecido pela populaça. Se cada um de nós fosse particularmente consultado em seu coração, no momento em que aquele raio do sol nos alumiou, dissera a devoção fervente com que saudou a luz do céu, irradiando-se na efígie augusta do Criador do céu e da terra.

“Decorreu uma hora, sem que o silêncio nos fosse quebrado por alguma voz. Julgamos abandonado o mosteiro como cidade viúva de seus filhos e espoliada das suas alfaias. Um de nós foi à porta escutar, e desmentiu as nossas conjecturas. Junto à porta ressonavam profundamente as nossas guardas.

“Soaram nove horas, quando os primeiros ecos reboaram pelos dormitórios. Como atalhias noturnas, os brados reproduziram-se, reforçaram e subiram ao

alarido compacto com que principiaram. Os vitupérios vinham, como ondas sobrepostas, bater à porta do nosso cárcere.

“A porta foi de improviso aberta. Mandaram-nos enfileirar. Cercaram-nos como a animais estranhos, que movem a curiosidade. Enquanto éramos insultados por palavras de um outro menos sofrido e mais ultrajador, cuspiam-nos na face, e arrancavam-nos os cabelos. As mulheres, com as faces rubras do vinho, e com as línguas afiadas no sarcasmo vilão e truanesco do seu ofício, soltavam-nos aos ouvidos risadas ferozes, misturadas com empuxões que nos davam ao capelo, e aos cordões do hábito. Esta situação penosa e indizível durou meia hora.

“Mandaram-nos sair, escoltados, e fazer alto no pátio do mosteiro. aí lançaram ao primeiro uma corda ao pescoço, que vinha encadeando um por um até ao derradeiro monge. Depois mandaram-nos curvar o pescoço tanto quanto fosse preciso para assentar uma albarda. Penduraram-nos algumas campainhas ao pescoço, e mandaram-nos andar.

“Caminhamos uma légua, e fizeram-nos parar para reconhecermos um cadáver que se dizia pertencer ao brigadeiro realista Pessoa. Era efetivamente o seu. Dias antes estivera ele em nossa casa, já de retirada para a sua, visto que as forças sitiadas do Porto começavam a dispersar. Pedimos-lhe que se acautelasse porque os seus maus feitos tinham excitado o ódio, e a vingança. Respondeu-nos, que tinha um salvo-conduto na sua honra, e na sua consciência pura. A sua consciência não devia estar tranquila... Este mau homem fora morto numa ribanceira pedregosa que nos ficava ao lado esquerdo da estrada.

“Caminhamos outra légua, e fomos metidos numa cadeia, onde mal nos podíamos mexer. As prisões do pescoço afligiam-nos muito; e a sentença de morte fora-nos lida quando entramos, no caso de quebrarmos a “arreata” como eles nos disseram.

“Não vos posso contar com miudeza que tormentos provamos durante vinte dias que aí vivemos. O frio, a fome, a insônia, a falta de respiração, todas as privações que pode sofrer um homem, Bendito seja Deus, complicaram-se aí... Que padecimentos! A piedade tremia de aproximar-se do nosso infortúnio. Homens bem trajados apiedavam-se; mas temiam o povo esfarrapado. Algum bocado de pão vinha através de dificuldades, e no ardor da sede as lágrimas serviam-nos de refrigério aos lábios queimados da febre.

No fim de vinte dias foi-nos dada a liberdade, sob a condição de não caminharmos para o sul. A infração desta lei implicava pena de morte. Pensavam que viríamos procurar o exército do sr. D. Miguel. A condição era escusada para mim. Ministro de Deus, jurado à caridade e às humilhações, o meu braço, consagrado à elevação da hóstia, não levantaria o ferro contra

homens, ou bárbaros, ou portugueses. Eu maldigo em nome de Deus os meus irmãos que borrifaram de sangue a túnica legada pelos apóstolos. A arma do sacerdote é o coração votado a abrandar a justiça do Altíssimo, que faz dos homens o instrumento de sua vingança contra homens. Se me chamassem ao mais perigoso de um combate para acalmar, em nome de Deus e da caridade, as iras sanguinárias dos partidos, eu cruzaria as balas, e as baionetas travadas, corajoso, como um filho da pátria, e um sacerdote de Cristo. Viria, meu irmão, viria ajoelhar-me na frente do teu regimento, e pedir-te em nome da tua esposa e de teus filhos, que me deixasses falar ao rei antes que mandasse voar a morte das espingardas dos teus soldados.

Estás ansiosa pela continuação da história, minha menina? Olhas tanto para mim!... Tens entristecido com as desventuras do teu pobre tio?

— E tenho chorado... o tio não vê?

— Vejo, vejo, menina. E sabias que no mundo havia homens que fizessem assim padecer outros de quem não receberam alguma ofensa?

— Pensei que não... Meu pai, e minha mãe, e meus irmãos são todos tão bons, tão meus amigos, tão dados uns com os outros... e eu não conhecia mais ninguém. E como é possível ser-se assim tão cruel, diga-me, meu tio?

— Digo... direi, minha filha... mais tarde... Queres agora o fim da minha triste peregrinação até à casa de teus pais?

— A tua casa, meu irmão — atalhou o coronel.

— Sim, sim, a sua casa, meu caro irmão — disse a esposa do coronel.

— Pois não somos nós todos a mesma família?! — perguntou Maria com um sorriso de cândida alegria e admiração.

— Graças vos sejam dadas, meu Deus! — exclamou o padre.

XXII

“Éramos vinte e dois homens abandonados à Providência, sós com a nossa desgraça, sem futuro e sem esperanças de alcançar um bocadinho de pão mendigado. Eis a nossa situação. Era forçoso separarmo-nos. Companheiros de noviciado, quase amigos de infância, discípulos, presos ao céu e ao sacrifício por um laço comum, afeitos a harmonizar as nossas vozes em ação de graças, a dobrar os joelhos no mesmo chão, a comeremos à mesma mesa, a sofreremos ao

mesmo tempo os flagelos que atraíramos sobre nós, porque em todas as nossas frentes fora escrito o caráter indelével de nossa humildade... Eu não tento dizer-vos como foi amargo, como foi chorado aquele adeus... *para sempre!* “Antes o martírio, e que nos apartem!” exclamava um em quanto outro, debilhado em lágrimas nos braços de seus companheiros, pedia um túmulo para todos nós! Foi um lance cheio daquela nobre dor, que tanto honra o coração humano. O suplício da separação daquela pequena sociedade cujos membros, não cansados, não egoístas, amavam-se como virgens na esfera inocente dos seus amores de colégio... podereis vós compreendê-lo, meus amigos? Não! Deus quer que não! É sentir-se a morte, que parece deixar no coração um alento de vida para o tormento da saudade; mas aniquila todas as alegrias, todas as esperanças... que são a vida na terra.

“E separamo-nos!... que irresistível império tem a desgraça, meus filhos! Recuávamos a cada passo para um novo adeus, para um novo gemido, convulso, apertado na garganta, como se a dor nos fosse proibida. Este doloroso trance demorou-se muito. Alguém, condoído de nós, avisou-nos dos rumores que corriam a nosso respeito na vila próxima. Dizia-se que tencionávamos, reunidos, caminhar para onde nos fosse possível pegar em armas. A calúnia podia tudo então. O ódio foi fértil em pretextos... Ora o amor da vida fez calar o grito da saudade. Demos o último Adeus. O último... foi o último, meu Deus!... Diz-me o coração que sim.

“Entre numa aldeia, onde fora pregar um ano antes. Pedi gasalhado na casa de um lavrador. Foi-me negado. Não instei. Fui à porta de um jornaleiro: achei-a franca. Era assim o seu coração, porque o pobre, sem vergonha nem pesar de o ser, tem uma alma cheia de bondade. Pedi-lhe umas palhas: deu-me a sua cama, a sua manta e o seu lençol de estopa. Não lhe pedi mais nada: mas o pobre deu-me o seu caldo, o seu pão amassado em suor, e o seu apresigo, produto das economias da semana para solenizar o dia do descanso. E adormeci abençoando o pão do pobre, em quanto ele, sentado ao lar, rezava o seu rosário, ou espertava a fogueira para me ser menos sensível a pouca roupa da cama; O pobre será sempre o eleito, o ente privilegiado para as virtudes práticas do evangelho. Jesus Cristo adoçou-lhe o travo da penúria, dando-lhe ao espírito o antegosto das riquezas que entesoura no céu.

“Adormeci.

“E alta noite, fui acordado em sobressalto pelo meu hóspede. Ouvei tiros. “Que é?” perguntei eu. Não sei ao certo, senhor. Há pedaço que ouço estes tiros, e estou com medo... “Que venham ter conosco?” perguntei eu. “Sim, senhor; mas eu vou ver o que é” respondeu o bom homem.

“Eu quis contê-lo; mas ele convenceu-me da segurança da sua empresa.

Quando voltou, disse-me que tinham sido mortos dois frades do meu convento em casa de um tal lavrador. Imaginai o meu terror. Quis saltar fora da cama, trocar o meu hábito por alguns farrapos e fugir; mas o jornaleiro estorvou-me com boas razões. “A casa de um pobre, disse ele, é mais segura.” Não a perseguem as grandes desgraças, porque também a não procuram as grandes felicidades — disse eu na minha consciência. Orei por alma dos meus infelizes amigos, se o seu martírio não era expiação bastante de suas faltas.

“Amanheceu, e tive mais informações. Dizia-se que dois monges desfigurados vieram bater à porta do lavrador que me tinha recusado a entrada. A porta foralhes aberta, porque ninguém de casa os conheceu ao princípio. Recolhidos, foram logo conhecidos; mas era tal o seu contentamento, e a sua linguagem que o lavrador adormeceu descansado com os seus dois hóspedes, que, por mais de uma vez, declararam com arrogância que já não eram frades. O lavrador não os compreendeu. Mas, alta noite, uma guerrilha forçara a porta, entrara e matara os dois desgraçados que tiveram a louca ousadia de resistir com bacamartes, depois de malogradas as suas razões. Surpreendeu-me esta notícia! parecia-me um conto disparatado!

“O jornaleiro arranjou-me um fato semelhante ao seu. Desfigurei-me. Providência de Deus! No instante em que me vestia, olhei para a ferida que recebera na perna, e encontrei-a quase cicatrizada! É quando o ateu o reconheceria o anjo do Senhor, pensando as chagas da alma e do corpo àqueles que o confessam!

“Saí. O quinteiro do lavrador estava a trasbordar de povo. Conheci que os cadáveres estavam no centro. — Atravessei a multidão, até junto do carro onde os mortos estavam... recuei horrorizado! Senti precisão de gritar: “justiça de Deus!” mas cedi a um sentimento igualmente grande. Do meu peito saiu outro grito: “misericórdia, meu Deus!”

“Informe-me. Estes dois infelizes caminhavam para suas casas, com o cofre das economias do convento. Eram os assassinos do venerando prelado.

“Aquele sangue escrevera na face de tais homens uma lúgubre sentença de punição. Quem seriam os instrumentos de vingança? Ignora-se.

“Meus amigos, erguei a Deus as mãos, e os corações. Oremos pelas almas dos meus desgraçados companheiros!”

E oraram de joelhos. Maria tremia como de susto.

Não me demorei tempo algum nesta aldeia — disse frei Antônio — Pedi ao meu pobre benfeitor que me guardasse o meu hábito, e prometi pagar-lhe o seu, que ele me deu com lágrimas de contentamento.

“Caminhei incógnito, pedindo esmolas. Atravessei dez léguas para o norte, e assim assegurava cada vez mais a minha vida, não infringindo a condicional de morte, se eu caminhasse para o sul.”

O padre soltou aqui um sorriso de ironia inofensiva e continuou:

“Achei-me no Vale de Aguiar, ermo de paz, de tristeza santa. Cercado de montanhas pedregosas, a planície abrange duas léguas, e perde-se na pitoresca Vila Pouca de Aguiar. Tão profundo foi o meu desalento quando aí me vi. Quanto depressa me afiz àquelas várzeas, e àquele céu que parece firmar-se nas cristas das montanhas.

— E como vivias aí, Antônio? perguntou o coronel.

“Vivia à sopa de um lavrador... Pasma, meu irmão.

— Entristece-me de ver a miséria a que pode descer um homem do teu nascimento.

“Do meu nascimento! disse o padre, sorrindo — O que é o meu nascimento!... Essas jerarquias são filhas da nossa miséria; a desgraça não conhece nem o fidalgo nem o jornaleiro... Não me lamentes, meu irmão. O homem só reconhece a sua dignidade quando vive pelo trabalho do braço ou da inteligência. Que maior nobreza querias tu que eu tivesse? Eu antes queria granjear assim nobremente o meu pão com o meu braço, e o coração, cheio de vontade. E pensas tu que a sociedade estaria corrupta pela jerarquia, se a ociosidade não estivesse em guerra constante com o trabalho? Medita, meu irmão, e verás que este país tinha excrescências, que o obrigaram a deitar-se no doloroso leito de Procusto em que o ouvimos gemer... e gememos todos.

— Deixemos filosofias. A minha querida sobrinha quer que eu lhe diga como vivia...

— Isso já eu sei... era trabalhando... — atalhou Maria.

— Trabalhando, sim, por um salário de jornaleiro, e agradecendo ao Altíssimo a robustez com que me dotara sentindo-me até com forças para poder lançar mão da enxada, e roçar um carro de tojo. *Roçar um carro de tojo* é sentir a gente a cada instante a precisão de arrancar espinhos que se cravam nas mãos e nos pés. É ir com as gabelas às costas empastá-las no carro, arfar de cansado,

limpar com a manga de uma vestia de borel a face alagada de suor, carrear outra e outra gabela, durante um dia inteiro interrompido por uma hora do dia em que se come um caldo de couves, e umas batatas salpicadas de sal. Ajoelhava a pedir a Deus coragem, forças e resignação: não lhe pedia melhor pão, nem melhor vida. Sabei que o temor de Deus é uma renúncia, que a matéria do homem faz ao espírito, que é do Criador. A Providência transfigura o infeliz, ao passo que o infortúnio lhe vai mudando em dor as lágrimas. E, se não, dissei-me: quem me obrigou a mim a ocultar o nome que poderia aliviar-me de alguns rudes trabalhos de lavoura? Não poderia eu ser mestre de meninos? Não tenho eu o meu carácter de ministro do altar, e a minha pobre inteligência para remediar num púlpito o ministério apostólico? Tinha, e vivia em terra que me daria proteção. E, com tudo, nunca me escasseou o alento para trabalho mais pesado, nunca me senti doente ao levantar-me da minha enxerga, antes de amanhecer, para vigiar os frutos, em que me estava garantido pela onipotência do Senhor o prêmio do meu trabalho. Os monges primitivos da minha ordem como é que viviam? Não cultivavam eles os seus campos, e não cosiam os panos da sua túnica? É que ainda então não viera o privilégio e a classe santificar a inércia do corpo em virtude da vária cor dos sangues. Santo Deus, como são pasmosos os caprichos que rebaixam a majestade do homem trabalhador, alteando ao fastígio do acatamento o ocioso por mercê de uma herança!...

XXIV

“Finda a guerra, expirava a condição da minha liberdade: caminhar sempre para o norte. Comecei a sofrer saudades da minha família. O coração vaticinava-me que vós existíeis. E, depois, a vontade era enérgica, e irresistível. Pareceu-me sobre-humano o estímulo. Despedi-me dos meus benfeitores. Rodearam-me os filhos, e choramos todos. Traí-me em algumas palavras que soltei. Arrebatou-me a poesia daquele adeus. Fitaram-me com espanto: queriam pedir-me perdão... “de que, meus filhos?” perguntei-lhe eu!... Deus permitiu que eu me desmentisse. Parti.

“Trilhei os passados vestígios da minha jornada. Paguei o vestido que o jornaleiro me vendera. Recebi o meu hábito: bem o vedes; mas o capote? perguntais vós. O capote é a esmola de uma missa que devo às almas do Purgatório. A fome estorvou-me o passo muitas vezes nas sessenta e cinco léguas, que nos separavam. à maneira do homicida, que foge à justiça dos homens, perdi-me por atalhos e devezas, que me dobraram o caminho. Os ultrajes vexaram-me quando a fimbria do meu hábito me denunciava. Algumas vezes tive em resposta, pedindo, uma ameaça, uma insolência, um epíteto injurioso.

“Está fechada a minha Ilíada de lágrimas. Deixai-me engrandecer até à valentia

moral do bravo capitão de Homero. Os cabelos branquearam-se-me em três meses; mas venci a desgraça, porque nas mãos do Onipotente fui instrumento de fortaleza.

“Meus amigos, não quero que a minha história descaia em sermão. Eis-me convosco. Somos todos pobres, não é assim?”

— Ninguém é pobre, quando ama, meu irmão — respondeu a esposa do coronel.

— É uma grande verdade, minha irmã — prosseguiu o frade — o amor é uma luz que não deixa escurecer a vida; é refletida do astro eterno; irradia-se de Deus. E é verdade que me estimais como vosso? Não vos obrigo à resposta. Deus quer indenizar-me. Estes meninos são os queridos do Senhor: falam pelos lábios da inocência: vê-se que me amam, e me querem: é assim, Maria?

— Muito, meu querido tio! — E abraçava-o com entusiasmo e alegria, como se quisesse consolar os pesares do venerando velho. E abraçavam-no todos.

Frei Antônio dos Anjos, com seus sobrinhos nos braços, ajoelhou, exclamando:

— Graças vos sejam dadas, meu Deus! Destes o amor em recompensa ao homem atribulado! Trouxestes o pobre velho pela mão ao seio da sua família! Provaste-o em todas as amarguras; e não consentiste que o frágil barro fosse quebrado.

LIVRO II

I

Tinha custado muito sangue, esterilmente derramado a solução de um problema que, havia muitos séculos a humanidade procurava resolver: a miséria. O processo escolhido em cada século para o mesmo resultado, tinha sido idêntico: a guerra ao rico, em nome do proletário. A única situação real, que os homens podem consolidar no marulho fervente das suas utopias, é conciliar pelo socorro-mútuo duas ideias que parece repelirem-se: a pobreza e a felicidade. Mas esta situação que as escolas da filosofia materialista chamavam absurdo, realiza-se pelo dogma da Associação que é a tradução da fraternidade, que o cristianismo afervora: é a felicidade do homem do trabalho sem atentar contra o rico. Tão sublime ideia, tão grandes fatos têm-se operado num grande centro, que, inspirado por Deus, irradia uma luz evangélica por todos os homens.

Enlaçar num abraço voluntário a pobreza e o contentamento, esposar estes dois predicados que lutam rancorosamente no coração da humanidade, amigá-los, movê-los a dulcificarem-se, identificá-los para que o divórcio os não desligue num repelão desesperado: tal prodígio, um consórcio assim só na prática do socorro-mútuo pela associação pode operar-se, porque é a genuína tradução do Evangelho que Jesus nos deixou recomendado.

O incrédulo do cristianismo e da associação ao passar na sua carruagem, assaltado de cuidados, pela porta do operário, sente-se afrontado pelas risadas alegres que lá vão dentro daquele sótão raso com o chão. Tal homem não possui o capital que mais felicidade produz. Não sabe que a religião e o socorro mútuo são o incentivo do trabalho. Compreende, apenas, que o trabalho é o capital único do proletário. Julga ele que o artífice alquebrado de vigor, no fim do dia, atira com o corpo às palhas do repouso para mentir no sono aos flagelos do dia futuro. Não sabe que o amor em todo o tempo, em todas as idades, e em toda a hora do dia, é quase um exclusivo do pobre. Não sabe que o artista é pai, é esposo, é cristão, e possui um tesouro de afetos que o deixam à beira do túmulo para entrarem no seio de Deus, como paga de um empréstimo contraído para adoçar as amarguras da terra. Não sabe que o socorro-mútuo derivado do trabalho faz a tranquilidade do homem laborioso.

A família do coronel... era como a família do artista. Ali, a pobreza tinha sorrisos, a resignação um triunfo, e os desgraçados um exemplo. O coronel ensinava primeiras letras. Fr. Antônio dos Anjos ensinava latim. A esposa do coronel com quatro filhos entrançavam cordões para dragonas e penachos. Maria, aos oito anos, copiava música e fazia flores.

— O trabalho! meus filhos, o trabalho! — exclamava padre Antônio, estendendo em veneranda postura o braço sobre a mesa, em redor da qual uma família alegremente saboreava um parco jantar.

Estariam eles esquecidos do seu passado? como puderam amoldar-se aqueles espíritos às angustiadas urgências, ao passadio mesquinho de operários? A soberba da educação não se rebela contra a lei opressiva da necessidade?

Não. O anjo de Deus viera sentar-se no limiar do infeliz, e o demônio do orgulho não pode tramar as conspirações do ócio contra a família laboriosa. Frei Antônio era o anjo dos alentos, da resignação, e das esperanças. Venturas que ele via no futuro, ninguém as via; mas acreditavam-nas todos, porque as suas promessas tinham a unção da profecia. E não era calculando eventualidades políticas, nem tronos arruinados, nem batalhas feridas no seio da pátria, que frei Antônio aventurava promessas. Onde a inspiração lhe vinha não sabia ele dizê-lo; mas o santo homem nunca, se levantava dos pés da cruz, que não trouxesse aos seus uma palavra de esperança, um vaticínio misterioso.

— É o céu que o tio nos promete... — dizia Maria, sorrindo para sua mãe, e recortando a folha de um lírio.

— E que melhor promessa, minha filha? — respondeu a mãe sem levantar os olhos do seu trabalho.

— Queres dar a tua lição, menina? — perguntou frei Antônio, anediando os cabelos negros de Maria.

— Sim, meu tio, mas sem despegar do trabalho, porque tenho grande tarefa. Hoje há de, permitindo Deus, ficar pronta esta flor; disse-o a mãe... senão... o tio bem sabe...

— Senão o que, minha filha? — perguntou a mãe.

— Senão... — tornou Maria sorrindo com graciosa malícia — não merendo.

— O teu sorriso faz-me chorar... — disse a mãe, limpando os olhos, e violentamente sorrindo.

— Temos lágrimas? Ora vamos... — atalhou o padre, dando às palavras um tom de risonha ameaça.

— Não, que minha mãe é assim! — tornou Maria. — Não pode mesmo a gente fingir que é infeliz! Permita Deus que todos se julguem tão venturosos como eu. Tenho pai que amo tanto, e mãe que mais não posso amar! sou tão feliz!... Minha mãe não podia ser também assim, se achasse a ventura no meu amor?!...

— Ó minha filha... exclamou a mãe. — Obrigas-me a pedir-te perdão... Castiga-me Deus pelos lábios da inocência... Sim... eu sou muito feliz...

E abraçou-a impetuosamente como impelida por um amor que a transportava.

O coronel viera testemunhar este lance. Parou respeitosamente diante do grupo, em que avultava o padre levantando maquinalmente as mãos para o céu, jubiloso de um sorriso todo alegria, todo luz, que parece cintilar no semblante do justo. E o mais é que as lágrimas vieram solenizar aqueles extremos de alegria! Choravam ambas, mãe e filha, com as almas afinadas pela mesma emoção, pelo mesmo entusiasmo no amor.

Frei Antônio antevia a nova organização econômica e social que há de corrigir suavemente as velhas imperfeições da sociedade.

— Mãe, filha, e todos nós — dizia o coronel — seremos felizes com as vossas

inspirações.

— O contrário seria um crime, meu irmão! — respondeu frei Antônio, tomando-as ambas, abraçadas ainda, entre os seus braços.

II

A vida desta família corra assim três anos. O dia de hoje, empregado em granjear a subsistência do de amanhã, prometia a mesma tranquilidade nos dias sucessivos. E assim passavam.

Frei Antônio era o mestre de Maria. A educação literária, que lhe dava, não era simples. Apaixonado pelos seus, e pelo esplendor da sua pátria, frei Antônio afeiçoara o espírito de sua sobrinha aos moldes graves da poesia Portuguesa do século 16. Fizera-a decorar a história nos cantos das epopeias; afinara-lhe o gosto no arrebatamento daquele gênio, que deu lições de resignação aos desgraçados. Camões era mais que um poema decorado por Maria. A cada verso era interrompida, e o poema tornava-se, comentado pela eloquência do padre, um fecundo manancial de moralidade. O sábio não se contentava com o amor exclusivo da sua literatura. Frei Antônio amava alguns livros franceses, e os italianos de todos os séculos. Maria aos dez anos conhecia as duas línguas, e lia, nas horas vagas desocupadas da noite, com percepção admirável. As suas lições não interrompiam o trabalho das flores. Em quanto de entre os dedos lhe brotava a rosa, incendiavam-se-lhe as faces, lindas como a flor, pelo calor nervoso com que expunha episódios de história, adaptados à sua inteligência pelo estilo enérgico do seu tio. Seus irmãos, mais velhos que ela, porfiavam em imitá-la, e sentiam-se feridos no amor próprio, quando a viam voar pelo mundo da inteligência, defeso à sua. Maria era um prodígio — dizia o pai: — era forçoso reprimi-la na audácia das suas dúvidas sobre motivos religiosos, porque frei Antônio com horror à superstição e fanatismo não tolerava senão a religião na sua maior pureza. “Maria, tinha uma razão, capaz de perder-se por muito enérgica” acrescentava o mestre.

Maria, aos doze anos, mostrava singular desenvolvimento de compreensão. Não se lhe dificultavam as entidades ideais da metafísica, e lecionava seus irmãos na arte de pensar, como se ao seu espírito descessem do céu revelações das que encaminham a razão direita ao alvo das verdades eternas. O juízo, porém, essa faculdade, que não tem ainda o nome na ciência do coração, esfriara-lhe o entusiasmo, que, dois anos antes, lhe acalorava a infantil eloquência. Havia tristeza na amostra do seu talento. Parecia violentar-se quando a estimulavam a revelar a sua opinião em objetos de sabedoria. Até não queria ser galardoada com aplausos, e corava, se a faziam inveja de seus irmãos. Pedia que a deixassem no seu ofício de florista, dando-se por contente do pouco que sabia,

pois pouco bastava a uma mulher, que não podia repousar a cabeça, e adormecer no seio da ciência. A formosa artista tivera um piano, em que dedilhava os seus primeiros ensaios, quando seus pais o venderam. Tomara a peito um peso enorme de trabalho, esperando acumular dinheiro que lhe restituísse o seu piano; e conseguiu-o, quando o seu nome se fez célebre, naquele gênero de enfeites, que a moda pagava caros.

Em casa do coronel de ***, até esta época, nunca se reuniram a um chá pessoas estranhas. Aquelas portas fecharam-se: o hábito aplaudiu essa deliberação forçada pelas circunstâncias; e, quando estas mudaram, não foi levemente alterada a sabia economia, que tanto concorrera para a felicidade daquela família.

Não obstante, o nome de D. Maria dos Prazeres não esquecia nos grandes círculos, nos salões do luxo e da moda. A esse nome estava vinculado o prestígio de uma família ilustre, nublada pelas tempestades políticas. Pintava-se com traços exagerados, talvez, a transição da opulência para a miséria; faziam-se romances, mais ou menos idealizados pelo gosto da época; contavam-se assombros de um gênio que o infortúnio acanhava, em forçada obscuridade. Ninguém vira de perto D. Maria dos Prazeres, ninguém a encontrara fora da rua por onde ia à igreja; mancebos, porém, que precisavam interessar na sociedade, cansada de lugares comuns, diziam que a tinham ouvido um minuto, dois minutos, cinco minutos, maravilhados da sua formosura, e pequenos diante da sua eloquência.

III

O nome de Fr. Antônio dos Anjos vulgarizou-se com o de sua sobrinha. A ligação de mestre e discípula apregoava as duas pessoas com igual elogio.

Um fidalgo de Lisboa quis conhecer o egresso. Achou-o semelhante aos gabos, que o engrandeciam. Honrou-o com atenções e obséquios, que ocultavam um fim honesto. O fidalgo tinha um filho de dezoito anos, rebelde aos rudimentos das boas ciências, mas em demasia versado nesta alquimia do mundo, em que o libertino devora primeiro o cabedal da sua virtude, e sacrifica depois a virtude alheia, como o escravo infeliz daquele prestígio queimava no cadinho a sua subsistência, e seduzia depois os outros a empobrecerem-se.

Fr. Antônio, instigado pela caridade que lhe impunha a salvação de um naufrago, aceitou a empresa, recusando a feliz perspectiva que devia remunerar-lhe o seu trabalho.

O padre considerou-se imprudente em anuir, quando viu a funesta impressão

que tal notícia causou em sua sobrinha, particularmente. Roubarem-lhe o anjo da infância, quando, adulta, mais carecia daquele esteio a que o seu coração se acostumava, era penalizá-la com saudades inconsoláveis: era uma crueza, não de um estranho, mas de seu tio, que não tinha precisão de assoldar-se ao pão alheio. Esta sua queixa, justificada com profunda tristeza, e contínuas lágrimas, punha o coração do velho até ao extremo de o lançar no leito da doença. Era irremediável a promessa indiscreta: a palavra de honra, que lhe fora pedida pelo fidalgo: a obrigação que se impôs de arrancar à libertinagem, que dominava grande parte dos antigos fidalgos, um mancebo perdido.

Maria, quando viu adoecer seu tio, ministrou-lhe o bálsamo da ferida. Ela mesma, repesa da severidade de seu amor, pede-lhe que vá repartir com os necessitados o pão da ciência e da virtude, que, tão farto repartia com ela.

— Era pecaminoso o meu egoísmo!... — lhe diz — Não pude vencer-me! O meu coração é impetuoso. Meu tio não quis remediar-me este defeito, reprimindo-me a dedicação com que, há seis anos, correspondo à sua amizade. Ambos somos culpados; mas eu sou mais... Fui precipitada. Lembrei-me que era abandonada, por ser esquecida algumas horas do dia!... É forte criança, não é, meu tio?

— Eu!... esquecer-te... minha filha!... — balbuciou o padre.

— Bem o disse eu! É muito meu amigo... leva a minha imagem no seu coração para onde for... tem-me ao seu lado nas suas orações... responde ao meu coração que lhe pergunta a adivinhação destes segredos que eu tenho aqui, e só meu tio me adivinha... é tudo isto... sim, meu caro tio?

— Sim, tudo, minha menina.

— Oh meu tio! — continuou ela exaltada — não nos podemos separar. A inteligência é um fio elétrico. Há vibrações na minha alma, que, se meu tio as não ouvisse, seriam perdidas, como as notas de uma harpa tocadas pelo vento em cima de um sepulcro deserto. Meu pai, e minha mãe, e meus irmãos, quero-os para o amor, quero-os para o coração, morro pela sua felicidade se m'o exigirem; mas o meu espírito precisa de alimento, a minha inteligência quer um pasto ideal que não acho aqui, se meu tio me desampara. Não vê que foi um impulso providencial, que o trouxe aqui salvando-o de tantas mortes que lhe embaraçaram o caminho? Eu não tenho sido ingrata a Deus: ergo-lhe as mãos todos os dias, reconhecida, humilde, mas venturosa de ter nascido sua sobrinha!... Não me faça persuadir que Deus olha com indiferença as minhas preces...

— Maria, interrompeu o padre, tu não pensaste o que dirias antes de vires ao

meu quarto!... Magoaram-me as tuas últimas expressões... Não me pareceram tuas...

E Maria arquejava sem desafoço. Parecia não escutar o tio.

— Vem cá, minha filha — continuou ele, estendendo-lhe a mão, com um sorriso afável — vem cá. Que queres tu de mim? Não queres que eu vá fazer um bom filho, e um bom cidadão?

— Vá, vá, meu tio! — exclamou ela, com energia.

— Não achas tão sublime a missão confiada por Deus ao padre velho, que não tem outra herança a legar-te, senão a memória da sua beneficência?

— Sim, sim... é o que há de superior a tudo... ao amor, à vida, à esperança... Sim, sim... dê-me esse irmão em crenças, veja-o subir para Deus, impelido pela sua palavra inspirada... eu pedirei por ele; trocaremos as nossas orações; ele pedirá por mim, porque a conversão de um perdido enche o céu de alegria e faz exultar os anjos!... Ele há de, inspirado pelo céu, compreender, como nós já compreendemos, desde que vivemos artistas, o que é o amor de Deus e a virtude do trabalho.

IV

Frei, Antônio mudou a residência para casa do fidalgo. Álvaro da Silveira era o educando. São precisas algumas linhas do caráter deste mancebo.

Nascera rico: primeira desgraça, quando um pai, herdeiro de opulência e libertinagem, sente a precisão de transmitir a seu filho a herança, qual a recebera. Acalentado em berço de ouro, quando os primeiros anos lhe deram a convicção da sua individualidade, reclamou a sua emancipação dos carinhos maternos, que lhe eram pesados, e extremos do pai que o enojavam por muito repetidos. O elogio acompanhava-o sempre em todas as suas tentativas de independência. Quando de seis anos rasgou o *A, B, C*, na presença de um professor, que o contrariava, seus pais riram-se do galhardo heroísmo da criança, e exultaram de vê-lo assim brioso em tão verdes anos. Quando aos oito anos o viram espancar a ama, que lhe proibia apedrejar uns meninos pobres, que lhe pediam pão, disseram-lhe que era feia aquela ação em menino fidalgo, e deram-se os parabéns, a ocultas, de tão corajoso rasgo. Quando aos dez anos o ouviram pedir dinheiro para gastar em seus caprichos de criança, preliminares de lastimáveis depravações de mancebo, deram-lhe dinheiro, com a condicional de não cair do cavalo, nem guiar o carrinho por passagens mal gradadas. Quando aos quinze anos...

Seus pais atiraram-no ao tremedal de todos vícios. Deixaram medrar a planta da má inclinação no clima próprio, naquela atmosfera de Lisboa, onde os miasmas da corrupção lavravam desde que alguma classe degenerou pela ociosidade, e pelos vícios da velha organização social. A árvore lavrou raízes até onde seus pais não previram, por mais que amigos e estranhos lhes abalasses o coração daquele profundo sono de um afeto criminoso. As imoralidades do filho estamparam um estigma de opróbrio nas faces dos pais. O jogo, contrariedade única e pungente, que na sociedade encontrava o libertino, arruinaria a fortuna de uma família, de muitas famílias opulentas se Álvaro da Silveira não atendesse aos conselhos, às primeiras admoestações de seu pai. Foram baldadas. Álvaro ouviu-as com enfado, com soberania, com desprezo, e satisfez a irritabilidade de sua má índole, conduzindo à porta de seu pai novos credores e novas vergonhas.

E, depois, a inteligência deste mancebo era um repositório de todos os vícios, sem ao menos quinhoarem do ouropel da urbanidade que parece às vezes modificar a torpeza com que nos enjoam em um licencioso, estúpido e vilão. Álvaro era grosseiro no crime. Indignava os muitos que lhe não eram somenos em dissolução mas menos brutais que ele. As pústulas naquele cadáver mostravam-se ao clarão do vício com todo o asco. O homem perdido parecia renovar emoções, e satisfazer o instinto, provocando à náusea uma sociedade cujo abandono lhe acendia um desejo impotente de vingança.

Fr. Antônio dos Anjos fora chamado para preparar este homem a conhecer a honra, levando-o pela vereda da religião.

V

Álvaro da Silveira não fora prevenido. A presença do sacerdote, apresentado por seu pai, moveu-lhe uma curiosidade selvagem. Parecia-lhe um sonho aquela visão extraordinária, aquele encontro tão disparatado com a sua vida, o seu olhar idiota era eloquente ao mesmo tempo. Revelava uma interrogação natural e desculpável: — que me quer este homem?

Fr. Antônio, limitado ao seu ensino de portas a dentro, e alheio à vida de Lisboa, não conhecia cabalmente a história do seu discípulo. Os traços que o pai lhe revelara eram lugares comuns da mocidade desenfreada. Não é crível que o padre bem informado, tentasse a empresa de conquistá-lo para a virtude. E quem pode avaliar a coragem religiosa?

Álvaro sorriu, voltou as costas ao mestre, levando em galhofa o que lhe não parecia cousa de sério alcance. Este grosseiro procedimento magoou momentaneamente o padre; mas, repreendido pela caridade, aquietou

depressa os irritamentos do amor próprio. Foi então que o pai, tão culpado como desditoso, desenrolou o sudário das desenvolturas de seu filho. Chorava, arrependido do mimo com que o perdera, e perguntou ansioso se seria possível salvá-lo da sua ruína total.

Fr. Antônio não conhecia limites à sua confiança em Deus. Convicto das mercês visíveis que recebera da onipotência do Senhor, sentiu-se iluminado de uma fé que lhe afiançava um prodígio. A peleja travada, em nome da virtude, com o espírito do mal, tinha muitas vezes triunfado de uma parte da humanidade, revoltada contra um só homem. Exemplos de maiores maravilhas alentaram o sacerdote. Desde esse momento, afervorou as suas preces ao Senhor, a cujo aceno a virtude, morta no coração do ímpio, surgiria como a lágrima do remorso nos olhos de Madalena.

VI

Esse dia de estreia para a missão do padre, foi mais um decorrido nas imoralidades do discípulo.

Não viera a casa, durante o dia, e metade da noite. Parece que tudo dormia no palácio; quando Fr. Antônio sentiu o rumor de um cavalo no pátio. Orava ainda, fora do leito, ajoelhado, com o lenço ensopado em lágrimas de dorida saudade. A imagem de sua sobrinha não lhe consentia o repouso, de noite; obrigava-o às tribulações de um amante desprezado. E, então, o ministro de Deus recolhia-se em oração, com a veemência de uma esperança infalível no refrigério do céu.

A essa hora, pois, chegava a casa Álvaro da Silveira. O seu quarto era imediato ao do sacerdote. Entrou assobiando as reminiscências das cavatinas teatrais, e reclamou em brados imperiosos a ceia. Os servos pontuais como escravos aos caprichos rápidos dos patrícios da Roma dos imperadores, afluíam a servir o amo, que ordinariamente punia uma certa demora com a ameaça formal de quatro chicotadas. Conduzida a ceia, repelira os criados com desabrimento e ficara sozinho trauteando e comendo promiscuamente.

Álvaro acabava de cear, esquecido da apresentação do padre, quando ouviu na porta um toque.

— Entre quem é! — bradou ele.

Quem quer que era cumpriu. A presença veneranda de Fr. Antônio, um passo dentro do quarto, era uma impressão nova para o mancebo! Involuntariamente sentiu curvar-se-lhe o pescoço à cortesia grave com que o sacerdote o saudara.

— Então ainda a pé?! — perguntou Álvaro.

— Ainda a pé, e Deus sabe se me deitarei... As horas da noite são as horas da oração. Parece que o ermo e o silêncio excitam a conversação do espírito com Deus... E v. exa. recolheu-se agora, não é verdade?

— É verdade... — respondeu o mancebo com um embaraço, que revelava a sua estranheza nestes diálogos.

— Precisa repousar — tornou o padre — Eu, como estava a pé, quis dar-lhe as boas noites. Agora recolho-me pedindo a Deus o seu descanso, como condição da vida, para amanhã abrir os olhos à luz que bem pode não alvorecer para nós. Fique v. exa. com Deus.

E retirou-se. As últimas palavras de Álvaro pareciam sílabas desarticuladas. O frade ferira-lhe um órgão ainda virgem daquelas impressões. Aquele *memento*, àquela hora, por aquele homem, acordara-lhe o mais nobre dos pensamentos, que o materialismo lhe adormecera nos gelos do coração: DEUS. Os confusos projetos do dia seguinte aturdiavam-se-lhe na cabeça, como alvoroçados pelo pregão da morte, que mandava calar os desígnios humanos na presença do destino eterno.

O abalo fora veemente, mas pouco duradouro. Álvaro da Silveira adormeceu. É que o som vibrado na corda da religião, devia esvaicer-se entre o estrondo das paixões ruidosas, como o vagido da criança no alarido das turbas amotinadas.

VII

Álvaro da Silveira costumava tocar a campainha depois do meio dia, quando alguma empresa impertinente lhe não assaltava o precioso sono da manhã.

Fr. Antônio, prevenido, foi visitar sua família, cuja ausência lhe parecia longa e desconfortável. Antes de sair trocou algumas palavras com o dono da casa pedindo-lhe que entregasse a Deus a regeneração de seu filho.

Quando entrou na sala, sua sobrinha estava ao piano. Pé ante pé firmou-se onde de longe podia contemplá-la, e surpreende-la com palmas. Reparou que o papel de estudo não era música. Esperou. De improviso, ao som melancólico das teclas casou-se uma melodia triste, profundamente triste, como as convulsões de um longo gemido. Aquele papel continha a letra do canto. Que versos seriam aqueles?

E o canto parou com a última nota do acompanhamento. Maria firmou os

cotovelos nos braços da cadeira, e escondeu o rosto entre as mãos. às vezes corria as mãos pela testa, e deixava-as pender enlaçadas sobre o regaço. As suas posturas eram todas aflitivas.

— Que tens, minha filha — murmurou o padre caminhando para ela.

Maria ergueu-se arrebatadamente; correu aos braços do tio, e não teve exclamação que revelasse o alvoroço daquela surpresa.

— Cantavas como um anjo — continuou o padre, acariciando-lhe a face pousada no seu ombro — mas tão melancólico era o canto e a música!... Nunca te ouvi ainda esta lamentação! Vejamos que poesia é esta!...

— Não, não, meu tio!... — atalhou Maria, querendo afavelmente desviá-lo do piano.

— Porque não? Mistérios para o teu amigo que t'os adivinha no coração? Segredos para o teu mestre, Maria!

— Não é segredo... é vergonha... — exclamou a linda menina com a voz entrecortada — Esses versos fui eu que os fiz...

— E tens reservado para ti esse dom? Quando disseste ao teu velho tio que fazias versos? — disse o padre sorrindo com meiguice.

— Eu não sabia que o eram... Nem sei se o são... — balbuciou Maria, corando, e procurando fugir de estar presente à leitura.

Fr. Antônio levou-a pela mão ao piano. Tomou da estante a poesia, e leu:

PRESENTIMENTO

“Minha paz no infortúnio, Minha alegria na dor, Quem m'a dera, qual a tive, Qual m'a déstes, vós, SENHOR!

“Desbotou-se-me nos lábios Meu sorriso tão singelo... E eu com ele premiava Tanto amor, tanto desvelo!...

“Tanto amor, que eu vos pedia, Do que os anjos tem nos céos, Para amar meus pais, meu tio, Como vos amo, meu Deus!

“Não cismeí outras venturas, Outros gozos não pedi: Fui tão rica na pobreza... Na pobreza empobreci.

“Senti lágrimas no rosto... Sei que tenho aqui no seio Escondida uma tristeza
Que de vós, meu Deus, não veio!

“Deu-m'a o mundo?... sim... daria... Mas que mal ao mundo fiz!? Serei eu de
alguém inveja? Pois que eu não seja feliz!

“Volva o tempo da penúria, Quando eu fiz a pobre flor, Que me dava um pão
regado Com meu pranto e meu suor.

“Dai-me as noites não dormidas De trabalho e de alegria; Meu orar na
madrugada, Quando, tão feliz, me erguia.

“Oh meu Deus! se a humilde serva, Não votaste ao sofrimento, Abafae lhe a voz,
que a punge, D'um cruel pressentimento!”

Fr. Antônio lera comovido essas singelas quadras, cujo toque de sentimento não
pode enternecer-nos, talvez. Nos lábios dele, trêmulos e nervosos, a poesia
soava como um canto fúnebre. Que tristeza no declamar! Poderia ter-se como
uma elegia à inocência de Maria? Por Deus que não. O hino, que transluzia da
nuvem escura da sua tristeza, era como a luz do relâmpago que aclara, de
repente, um amplo espaço: era a luz elétrica das inteligências privilegiadas; o
abalo do pressentimento que quer sair do círculo do mistério: a adivinhação do
futuro.

— Que é o que entristece a tua vida, Maria? — perguntou Fr. Antônio.

— Já me lembrou se seria a muita felicidade, meu tio.

— Não te compreendo... abre-me o teu coração sem reserva... Serias culpada
se fingisses a teu tio as razões do teu sofrimento...

— Não posso mentir-lhe, meu tio... Não sei ainda o que é fingimento... nunca
na minha vida menti a alguém. Eu não sei porque estou triste. O meu coração
não m'o diz, e a minha tristeza nasce-me do coração, esconde-se lá como um
segredo aflitivo... E eu que mais hei de dizer-lhe, meu caro amigo? Que peço
muito a Deus que me não quebre este cálix de amargura, se a sua divina
vontade ordena que eu o esgote.

Maria enxugava as lágrimas copiosas, que pareciam esfriar-lhe o calor febril das
faces. Fr. Antônio, contemplativo, olhava para a sobrinha silenciosa, como
querendo ler-lhe no rosto a última palavra daquela revelação confusa.

O coronel entrou na sala, e correu a abraçar seu irmão, e dar a mão a sua filha,
que lha não beijara ainda. Maria, surpreendida, quis, à custa de um sorriso

violento, converter em alegria aquela saudação; mas a dor de filha é necessário que seja pecaminosa para esconder-se aos olhos de pai. O coronel e sua esposa velavam as tristezas de Maria como lhe velariam perigosa enfermidade. Consultaram mutuamente os seus temores; e a severa experiência do mundo alguma vez lhes inspirou bem tristes receios. Aos quatorze anos há melancolias no coração de uma virgem, que apenas tem de misterioso a tendência irresistível, que Deus lhe imprimiu para o ideal de um amor terreno, que, no altar da inocência, recebe uma adoração, senão semelhante, ao menos perfumada com o mesmo incenso do amor divino. E a mãe de Maria recordava-se da sua infância, e perguntava a seu marido se as lágrimas da filha seriam as precursoras de alguma paixão infeliz. Era indiscreta a pergunta. Não se dera nunca o incentivo de suspeita. A vida de Maria não tinha um instante misterioso a seus pais. Trabalho e oração — não tinha outro desvelo desde o amanhecer até à última benção pedida a seus pais.

Maria, valendo-se da conversação do pai com o tio, retirara-se da sala. O coronel assim o queria, para consultar o irmão, homem de Deus, que via o coração dos outros com os olhos puros da probidade. Mas não são esses olhos os mais penetrantes para devassar segredos, que se escondem no coração apaixonado pelo mundo. Quem adivinha as lutas íntimas do espírito, escravizado aos caprichos das paixões, é o homem das paixões, encanecido na amarga experiência delas. Bem pudera Maria dos Prazeres agonizar nas tribulações de um amor criminoso, e sua morte ser um mistério para o padre que não sentia acordar em sua alma o eco dos gemidos de sua sobrinha. O amor de Deus preenche todas as necessidades, responde a todas as aspirações do coração de um justo. Não é o justo de uma longa vida irrepreensível quem pode arrancar ao penitente, que se lhe ajoelha, uma revelação pungente, que o pejo emudece nos lábios. É necessário profundá-la com a sonda das próprias agonias. É necessário adivinhá-la no espírito do penitente, a favor de um sintoma que revela outro, de uma palavra solta que vai prender-se à explicação de um longo silêncio. E esta dolorosa sindicância não pode exercê-la a simples teoria das paixões.

VIII

A arte, que ensina a levantar o véu das paixões silenciosas, era desnecessária para Maria. A virgem não tinha segredos para alguém. Pudesse ela entender a transfiguração da sua alma, a mágoa confusa dos seus novos pensamentos, que, bem feliz, pediria conselhos e consolações à sua família.

— Mas aquele silêncio!... — dizia o coronel, replicando às santas convicções do padre, a respeito da inocência de sua sobrinha.

— Aquele silêncio... — dizia frei Antônio, consultando a consciência, que lhe respondia de pronto — aquele silêncio... é a falta de palavras com que possamos fazer sentir aos outros uma ideia, que só a Divindade nos compreende... As horas de tua filha não são empregadas como dantes na oração, no estudo e no trabalho?

— São, de certo, e mais continuadas na oração. Dantes orava em comum. Agora, encontramos-la na hora do descanso, ajoelhada no santuário; mas vejo-a perturbada, quando reza. Há lágrimas, e até aqui só lhe víamos o sorriso de consolação... Parece que naquele orar, há a súplica do perdão para o crime que a acusa.

— É impossível! — exclamou o padre, energicamente comovido. — É impossível... não quero que em minha sobrinha se esconda um crime... uma falta! É uma injúria, meu irmão! Pecaste contra a inocentinha, e feriste-me a mim, que tenho formado aquele coração, que Deus me confiou para criar-lhe um anjo.

— Meu irmão... não te aflijas... isto em mim é um receio.

A interrupção do coronel era tardia para evitar a exaltação nervosa do padre. As lágrimas davam-lhe ao rosto uma religiosa majestade. Assombrava-o o terror de uma conjectura cruel, como se visse cair à voragem do vício a virtude, que ele, com sua própria mão, colocara em trono tão perto do céu. O coronel, também comovido, sentia-se nobremente exaltado pelo modesto orgulho de ter uma filha, cuja inocência merecia tão fervorosa defesa. Abraçando seu irmão, parecia pedir-lhe carinhosamente desculpa do zelo paternal, que lhe inspirara receios por aquela que pertencia menos a seu pai, que a seu mestre. O lance era sublime; e o sentimento de ambos, vibrado na mesma corda, e acalorada pelo mesmo amor, elevava-se até Deus em oração de graças por Maria, anjo que lhes fora dado como galardão à paciência de muitos sofrimentos.

IX

Quem poderia consolar a triste nas suas amarguras?

Quem pode cá da terra dissipar a nuvem, que escurece a face de uma estrela?

Quem pode, ao descair da tarde, reverdecer a corola da flor desbotada pelas sombras da noite?

O futuro é o presente perpétuo da Divindade. Mas o espírito que se enluta, sem lamentar a viuvez de ilusões perdidas, veste-se de negro, como a virgem

violentada a desposar no altar das lágrimas uma tribulação futura. É o pressentimento.

Para as almas provadas em suplícios imerecidos, mas secretamente providenciais, o pressentimento não é uma palavra sem significação.

O cântico de Maria, cadenciado pelas quadras do seu hino, era a única resposta, que ela podia dar se lhe perguntassem:

— Anjo, porque sofres?

X

Decorreram algumas horas, e Fr. Antônio não podia demorar a sua visita. Álvaro da Silveira, fiel a seus hábitos, deveria despertar ao meio dia. O padre retirou com uma saudade profunda, e uma dor nova. A última aflição de um justo quer Deus que seja a agonia do pensamento. A vida nele é uma cadeia de pesares, que tem no esquite o último elo. Fr. Antônio, feliz com esta certeza, poderia fraquear na primeira luta com o sofrimento, mas a sua queda era sempre de joelhos aos pés da cruz. E esta foi a sua postura, apenas entrou no quarto que lhe fora dado em casa de Silveira.

A oração foi-lhe interrompida pelo toque da campainha. Esse som, que provocava pragas aos servos da casa, como sinal de estar acordado o tigre familiar, foi para frei Antônio um despertador da oração em favor daquele, que tão longe de Deus, sem um decreto do céu, mal poderia ser lá encaminhado pela débil mão de um pecador. E, terminada a oração, o padre chamou o criado, que saía do quarto de Álvaro, e mandou a s. exa. pedir licença para fazer-lhe companhia ao almoço. A resposta, qual era de esperar, deferiu a humilde súplica, e Frei Antônio, insinuante de brandura e civilidade, apresentou-se, pela terceira vez, ao seu educando.

A face deste homem tinha uma alegre severidade, que não podia fitar-se sem respeitosa simpatia. Álvaro da Silveira ao vê-lo sentia uma impressão extraordinária, como não sentira na presença de algum homem célebre em valentia, em talento, em devassidão, em prodigalidades, e em riqueza. A distinção da virtude ou do *fanatismo*, como ele dizia da religião, parecia-lhe uma cousa nunca vista na boa sociedade! Para não deixar-se vencer pelo pânico da religião, Álvaro da Silveira dava-se uma explicação muito natural daquele fenômeno: era a falta de convivência com a classe dos padres.

Na verdade o jesuitismo e a hipocrisia pelos seus abusos interesseiros, tornando a religião instrumento inocente de uma política facciosa, tem dado causa a

todos os homens de consciência conspirarem a expulsá-los como vendilhões do templo. Essa a razão por que os falsos religiosos blasfemam quando pressentem que uma mínima centelha da razão ilumina o campo da religião que eles pretendem pôr em trevas. Todo o homem sensato e sãmente religioso sofre uma íntima dor quando os falsos religiosos impelem os ignorantes, e alguns imorigerados como Álvaro da Silveira, a irem lançar-se na impiedade, fugindo da hipocrisia, que eles não sabem discernir da puríssima religião do crucificado.

Mas, a seu pesar, a entrada de Fr. Antônio, e as palavras urbanas, e poucas, com que o saudara, continuavam a impressioná-lo.

— Dormiu v. exa. sossegadamente, não é assim? — perguntou o padre.

— Deliciosamente — respondeu Álvaro, apertando cortezmente a mão do sacerdote. — E v. sa. como se deu no seu novo quarto?

— O melhor possível. Um egresso, afeito a dormir na casa de um lavrador, acharia boa pousada em todos os lugares debaixo do céu. Uma boa cama não abona sempre uma noite deliciosa ao que se deita nela. O melhor gasalhado, senhor, é o que nos dá a consciência quando francamente se abre para receber-nos, e velar-nos o sono com o anjo da paz. Deus defenda v. exa. de revolver-se um dia nos espinhos, que perturbam o sono do mau, deitado em leito de cortinas douradas.

— Então v. sa. — tornou Álvaro — tem andado por casa de lavradores? Eu cuidei que os frades eram ricos, e amigos das comodidades. Pelo menos é o que se diz por aí...

— Os frades, senhor, não só eram ricos, mas também opulentos; procuravam todas as comodidades, gozavam todas as delícias, todos os prazeres que podem ser desfrutados na vida material da terra. A ociosidade e a riqueza perverteu-os. As exceções choravam tal aberração. Como que olvidados do céu mergulharam-se numa política inconveniente e injusta. Em pena de Talião, a política por eles hostilizada, por todos os meios, tão obstinadamente, puniu-os expulsando-os das casas que não deviam mais pertencer-lhes.

Estava na mesa o tabuleiro do almoço. Fr. Antônio pedia licença para servir o discípulo.

— Então v. sa. não almoça? — perguntou Álvaro, oferecendo ao hóspede uma chávena, não recebida.

— Almocei já, sr. Silveira.

— Com o pai, não é verdade?

— Não, senhor: com a minha família.

— Então v. sa. tem família em Lisboa?

— Nasci em Lisboa, e tenho uma família numerosa.

— Naturalmente pobre...

— Naturalmente, não, sr. Silveira; mas Deus indenizou-a. Deu-lhe o amor do trabalho, e a noite e o dia, para granjear o pão de uma hora. Tem sido feliz, penso eu. O temor de Deus é a coragem com que se vencem os infortúnios...

Álvaro, com a chávena esquecida na mão, escutava-o religiosamente. A novidade da linguagem, e o gesto religioso apraziam-lhe, e criavam-lhe desejos de ouvir o padre longo tempo.

XI

— A sua família é conhecida?

Esta pergunta de Álvaro da Silveira é textualmente o inquérito galhardamente fidalgo, que a nobreza destes reinos faz, antes de deixar aproximar-se por algum desconhecido, duvidosamente inscrito no livro dos costados. Perdoe-se-nos o estilo; mas, desgraçadamente, tudo que é ridículo traz inçadas certas classes, e não sabemos, quando se farão sérias, quando se aproximarão um dia as famílias, de modo que não possamos sem ofender a Deus, perguntar a nosso irmão se seu pai é conhecido...

— A minha família — respondeu frei Antônio — foi conhecida; mas não é de lamentar que seja hoje obscura. Mal dela se quisesse manter as vans regalias da sociedade, que v. exa. chamou conhecida! Penso que a minha família não é conhecida.

— Mas deve estar aparentada... — replicou o fidalgo, instando nas perguntas inauferíveis da pragmática heráldica.

— Creio que sim... O coronel ***...

— Já sei — interrompeu Álvaro — pois não!... é muito fidalgo, e está aparentado com boa gente; mas não aparece. Então v. sa. é tio de uma menina muito falada?...

— Muito falada!? — atalhou o padre com sobressalto.

— Sim, senhor, dizem que é poeta, romântica, e muito linda.

— É virtuosa, senhor Silveira. Não lhe conheço outra qualidade, que valha a pena de mencionar-se. V. exa. já viu poesias ou romances, ou o retrato de minha sobrinha?

— Não, senhor, mas creio que não é mentira o que se diz. A opinião de virtuosa também a tem; se não falei de virtude, é porque não sei verdadeiramente o que é virtude; mas acredito que ela é uma excelente menina a todos os respeitos.

— A virtude, meu caro senhor, é a censura prática do crime. Sabe v. exa. o que é crime?

— Também não — respondeu Álvaro com uma vaidosa entoação de espírito-forte.

— Eis aí — disse Fr. Antônio sorrindo — uma violência que está fazendo à sua alma, sr. Silveira. V. exa. disse que minha sobrinha era dotada de belos atributos. Falou pela boca da fama, e chamou-lhe poeta, romântica e formosa. Se minha sobrinha, apesar destas decantadas prendas e dons, que a sociedade encarece tanto, fosse má filha, e má irmã, poderia ela cegar os olhos da sociedade com a sua formosura e talento, para que lhe não vissem os defeitos...

— De certo não.

— Então é verdade, que a sociedade reprovaria o procedimento de minha sobrinha?

— Creio que sim.

— E v. exa.

Álvaro ficou suspenso, e balbuciou, depois:

— Eu... eu... naturalmente...

— Juntava a sua voz à opinião pública — interrompeu o padre — embora v. exa. não antipatizasse com os atos repreensíveis de minha sobrinha.

— Assim é sempre — disse Silveira, com uma forçada resolução.

— E assim será sempre, porque há um juiz incorruptível, chamado a “verdade”.

As sentenças deste juiz, embora fulminem as paixões desatinadas, são sempre recebidas, senão pelo espírito de uma sociedade gasta e imorigerada, ao menos por a consciência dessa sociedade. Ora a inocência é invulnerável ao contágio da corrupção, como a lâmpada do templo às exalações pestilenciosas dos túmulos. A consciência é o pregoeiro das sentenças que a verdade profere, e v. exa., insensivelmente, apregoa. Será necessário dizer-lhe eu que sentimento é esse que se serve de v. exa., como de uma máquina para se exprimir? É a virtude, sr. Álvaro, é a virtude que faz realçar os dons de minha sobrinha, que lhe dá a soberania de um anjo, que o crime não pode encarar sem curvar-se servilmente: é a virtude, galardão ao princípio do bem, que triunfa na luta incessante com o princípio do mal. A verdade não se desmente porque é o Evangelho identificado nos corações, e Cristo há dezoito séculos, encarnado na humanidade...

Álvaro parecia alegrar-se conforme ia perdendo o terreno, diante de um tão generoso como irrespondível adversário.

Como se ansiasse pela continuação da resposta do padre, quando este se calou, também Álvaro não teve uma sílaba, das que se pedem à “filosofia” irreconciliável, para responder.

— Crê na virtude, sr. Silveira? — perguntou o padre com suma bondade e modéstia.

— Tinha-me dito que o crime e a virtude eram relativos — respondeu o mancebo com ar de quem desacredita as doutrinas de um mestre que respeita.

— Tinham-lhe dito, senhor, que a consciência universal era uma mentira. Mentiram-lhe cruelmente, porque v. exa. não podia, sem horror, encarar um filho que matou seu pai; um homem que traiu o seu benfeitor; um juiz que entregou um inocente ao carrasco; um sedutor que atou uma pobre mulher a um poste de ignomínia eterna. v. exa. não pode, com indiferença, apertar a mão a este homem, não é assim?

— De certo: eu sou um extravagante, um vicioso, mas detesto infâmias...

— Que todo o mundo detesta; mas o mundo onde a luz da verdade venceu as trevas do erro, que a palavra do Cristo condenou.

— Mas diga-me v. sr^a... não dizem que há países onde os pais matam os filhos, e os filhos os pais, legalmente?

— Houve, e haverá ainda. Mas sabe v. exa. o que é permitido aí pela lei? É justamente o que é reprovado pelo cristianismo.

— Mas a consciência não se revolta contra tais atos sem que seja preciso que o cristianismo os declare criminosos?

— Revolta, sim. Quando as virgens indianas se lançavam nos túmulos dos maridos, ou nas fogueiras legalmente acesas, as lágrimas, vencendo a coragem da superstição religiosa, desciam nas faces de uma família, que seria injuriada se não cedesse em holocausto a desgraçada viúva. Os gritos desta eram os gritos da consciência contra a lei bárbara; eram a adivinhação da verdade denunciada pelo filho de Deus. Os filhos, que matavam os pais, eram algozes que a lei fizera, como entre nós a lei faz um carrasco. Poderemos nós argumentar contra a piedade, contra a virtude, e contra o amor porque um justificado morre entre os braços de um homem, que executa a sentença de um juiz?! Persuade-se alguém que o homicídio legal, na consciência do algoz, é um ato de amor e caridade?

— Penso que não.

— Pois bem, senhor Silveira; respeite a sua própria dignidade, já que os homens sem crença, sem Deus e sem esperança, lha quiseram aviltar, dizendo-lhe que o crime e a virtude são relativos...

Fr. Antônio fez menção de levantar-se e continuou:

— Tenho-o talvez privado dos seus divertimentos...

— Não, senhor... pelo contrário tem-me dado momentos de muita satisfação...

— Encho-me de prazer, se o consegui... E como tenho a honra de ser hóspede de v. exa....

— Mestre... — interrompeu Álvaro com alegria sincera.

— Não posso aceitar esse lisonjeiro título; — *amigo*, se v. exa. me quiser honrar com este parentesco.

— Não me embaraça... Tenho muito prazer em que esteja... — disse Álvaro, apertando-lhe cordialmente a mão.

— Tenho obrigações a cumprir para com Deus: não faltará tempo proveitoso para os meus deveres com o próximo. Não sabe v. exa. que os padres têm um breviário, que a cada hora do dia lhe recorda o dever de orar por aqueles, que não cedem alguns minutos à oração? Filhos de Deus, pedimos uns pelos outros; e Jesus Cristo beneficiou-nos com a riqueza da prece, com este patrimônio comum a todos os irmãos... E não é isto uma consolação para os que são ateus por contagio e não por convicções; fanáticos e supersticiosos por ignorância e

por estupidez?

— A respeito de ateísmo... tenho... minhas... dúvidas... — disse Álvaro com palavras entrecortadas por aquela pausa enfática, semelhante à ironia dos sábios, segundo a moda.

— Pois bem... Temos zelo e vontade para acertarmos... Deus há de conceder-nos o tempo, que é o desengano de todas as dúvidas... Até outra ocasião...

E retirou-se contra os desejos de Álvaro. Mas fr. Antônio conhecia o coração do homem. Chamara-o Deus para uma empresa trabalhosa. A força descia-lhe do céu. Não era em si que ele confiava.

XII

Mal o padre saíra, entrou Gonçalo da Silveira. Era o pai que procurava o filho: cumprimentou-o com a sua habitual frieza: mas o que de outras vezes era propósito, poderia então supor-se distração. Álvaro absorvido nos seus pensamentos, quaisquer que eles fossem, parecia meditar uma das suas heroicas façanhas, sobressaltado, como quem recua diante de algum perigo assustador. Julgara-o assim o pai, julgá-lo-iam assim os domésticos, e os cúmplices, ele próprio, talvez, se se visse num espelho.

— Que tens?... pareces-me sonâmbulo!?! — disse o pai.

E Álvaro afavelmente respondeu:

— Pelo contrário: estou acordadíssimo... muito acordado, penso eu.

— Falaste com o egresso?

— Sim, senhor.

— Que te pareceu?

— Um homem bom, virtuoso e extraordinário.

— É realmente... que a virtude tornou-se em nossos dias uma aparição extraordinária, e milagrosa,.. Gostaste dele?

— Quem me dera ser o que ele é...

— Isso é que é extraordinário, meu filho — exclamou o velho.

— Amar um bem, que não podemos possuir, é tão próprio do homem... Que acha o pai de extraordinário, neste meu desejo:

— Muito, muito, meu caro Álvaro!... Tu ontem não falavas assim...

— Também meu pai não amava a formosura de minha mãe, antes de conhecê-la... A virtude é como a virgem, que um homem estragado vê na vertigem de uma orgia, mas não pode amá-la sem aproximar-se realmente do original dessa sombra fantástica. Sabe meu pai o que eu amo em padre Antônio? É a transparência daquela face, que deixa ver um belo coração. Amo-lhe a paz, a firmeza, a confiança com que censura os crimes, sem irritar o amor próprio do criminoso. Amo-lhe a independência com que fala, e a soberania com que responde. Parece que Deus o manda falar! É um belo caráter! A sociedade, se conhecesse este homem, adorava-o!

O júbilo de Gonçalo da Silveira era um delírio. Parece que lhe não ouvira as últimas palavras. A emoção sublimara-se até às lágrimas. Álvaro tocado por uma cena, que nunca ele se julgara capaz de estimular, recebera seu pai nos braços, com veemência, com transporte, com amor de filho, sentimento para ele novo!

XIII

Do abalo à conversão vai um grande espaço, erizado de espinhos, que, primeiro, medram nas lágrimas, e, no fim, se transformam em flores.

Amar a virtude não é esposá-la. Rainha de dois mundos, com formosura imortal, a sua posse custa muitos sacrifícios. No estrado do seu trono, pisam-se as paixões do mundo. Os lábios, que a saúdam, devem ter sido abrasados pela oração contrita.

Os olhos que a contemplam, devem ter sido manancial de lágrimas purificadoras das maculas hediondas do vício.

Mas há muito que sofrer desde o amor à posse.

Álvaro da Silveira enamorou-se do anjo do bem, que lhe transluzira de entre a nuvem com que o ministro de Deus lhe escondia um novo mundo. Agitara-se-lhe o sangue no coração, e, no ceticismo, a esperança, que é a vida do espírito. Sentia-se com mais vida, mais alentos e ideias novas. Aprendera a pensar. Mas o pensamento é o gerador das convicções; e as convicções são absolutamente um dom exclusivo da verdade; e a verdade é a perpétua conversação de Deus com o homem. Para Álvaro existia DEUS!

XIV

A incredulidade tem um sorriso de escárnio para estas transfigurações. Erma do coração, e fistulada nas entranhas pela podridão do epicurismo, ri-se, ri-se, ri-se como um demente a quem ninguém contesta o direito de rir.

XV

Fr. Antônio dos Anjos concluía a sua reza. Gonçalo da Silveira esperava ansiosamente o ensejo de visitá-lo. Mal ouviu passos no quarto, entrou. Riam-se-lhe as feições, e pulava-lhe o coração na face. O sacerdote achou-se nos braços do velho pai, que soluçava expressões de reconhecimento.

O padre maravilhava-se.

— Pois a que devo eu esta comoção de agradecimentos? — perguntava ele enternecido.

— Salvou meu filho! — exclamava o fidalgo, beijando-lhe as mãos. — Amenizou-me a velhice... Deu-me um bom fim de vida, e uma boa morte. Vós arrancastes meu filho do mau caminho.

Era bem justificado o pasmo de frei Antônio! Gonçalo da Silveira contara-lhe o que vinha de passar com Álvaro. Exagerara, talvez, as suas expressões, as palavras do filho, os elogios do mestre, e as esperanças da sua boa alma. Frei Antônio, que não podia atribuir-se a rápida mudança do neófito, agradecia tacitamente a Deus o raio luminoso de graça que fizera baixar ao coração escuro do convertido. Depois, quando a comoção do contentamento serenou em Silveira, o padre, majestoso como um profeta, apontou para o crucifixo.

— É ali — exclamou com uma voz vibrante e patética. — É ali, que v. exca. deve ajoelhar e agradecer.

Gonçalo da Silveira ajoelhou. Pouco mais atrás ajoelhara o padre.

O lance era sublime, o que há de mais sublime debaixo do céu. Adorar com mais fervor, só os anjos na presença imediata do Altíssimo!

Álvaro entrava no quarto do padre, cuja porta ficara meio aberta. Ao ver seu pai naquela postura estranha, e mais atrás, o vulto imóvel do levita, recuou maquinalmente.

Que sentimento o fez recuar? Não saberia ele dizê-lo! Susteve-se irresoluto. Ergueram-se os que oravam, e ambos olhavam para a porta. Viram Álvaro, que parecia ceder ao pejo. Pejo! um tal sentimento nas faces petrificadas pelo gelo da libertinagem! Pejo no mancebo, que se vangloriava de um cinismo inalterável!

— Não quer entrar na sua casa, sr. Álvaro? — perguntou Fr. Antônio, colocando-se cortezmente fora da porta do quarto.

— Vim perturbá-lo... — murmurou Álvaro, hesitando entrar.

— Não era possível... — O espírito quanto mais se avizinha de Deus, menos cede às perturbações... Nós orávamos com fé, e ardor. E, demais, a entrada de v. exca. não podia distrair-nos para mal.

Álvaro tinha entrado.

Agitou-se uma conversação variada entre as três pessoas. Fr. Antônio, que vivera na casa do agricultor nas províncias do norte, falava de agricultura. Gonçalo parecia versado neste ramo, e aplaudia os melhoramentos, a que ele devia um duplicado rendimento das suas grandes propriedades. Álvaro escutava, pela primeira vez, um discurso sério, especialmente sobre agricultura, que ele ignorava desde a estação das sementeiras à das colheitas. E não parecia enfasiado, com quanto guardasse um justificado silêncio na matéria.

Era já outra a conversa. Frei Antônio estudava a maneira de entreter a atenção do discípulo. Falou desta literatura amena, que se tornou universal por ser perigosa, por ser destruidora dos costumes, e dos estudos sérios. Falou de romances, como falaria de livros canônicos.

Conhecia-os como um vigilante examinador da origem da imoralidade. Álvaro conhecia alguns e honrava-os com a posse privilegiada de uma pequena estante que decorava no seu quarto. Fr. Antônio reparava nas encadernações de marroquim douradas, e nos títulos com que os licenciosos *Paulo de Kock* e *Pigault Lebrun* assinalaram os seus tesouros de libertinagem, escândalos da pervertida arte de imprimir.

Álvaro que não podia impugnar os argumentos do padre, e tivera a louvável modéstia de ouvi-lo apenas, não quis deixar-lhe plena glória de triunfo, sem uma observação que ele julgava um golpe certo:

— Mas sua sobrinha — diz ele — é romântica...

— Que é ser minha sobrinha romântica? — atalhou o padre, sorrindo.

— Lê romances, escreve romances, pensa como nos romances... enfim, não vive, nem pensa, nem fala como a maior parte das mulheres...

— Ora aí está uma definição de mestre! — disse o padre, soltando uma risada que parecia um motejo, se não fosse sua. — O romancista deve ser uma coisa bem extraordinária! — prosseguiu ele, batendo levemente no ombro do discípulo. — Quem me parece romântico, segundo a arte, é v. exca., sr. Álvaro.

— Eu!? — interrompeu Álvaro com inocente admiração.

— Sim, meu caro senhor. Não pode assim fazer-se uma ideia tão singular de uma pobre rapariga, sem contemplá-la pelos olhos de uma imaginação maravilhosa! Minha sobrinha é uma artista que trabalha muito para sustentar-se, e vestir-se. Ora isto é muito positivo, muito trivial, muito comum com a vida dos pobres, onde nunca entrou a palavra romance. Minha sobrinha nas horas furtadas ao trabalho, lê os livros que eu escolhi para a sua cultura espiritual, mas todos eles conselheiros da virtude, da probidade, da paciência, e do temor de Deus. A ciência profana, que eu afeiçoei às necessidades do seu espírito, é muito pouca, porque, se fosse muita, seria um desperdício de tempo, e de canseira inútil. A ciência de ser boa filha, boa esposa e boa mãe, limita-se a muito poucas regras; e uma mulher não precisa outra ciência. Minha sobrinha não leu ainda romances. Sabe que existem enredos torpes, escritos em bela linguagem, como os cadáveres fétidos envoltos nos veludos prateados da eça; mas os seus dedos não levantaram ainda esse envoltório de podridão. Minha sobrinha fala esta linguagem, senão geral, a melhor que os filhos podem aprender para falarem a seus pais, porque minha sobrinha conhece apenas o metal de voz de sua família... É isto que v. exa. chama “mulher romântica?”

Álvaro demorou a resposta.

— Eu pensava — balbuciou ele — outra coisa... O mundo engana-se muito nos seus juízos.

— Pois — tornou o padre com tristeza — que juízos são os do mundo a respeito dela?

— Eu lhe digo... O mundo chama romântica uma mulher, como muitas mulheres, que os romances nos pintam. Por exemplo, uma virgem, que vive num sonho continuado; que vê anjos onde as mulheres prosaicas não veem nada; que cisma em contínuas tristezas, ao lado dos que vivem numa contínua gargalhada; que busca a solidão, encosta a face pálida à mão direita, como a estátua da melancolia, e se devora incessantemente sem poder explicar o motivo por que se devora. É o ideal que a mata; é a febre de uma paixão indefinível que a consome, é a esperança de um sonho, de que não acorda; é

finalmente, a poesia, o romantismo.

Frei Antônio ouvira religiosamente este harmônico de palavras, que algumas vezes lhe pareceram desapegadas, e vazias de sentido. Respeitador das conveniências, fez calar a verdade austera, que o mandava pedir uma definição lógica de todo aquele espiritualismo, de toda aquela linguagem refohuda. Absteve-se da sua autoridade, e transigiu discretamente.

— Serão esses — diz ele — os predicados da mulher romântica; mas o que eu posso conscienciosamente asseverar a v. exa., é que minha sobrinha está tão longe de ser romântica, quão longe de compreender a definição que o meu amigo acaba de dar.

XVI

Duas ocorrências vieram interromper a prática: um criado, entregando uma carta a frei Antônio dos Anjos; outro participando a chegada do sr. conde de ***, que procurava Álvaro da Silveira. Este fez um gesto de enfado, e saiu. Aquele, pediu licença, e abriu a carta. Gonçalo da Silveira retirou-se menos alegre, mas esperançado na mudança de seu filho.

Em quanto o padre lê a carta, entremos no quarto de Álvaro.

XVII

O conde de *** era um homem de trinta anos, tipo de galhardia na libertinagem, esbelto, gentil, apesar de ressequido, na face, por certa aridez da dissolução, que requeima o corpo, ao passo que o viço da alma vai fenecendo.

O açor, pairando sobre a avezinha desprevenida, apenas viu que um rapaz de quinze anos transpusera o limiar do grande mundo, abateu o voo, aferrou-o com as garras das paixões licenciosas, e desapareceu com a presa através de uma atmosfera, onde o veneno se respirava pelo filtro do prazer. Álvaro da Silveira foi a presa.

Muitos dos mais apontados em certa sociedade libertina de Lisboa, mescla de beatério, hipocrisia, e despejo, quando viram Álvaro da Silveira ligado ao conde de ***, disseram: “está perdido!” E quem o não diria?

O conde tinha uma instrução mediana, que pusera ao serviço da sua imoralidade. No seu princípio, quando a favor do seu nascimento, era bem recebido nos salões de Lisboa, o conde insultava graciosamente a sã religião e a

piiedade. Lera com pertinácia alguns desses livros imorais e grosseiros aos vinte anos, para granjear um bom cabedal de motejos contra a religião, e emancipar-se com eles de uma leitura a que sacrificava as longas horas da noite, como um sobrinho que se violenta, em noite de orgia, a ficar em casa com o velho tio, porque é esse o preço de uma herança, que deve, à farta, indenizá-lo depois.

Aos vinte e cinco anos sabia tudo quanto era preciso para insultar a Deus em nome de uma ciência ímpia. Apóstolo infatigável da imoralidade, não respeitava sexo, nem idade, quando vibrava a ironia, pungente como uma frecha de fogo, ao seio da moral cristã. A donzelas, a mães, a crianças, a velhas, a religiosas, e a devassas falava sempre no mesmo estilo. Se acontecia ser mal recebido, assumia uma autoridade pedagógica, dava-se um ar de respeito, e justificava o que dissera em tom de mofa discursando contra o cristianismo que ele dizia sepultado para sempre no túmulo que lhe abria a ciência.

Álvaro da Silveira descreu espontaneamente. Não deu trabalho ao companheiro, nem quis profundar uma questão que lhe não importava. A negação formal era a última palavra da impiedade constituída em ciência. A Álvaro bastava-lhe saber essa última palavra.

Todavia, a assiduidade da companhia, e o hábito de escutar o seu amigo em polemicas, animadas pela fé de uma parte, e da outra pelo orgulho, deixaram-lhe uma tintura científica de ateísmo.

Álvaro não recebera de seus pais educação religiosa. Esta falta desmentia a classe de onde viera. A jerarquia dos brasões em Portugal, com quanto viciosa, parece gloriar-se com o seu privilégio de fé, e de virtudes cristãs... *extra-muros*. A educação aí é mais religiosa que científica: é mais para Deus que para o mundo. Não é milagre encontrar cá fora o representante de oito séculos de heróis virtuosos e bravos, enxovalhando-se na lama das covardias e das torpezas: mas raro encontrareis no colo materno, uma criança de sangue *ilustre*, como lá se diz, cuja primeira palavra articulada não seja DEUS.

Álvaro da Silveira era uma exceção; o instrumento — quem sabe? — de um ato providencial.

XVIII

Os esplêndidos festins da depravação não se fechavam para alguém. Ponto era que o conviva fosse bem apresentado, e fechasse os lábios da crítica com mordação de ouro. Já sabeis que Álvaro era rico, e quem o levou pela mão até o último degrau da escada da imoralidade, fora um conde tão rico e tão nobre como ele.

Este homem pavoneava-se de ter conquistado um nome, que exprimia uma seita. Chamavam-lhe cínico, e ele gloriava-se do nome. A sociedade nunca o maltratara, mas ele dizia que tinha uma vingança solene a tirar da sociedade. Algoz da honra de muitas famílias, a sua guilhotina era a calúnia, quando não podia mostrar as mãos salpicadas do sangue das vítimas. Velava alta noite a porta de um amigo, que o recebera de dia, para que os passageiros, ao vê-lo, o considerassem amante de sua irmã. Quando o murmúrio do descrédito chegava aos ouvidos do pai, que rejeitava a mão de um traidor que o visitava, o conde não tinha dúvida em oferecer galhardamente a esse pai uma pistola, ou um florete. Se o ancião recuava diante da morte, ou da ideia do abandono em que ficava sua família, o cínico ria-se-lhe na face, e chamava-lhe *cobarde* nas praças, ou nos salões.

Assim como conduzira pela mão Álvaro da Silveira às bacanais, mais de uma virgem fora conduzida por ele à última estação da licença. E, depois, o maldito de Deus, e dos homens, aprazia-se de contemplar o desenfreamento dessas mulheres, como se fossem feras, restituídas à sua liberdade.

Estas linhas, esboçadas à pressa e com repugnância, traçam a fisionomia moral do conde que entrara para o quarto de Álvaro da Silveira.

XIX

A carta que Frei Antônio recebera, era de sua sobrinha. Era este o seu conteúdo:

“Pedi licença a meus pais para escrever-lhe, meu caro tio, e sorriram à minha súplica. Como não pude adormecer a noite passada, trabalhei e concluí a última encomenda de flores que tinha. Graças ao Senhor, já vieram novas encomendas; mas eu sinto-me fatigada dos braços, e não posso continuar. No espírito sinto eu muita vida, e não posso nem quero vencer esta consoladora força que o impele para meu tio. Penso que o não verei hoje; mas... cedi agora à maneira comum de se exprimir a gente... eu vejo meu tio em todos os instantes e lugares... Deixa-me escrever uma verdade, que não teria forças de dizer-lhe?... Deus quer que meu tio seja o prisma por onde eu devo contemplá-lo. Será isto uma fraqueza de razão, ou uma liberdade pecaminosa? Pecado seria eu calar este pensamento, que o meu querido mestre pode repreender.

“Estou triste, como há pouco. Eu adivinho alguma infelicidade. Sinto-me com tanta coragem para ela!... Mas a natureza humana, e especialmente o espírito da mulher, e especialmente o meu espírito, é muito fraco. Espero tanto em Deus!... tanto em Maria Santíssima!... e parece que uma voz, nem humana, nem divina, me diz que fuja, que trema, que recue ao combate do infortúnio contra a paciência! Muito triste é isto, meu caro tio! A minha vida tem faltas, que eu

devo expiar? Porque m'as não dizem, se me amam?!

“Persigo-o muito, eu bem o sei! Não o deixo em paz, quando tão necessária lhe é para estudar a grande luta em que está empenhado! Não sei as forças do seu discípulo, mas eu admiro mais a conversão de Santo Agostinho que as vitórias de Alexandre. Aqui estou eu a fazer-me vaidosa e sabia diante de meu tio, que também conhece a minha humilde ignorância!... É que estou afeita a conversarmos como escrevo.

“E a minha melancolia? E os meus versos? Nem me disse se tinham as sílabas todas, ou quantas deviam ter mais! Nem valia a pena... Adeus, meu extremoso amigo! Meu pai, e minha mãe, e meus irmãos estão muito saudosos. Não se esqueça um instante da sua família que o ama tanto como a sua sobrinha

Maria.”

— Coitadinha!... — murmurou padre Antônio, dobrando a carta — És um anjo!

XX

O conde tomara uma postura cômica de pasmo, quando Álvaro entrou no quarto. Alguma coisa o impressionara; mas em homens tais as impressões são fugitivas, e frouxas, porque não há aí entusiasmo, nem grandeza nessas almas caídas do sublime para o raso dos sentimentos grosseiros e triviais.

O procedimento do seu amigo devia maravilhá-lo. Era extraordinário! Apenas entrou no quarto, Álvaro estendera-lhe friamente a mão, e mandara-o sentar-se com um gesto, muito significativo de fastio. Que o hóspede lhe era aborrecido, bem o denunciava ele no franzir da testa, onde por força vem à luz da fisionomia sentimentos que a delicadeza quisera algumas vezes abafar.

— Doe-te a cabeça? — perguntou o conde.

— Não... doe-me o espírito — respondeu Álvaro.

— As dores do espírito, matam-se com *espírito*... mas é de vinho... Bebe... Obriga a matéria a pensar de outra maneira, como diz *Rousseau*.

— E diz *Rousseau* que a matéria pensa? — perguntou Álvaro, com um sorriso motejador.

— Que dúvida!... A matéria organizada, chamada homem, é uma coisa que pensa. Quando pensa mal, isto é, quando nos apoquentá, modifica-se a matéria,

imprimindo lhe uma ação nova. A maneira de modificá-la é simplicíssima. Disseste que estavas triste, não é verdade?

— Sim.

— Pois bem: bebe conhaque, come fiambre, afoga-o em vinho de Setubal, que é de mais a mais um triunfo patriótico sobre o *Champagne e Bordeus*. Seja o que for o bolo alimentício, que alojás no estômago, é matéria: esta, posta em contato com a matéria que pensa, altera-a; e desta alteração química e fisiológica resulta um novo ser pensante, uma solene pirraça à tristeza.

O conde esperava merecer uma risada com a sua dissaborida teoria. Foi para ele uma segunda surpresa o silêncio de Álvaro da Silveira. Neste silêncio transparecia o desprezo a que nos movem as chufas desengraçadas de um truão, *invita Minerva*, que nos noja, quando pensa recriar-nos. O conde não estava afeito a estas decepções. O orgulho doía-se. Álvaro seria o último de quem ele devia esperar um mau acolhimento.

— Agora vejo eu — disse ele contrafazendo o pejo, que mais acertadamente chamaríamos *despejo*. — Agora vejo eu, que o teu cérebro de hoje conspira contra a tua felicidade de ontem... que tens tu, mancebo gentil? A brisa da noite desfolhou-te a rosa, que te embalsamava o olfato do coração? Sonhaste alguma virgem de olhos garços, que não pudeste realizar em matéria corrente e sonante nestes reinos?

Álvaro, nem um sorriso! Era demais para *tanto espírito*! O conde só agora compreendeu que os seus ditos causticavam a paciência do discípulo. Este, apesar de molestado, não queria ser incivil. O predomínio do conde sobre o seu gênio não estava inteiramente extinto. Era-lhe necessário justificar-se de algum modo. Qualquer evasiva podia servir-lhe; mas a transfiguração do seu caráter, naquele momento, não lhe permitia uma mentira. Bem pudera Álvaro queixar-se de um padecimento físico, e tinha bem justificada a sua indolência para as carícias folgazãs do conde; mas não o fez assim, e, se consultarmos o coração humano, ouviremos um aplauso à franqueza que depois ostentava Álvaro. É que, se, por ventura, um sentimento novo acorda em nós desejos bons, o primeiro desses desejos é comunicar aos outros uma felicidade, que tanto menos egoísta, tanto mais perfeita se nos afigura. A passagem da indiferença para a observância da religião revela-se sempre com esses sintomas. O zelo de um neófito manifesta-se mais corajoso e ardente que o apostolado de um orador feito, e encanecido em desalojar a impiedade dos seus últimos redutos. E depois, no espírito iluminado pela efusão rápida e imperceptível da graça divina, há um desejo forte, uma vaidade santa de atrair espíritos contumazes, de curvar os joelhos arrogantes, e de vencer razões, cuja pertinácia nos parece impossível na presença dos argumentos que humilharam a nossa. O que então

se dá na alma é uma paixão sublime. A eloquência do que fala, convicto de verdades que lhe prometem uma aspiração imortal, parece um empréstimo da linguagem dos anjos. Ei-los aí, de repente, crédulos, os apóstolos, que estendiam há pouco as redes no lago de Getsemani, e surgem agora entre os intérpretes da lei, nas praças da Galileia, falando línguas que nunca ouviram.

XXI

Álvaro da Silveira sentira-se capaz de converter um ímpio. Há pouco ainda, balbuciara as primeiras palavras de fé, e crê-se já robusto para vibrar a funda contra o gigante do materialismo cuja arrogância não vencem forças de homem, sem o impulso divino, que arrojara a pedra que prostrou o gigante filisteu.

— Que tens tu? — repetiu o conde.

— O que eu tenho — respondeu Álvaro — é o desejo de um amigo; mas queria um amigo, que nascesse neste momento, e num momento me compreendesse. Não podes avaliar-me, conde. Se pudesses, ser-te-ia bastante uma só palavra...

— Pois bem — replicou o conde — diz ao menos essa palavra... ou diz sequer três palavras conceituosas como as de César...

— Ora atende-me. Tendo nós vivido sempre juntos nunca me persuadi que pudesse estar tão longe de ti como estou agora.

— Serás tu romântico?! atalhou o conde dando-se uns ares grotescos de espanto.

— Se ouvisses — tornou Álvaro sorrindo — a definição que há pouco ouvi do que é ser romântico, e se concordasses com ela, respondia-te que estava romântico.

— Pois quem anda cá por casa a dar definições? Teu pai deu agora nessa?

— Não foi meu pai... Meu pai o que soube foi definir a minha posição.

— Apre! Estás misterioso como o boi Ápis! Vou-me embora, que não sei ler geróglifos humanos. Palavra de honra! Soletra lá o conceito dessa charada, do contrário vou-te mandar preparar quarto na enfermaria de S. José.

— Então queres saber quem define os homens e as cousas cá em casa?

— Quero conhecer esse escolástico; deve ser um monstro de paciência

humana!

— É um padre!

— Um padre? exclamou o conde, erguendo-se, e apertando as mãos à cabeça — um padre em casa de Álvaro da Silveira! Malagrida em 1844 a fazer exercícios espirituais contra os exercícios da matéria!...

XXII

Neste momento, abriu-se a porta do quarto. Os que a abriram eram o pai de Álvaro, e fr. Antônio dos Anjos.

A presença do sacerdote devia aumentar o pasmo cômico do conde; mas a impressão foi diversa. Este homem do grande mundo perdia muito da sua altivez sarcástica, se não tinha em redor de si um rancho que lhe aplaudisse as chufas. A única pessoa de sua confiança, naquele momento, era Álvaro, mas este apostata do “grande tom” não era hoje o homem de ontem. E, por tanto, o desenvolto conde na presença do padre sentiu-se embaraçado, como devera sentir-se o padre na presença de três cavalheiros da força moral do conde.

Frei Antônio dirigiu sua humilde saudação ao cavalheiro, que não conhecia. Álvaro apresentando-lho, disse:

— Tenho a honra de lhe apresentar o meu amigo conde de ***. É mais velho do que eu, mas posso dizer afoutamente que sabe menos do que eu da verdadeira ciência.

— A verdadeira ciência — disse o padre — é um exclusivo de Deus, e não tem academias cá na terra.

— Concordo absolutamente na negativa — disse enfaticamente o conde.

— Então em que é que concordas? perguntou Álvaro.

— Em que não se sabe nada a respeito da verdadeira ciência.

— E em que é que não concorda, senhor? — interrompeu frei Antônio, com risonha benevolência.

— No exclusivo divino em que vossa reverendíssima monopoliza a ciência — responde o conde sorrindo sardonicamente à palavra reverendíssima.

— Não me parecem respeitadas as palavras da resposta — retorquiu o padre — mas nem por isso hesitarei em fazer-me compreender melhor, para depois avaliar a opinião de v. exa. Quando eu disse que a verdadeira ciência era um exclusivo de Deus, poderia fazer-me entender melhor se dissesse que o objeto do estudo que prometia consequências seguras de princípios certos, é Deus. Se v. exa. quiser insistir na primeira inteligência que deu às minhas palavras “que a verdadeira ciência é um exclusivo da divindade, porque só Deus é onipotente...”

— Assim reza a cartilha do padre Ignácio — interrompeu o conde com acatamento irônico.

— É verdade — replicou o padre — a cartilha do padre Ignácio, que v. exa. citou em ar de mofa, assim o diz e deve dizê-lo, porque essa cartilha, por onde estudam os meninos, contém as verdades eternas como elas foram recebidas pelos sábios e ilustrados doutores da igreja. E como é possível que não soe bem aos ouvidos de v. exa. esta minha linguagem, buscada de empréstimo na cartilha do padre Ignácio, eu não poderei, falando-lhe a ciência de Deus, empregar os termos que a falsa filosofia emprega contra Deus.

— V. sa. faz uma grave injustiça à filosofia. Sem a filosofia — disse o conde, assumindo um ar de séria profundidade — sem a filosofia não poderiam os padres da seita cristã seduzir o espírito dos homens, a ponto de convencer alguns menos refletidos, da divindade do cristianismo.

— E por tanto — acudiu o padre — deixe-me v. exa. concluir que a filosofia é uma mentira, por isso que os padres da seita cristã, como v. exa. gratuitamente apelida a igreja católica, se serviram dela astuciosamente para convencer os menos refletidos. Ora pergunto eu agora, quais são os mais refletidos?

— São os que veem as cousas pelos olhos de uma razão ilustrada!

— Mas a razão ilustrada não é a filosofia?

-É.

— Logo a razão ilustrada é uma mentira, por isso que a filosofia é uma mentira, que seduz os menos refletidos a julgarem divino, o que não passa de uma humana impostura. Pode v. exa. elucidar-me nesta grave questão, que não vem resolvida na cartilha do mestre Ignácio?

O conde embaraçado, e surpreendido pela argumentação escolástica do padre, parecia engasgar-se numa resposta, cuja frivolidade lhe estava bem denunciada no rubor que lhe subia à face. Este rubor era a arrogância despeitada. Frei Antônio, repeso de assolar tão cedo o frágil edifício do seu adversário, remediou

o mal que, segundo a sua humildade, tinha feito, dando ele próprio a mão ao fraco contendor.

— Estou como v. exa. persuadido — disse ele — que há uma filosofia à qual faria grave injustiça, se não dissesse que muito lhe devemos por nos ter aplanado algumas dificuldades em ciência. Estas dificuldades vencidas serviram a causa de Deus, e confirmaram verdades claras que a razão humana julgara mistérios. Citar-lhe-ei um exemplo. Há um século escreveu-se contra o cristianismo, e disse-se que a religião assim chamada era um encadeamento de embustes desde Moisés até Jesus Cristo, desde o Genesis até o Evangelho. Os que assim escreviam eram filósofos, sr. conde?

— De certo, porque os que assim escreveram foram Voltaire, d'Alembert, Holbac...

— E outros muitos que não é força citar. Pois, senhor, esses reputados filósofos disseram que Moisés era uma impostura, por isso que a filosofia não podia consentir que a relação dos sucessos da criação do mundo, descrita no Genesis, fosse verdadeira. Passados anos, as academias científicas, especialmente a sociedade de Calcut, expressamente organizada para testificar ou destruir o testemunho de Moisés, declara que é impossível compreender a cosmogonia, isto é, a formação do mundo, sem admitir as infalíveis bases de ciência, escritas há cinco mil anos nos livros do povo hebreu. Agora pergunto eu se devemos julgar filósofos os primeiros que negaram Moisés, ou os segundos, que, partindo das veredas da incredulidade para o caminho reto da ciência, declararam, após cem anos de progresso em ciências naturais, que a narração do Genesis era a única admissível em verdadeira filosofia. Se acreditamos os primeiros a ciência é uma mentira, por isso que tanto mais progride tanto mais se afasta da verdade. Se acreditamos os segundos, os primeiros eram os mentirosos, e por tanto eu proclamarei a filosofia progressiva como aquela que conduz ao conhecimento de Deus, tanto quanto é possível às indagações da limitada razão do homem.

— A razão do homem não é limitada — retorquiu o conde. — A razão do homem é que devemos o vasto terreno da ciência, granjeado pelos esforços desses homens que conquistaram verdades axiomáticas, sem as armas do Evangelho, e sem as esterilizadoras argúcias da teologia. A razão do homem é amplíssima e imensa com Deus, porque Deus é a razão.

— Não estamos já na questão que discutimos — tornou o padre. — V. exa. devia destruir os meus argumentos, provando-me que os verdadeiros filósofos eram os do século passado que destronaram Moisés do seu prestígio de legislador inspirado diretamente de Deus. Devia provar-me que a ciência moderna, restaurando as tradições da história antiga, e restituindo Moisés ao patriarcado das primitivas verdades, era uma nova impostura, ou a continuação

daquela sórdida ignorância que Voltaire combateu triunfantemente, segundo a maneira por que v. exa. vê as cousas. E, estando eu muito convencido da impossibilidade que v. exa. há de encontrar em provar-me as teses que lhe apontei, vou responder à apologia que fez à razão do homem.

Não há dúvida que a razão humana procura todos os dias tirar, em ciência, novas consequências de velhos princípios; e efetivamente esse incansável trabalho do espírito humano, ansioso de progredir, tem conseguido tudo isto que nos maravilha nas ciências e nas artes. Já vê v. exa. que eu concedo grandes foros, e sublimes honras à razão; mas, já que tão opulenta a considero, não terei escrúpulo em pedir-lhe que me explique os princípios de que ela tira as suas consequências científicas. Pedirei aos químicos, que me expliquem o seu grande princípio axiomático da “afinidade”. Responde-me v. exa. em nome deles?

— Eu de certo não, porque ninguém soube dizer o que era afinidade.

— Não é tanto assim. Os químicos dizem que a afinidade é a força que atrai as moléculas de diferente natureza. Respondem assim, porque observaram a combinação dessas moléculas; mas queria eu que me fosse explicada a natureza dessa força, o segredo desse movimento de corpos inertes, sem que a mão do homem lhe imprima tal movimento. É a “atração” dizem os físicos, mas o que é a atração? Donde vem a força impulsiva que faz girar o globo que habitamos em redor de um outro globo, que não conhecemos?

— Não temos precisão de conhecer até à evidência esses segredos da criação.

— Mas v. exa. concede que o Criador não os ignora?

— Seria um absurdo não o conceder.

— E a razão humana não pode conhecê-los?

— Já disse que não.

— Mas v. exa. disse que Deus é a razão humana! Eu sinto grandes dificuldades em combinar a sua tese com as consequências que se tiram dela. Se a razão humana é Deus, o homem é forçosamente divino pela celeste razão que o ilumina. Se o homem, com a sua razão, não pode profundar os segredos da criação, eu não posso conceder que Deus, pelo fato de modificar-se em “razão” unindo-se à humanidade, reservasse para si certos mistérios como “Deus”, e cedesse a si próprio o conhecimento de certas e determinadas verdades como “razão.”

— Não combinamos em princípios, meu caro senhor, e daí vem a

desinteligência em que estamos nas consequências. Eu vou explicar-me com clareza: Eu digo que a razão do homem é uma emanção de Deus.

— Mas eu não entendo, sr. conde, o que é, e como se opera essa emanção de Deus. Deus é indivisível; Deus é inalterável; Deus é imutável. Não posso, por mais abstratas que sejam as minhas intuições, imaginar que a emanção de Deus não seja uma parte de Deus; e, por tanto, não concebo como essa parte seja substancialmente diversa do todo. Deus considerado em si, segundo v. ex.^{ta}, é onisciente, e vê os segredos da sua obra: Deus, convertido em razão pelo efeito da emanção, segundo os mesmos princípios, perde os atributos de Deus onisciente, e restringe-se ao conhecimento de algumas verdades, por meio das quais é impossível conhecer os mistérios, que há perto de seis mil anos, os homens debalde tentam descortinar.

— Pois v. sa. não admite que todo o ser criado é uma emanção de Deus?

— Não, senhor, não admito.

— Essa é boa! Pois a criação não é uma produção de Deus?

— E a produção é por ventura uma emanção? A estátua de barro que sai das mãos do escultor é uma emanção de escultor? Deus incorpóreo poderia materializar-se nas massas inertes, que foram produto de sua onipotência, tanto como o homem que foi feito à sua imagem?

— aí está um grande embaraço para mim. Não compreendo como o homem corpóreo foi feito pelo modelo de Deus incorpóreo.

— A imagem de Deus, sr. conde, é a alma, não é o invólucro material da alma. Memória, vontade, inteligência são os traços dessa fisionomia espiritual afeiçoada pelo tipo divino. Atribuímos à memória tudo o que sabemos, diz S. Bernardo, posto que esta ciência não seja a causa de nossos pensamentos; atribuímos à inteligência, e algumas vezes à memória, tudo o que o pensamento nos mostra verdadeiro; imputamos à operação da vontade tudo o que reconhecemos ser bom e verdadeiro pelo socorro da inteligência. A memória nos assemelha ao pai, a inteligência ao filho, a vontade ao Espírito Santo. Seja-me permitido citar Santo Ambrosio, em quanto v. exa. invoca os textos de Voltaire. “Do mesmo modo que Deus, diz ele, criador do homem à sua semelhança, é caridoso bom e justo, doce e sofredor, puro e misericordioso... assim o homem foi criado para possuir a caridade, ser bom e justo, doce e paciente, puro e misericordioso. Quanto mais o homem sente em si essas virtudes, mais se aproxima de Deus, e mais semelhança tem com ele. Mas, se úlcerado pelo crime e pelo vício, ele se afasta e degenera desta nobre semelhança com o seu Criador, descera à realidade destas palavras escritas em

predição bem desgraçada: “O homem não compreendeu a sua elevada posição; comparou-se aos irracionais, e assemelhou-se a eles.”

— Parece-me muito metafísica a sua explicação, sr. padre. Eu gosto da geometria em todas as demonstrações, e não admito verdades sem evidência matemática. O seu Santo Ambrosio e S. Bernardo explicariam perfeitamente a semelhança do homem com o seu Criador, mas foi nesses tempos em que falavam às turbas crédulas, que juravam em suas palavras sem entendê-los. Hoje é muito perigoso esse assunto, e não me consta que desde o século do grande Rei, desde Bossuet até Fraissinous, algum orador cristão torture a inteligência do seu auditório, querendo à força persuadir-lhe que o homem foi criado à semelhança de Deus!

— V. exa. não tem obrigação de ter lido tudo; mas também a não tem de caluniar Bossuet. Se a memória não me falha, eu lhe cito as palavras textuais do grande orador: “Façamos o homem; e proferidas estas palavras, a imagem da Trindade apareceu. Ostenta-se luminosa na criatura racional: semelhante ao pai tem o ser; semelhante ao Filho tem a inteligência; semelhante ao Espírito Santo tem o amor; semelhante ao pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, tem, no seu ser, na sua inteligência, e no seu amor uma mesma felicidade, uma mesma vida. Feliz criatura, e verdadeiramente semelhante, se ela se ocupa unicamente dele! Então, perfeita no seu ser, na sua inteligência, e no seu amor, conhece quanto é, ama quanto conhece: seu ser e suas operações são inseparáveis; Deus torna-se a perfeição do seu ser; a nutrição imortal da sua inteligência, e a vida do seu amor... Ditosa criatura, se sabe conservar a sua felicidade!”

— Esta é a doutrina de S. Bernardo, de S. Ambrosio, de Bossuet, de Fraissinous, e de todos aqueles que bebem o leite da fé no seio da esposa de Jesus Cristo.

— Não duvido; mas não compreendo. O que eu sei é que repugna com a menos desenvolvida razão a semelhança espiritual do homem com Deus. Eu conheço homens tão degradados da honra, tão hediondos de crimes, que reputára-me blasfemo se os considerasse semelhantes no tipo divino.

— Há de ter paciência de escutar-me com a atenção de filósofo, se não pode prestar-me outra. — A revelação figura-nos o homem, não só como o mais perfeito de todos os seres animados, mas ainda como o rei da natureza, para o qual foram feitas todas as cousas. Por ela aprendemos que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, para que presidisse ao universo. Sabemos ainda que, depois de dar-lhe uma companheira, disse a ambos: “Crescei e multiplicai, enchei a terra da vossa posteridade, submetei a vossas leis tudo o que respira; pois tudo é feito para vós.” “Vós o fizestes senhor de todas as vossas obras! — exclama o salmista — todos os entes vivos são submissos ao seu império, e destinados para seu uso.” É verdade que a escritura varia a linguagem, quando

lembra ao homem a sua construção de terra, que em terra se tornará. Assim era necessário para sufocar os orgulhos do coração. Não é, porém, o longo viver sobre a terra que constitui a dignidade do homem. Não é sobre a terra, que a felicidade lhe sairá ao encontro. Criado para Deus e para a eternidade, só no seio de Deus, e no seio da eternidade poderá ser feliz desse gozo inalterável que não se finda. É aqui onde começa a cadeia de objeções por parte da incredulidade. Nega primeiramente que o homem fosse feito à semelhança de Deus. Quem quiser, porém, convencer-se desta verdade, observe com atenção o modo como a alma exerce suas funções, e o domínio que ela tem sobre o invólucro de matéria inerte, que lhe obedece: Consideremos a variedade infinita das nossas ideias, a rapidez com que elas se formam, a comunicação por intermédio da palavra, a fidelidade da nossa memória, esse pressentimento que raras vezes nos engana, tudo parece aproximar-nos da suprema inteligência, que abraça de um lance o céu e a terra, as passadas, as presentes e as futuras revelações da humanidade. A alma, quando furiosas paixões a não agitam, é capaz de reprimir seus desejos; de acalmar seus movimentos desordenados, de dirigir sua vontade, e aí se observa uma, posto que imperfeita, imitação do império que Deus exerce sobre todos os seres. O sentimento que ela tem de sua imortalidade, seu olhar penetrante nas profundidades do futuro, e suas esperanças ansiosas além do túmulo, são indicações do seu destino, assinalado por Deus.

— Essa imagem de Deus — atalhou o conde — está bem degenerada; e, se o não está, Deus é um ente bem imperfeito.

— Concordo — tornou o padre — que não é muito semelhante esta imagem do homem imperfeito com a do seu perfeito Criador; era-o, contudo, no momento da criação; foi o pecado que o desfigurou. Mas se o homem degenerou por causa do pecado, lapso da sua inocência primitiva, foi depois regenerado pelo sangue do Salvador, e, assim resgatado, tornou-se pela graça filho de Deus. O homem, no estado de inocência, devia dominar-se, dominar as criaturas todas, e viver perfeitamente com Deus, seu criador. Eu queria poder aqui especificar a substância da alma, para satisfazer plenamente às dúvidas do sr. conde, mas, se eu posso provar que a sua espiritualidade está provada pela sua origem, devemos convir que tudo mais nos é desconhecido. Porque Deus soprou o barro que amassara, não se segue que a alma humana é uma porção de Divindade, como os antigos egípcios acreditavam: esta suposição levar-nos-ia ao panteísmo, de todos os sistemas o mais insensato. Deus é um espírito, o espírito é indivisível; e, recebendo cada homem no hálito criador uma porção de Divindade, cada homem seria um Deus. O que devemos entender do sopro de Deus não é uma emanção da substância, mas sim a criação de uma substância semelhante, isto é, espiritual, mas nunca idêntica ao Supremo Espírito.

— Não existe entre o corpo e essa substância espiritual uma união real? —

interrogou o conde.

— Certamente, existe, porque o corpo é o instrumento de que a alma se serve para obter o conhecimento dos objetos.

— Mas qual é a natureza dessa união?

— Essa questão não pode ser solvida pelos homens: é um mistério daqueles em que a Divindade se manifesta com mais majestade ao débil entendimento da humanidade. Se, porém, não é possível chegar à última consequência dessa pergunta, não é difícil provar-lhe que uma tal união existe. A alma possui sobre o corpo a soberania e a independência da vontade; rege-o pelo pensamento, sem compreender a disposição dos órgãos que rege, e sem que perceba a potência que move e anima as fibras. Sabe, por ventura, v. exa. explicar-me a natureza de certas operações incógnitas, que se passam em si? Sem a degradação produzida pelo pecado, este império da alma não acharia estorvos no seu exercício; mas, no estado atual, a vontade é muitas vezes vencida pela resistência dos sentidos.

— Pois bem, tornou o conde — eu ponho de parte a estéril pretensão de querer saber onde está a alma, e peço que me diga, sr. padre, que culpa tenho eu no pecado de Adão, para estar pagando as suas dívidas? Isto parece-me uma flagrante injustiça!

— Deus é soberanamente sábio, bom, e misericordioso; disse-nos que o pecado de Adão era uma herança de culpa para todos os seus descendentes; devemos acreditá-lo. São-nos desconhecidos os motivos desta responsabilidade; mas não se segue que possamos, como ignorantes, alcunhar de injusto o Altíssimo. Neste mundo há alguma cousa semelhante. Diz-se que as faltas são pessoais, e que a vergonha de uma ação criminosa deve só recair naquele que a pratica. E, quando um crime estrondoso se dá que é o que nós fazemos? perseguimos com ódio e com desprezo o condenado e a família do condenado, até lhe cortarmos os vínculos que a prendem à sociedade. Não quero dizer que Deus sinta estas repugnâncias próprias dos homens, porque não sabemos o motivo porque ele produziu obras, que apenas podemos contemplar; o que dizemos é que Deus é infinito, eterno, e que a pena do pecado, para estar em proporção com a sua natureza, deve ser eterna e infinita. No estado de inocência, o homem tinha a luz da sua inteligência, e, degradado pela culpa, caiu nas trevas; de senhor absoluto da sua vontade tornou-se escravo dos sentidos; pelo repouso e felicidade que possuía, trocou a tristeza e o tumultuar das paixões, que o infelicitaram: em lugar da vida espiritual e eterna, encontrou a vida material e a morte.

O conde atalhou as razões do padre, espreguiçando-se rudemente, abrindo a

boca, esfregando os olhos, com a mais sensível ostentação de escárnio. Fr. Antônio sorriu-se com bondade, e disse para o pai de Álvaro:

— Eis aqui como a filosofia do orgulho, esta rainha cômica do mundo, responde aos que lhe perguntam pelos seus foros de realeza...

— Não é isso, sr. padre — interrompeu o conde. — É que eu passei uma noite pouco ortodoxa e não posso digerir o suco nutriente da sua teologia sem dormir algumas horas, para restabelecer a boa harmonia entre as funções do entendimento e as dos sentidos. Bem sabe v. sa. que os apóstolos dormiram, e mais era Cristo quem lhes pediu que velassem. Ora eu não tenho a audácia de comparar-me a Cefas, e vossa reverência não quer de certo também comparar-se ao Mestre... Meus senhores, a minha noite começa agora... Vou dormir, naturalmente sonharei com S. João Crisóstomo, e S. Bernardo... Boas noites.

XXIII

As argúcias galhofeiras do conde não agradaram a algum dos ouvintes. Álvaro pareceu vexar-se daquela despedida, mais insultuosa que engraçada, ao padre. Este, porém, suposto que vexado, não se denunciou pelo mais ligeiro gesto de enfadamento. A coragem para receber impassível as ironias sarcásticas da incredulidade, dera-lha a desgraça, e aconselhara-lha a caridade.

Na ausência do conde, Álvaro e seu pai esperavam do padre palavras ressentidas; e maravilharam-se quando lhe ouviram dizer com profunda compaixão:

— O desgraçado precisa muito das orações de um justo!... Quem me dera sê-lo para que a luz do céu lhe descesse ao espírito, antes que o desalento do mundo lhe aconselhasse a religião como refúgio das extremas desgraças da vida! Oh! quando isso acontecer... muito infeliz deve ele ter sido!...

Desde este momento apertaram-se os vínculos de piedade, de simpatia religiosa que prendiam Álvaro e o frade. O mancebo vira a vergonhosa retirada do seu antigo mestre de ateísmo, e decidira-se de coração a favor do modesto triunfo do humilde padre. Como espírito iluminado pela fé, Álvaro precisava formar a sua razão pelos elementos de uma filosofia que Fr. Antônio lhe dissera existir, mas que não era aquela do seu amigo conde.

O estudo atencioso, reflexivo, e continuado tornou-se a vida, quase invariável, do educando. Uma transição, assim rápida, assentava o padre que não podia, sem intervenção divina, explicar a improvisa regeneração de um homem, que deixara no mundo mil incentivos de paixões que o não tinham enfastiado ainda.

A vergonha da virtude, que não pudera vingar num coração ulcerado de vícios, principiou a desabrochar flores que enfeitavam a conversão do mancebo dessas galas de educação, que parecem vindas do berço e herdadas dos pais. Era o império da religião, e unicamente da religião.

Fr. Antônio dos Anjos, vaidoso com razão da obra, cujo instrumento ele fora, não cessava de agradecer ao Altíssimo a escolha que fizera de um pecador para a conversão de outro pecador, para quem o remorso seria tardio.

XXIV

Na “grande roda”, falava-se muito da conversão de Álvaro. Infelizmente, porém, esta conversão tomaram-na irrisoriamente a maior parte daqueles que se ocupavam dela, por não terem um caso semelhante de que se ocuparem. Os da sua plana, particularmente, pareciam vexados da religiosidade do seu antigo camarada, que tão belas esperanças dava de correr parselhas no cinismo filosófico do conde.

Na incerteza de semelhante boato, muitos vieram procurar Álvaro, e acharam-no pronto sempre a recebê-los; se, todavia, os seus hóspedes tentavam chamá-lo ao assunto, que ali os trouxera, Álvaro contava-lhes uma história assim resumida:

“Eu era discípulo do conde ***, assim como vós o sois. Casualmente o meu mestre de filosofia falsa encontrou-se com outro que me dizia ser o mestre da verdadeira filosofia. Disputaram por algumas horas: o primeiro, quando se viu esmagado no seu orgulho, fugiu, cantando um hino em seu triunfo, mas um hino injurioso ao modesto vencedor. Sabeis o que depois me fez alistar na escola do frade, e fugir à escola do conde? Foi, talvez, muito pouco: vi que o frade pediu a Deus a conversão do conde que o insultara, e insultara a Deus.”

Os que o ouviram diziam depois: “Aquele pobre Álvaro endoudeceu!... Coitado!... Seria uma paixão infeliz? Seria desorganização do cérebro?... Seria alguma grande perda no jogo?”

LIVRO III

I

Eram passados seis meses depois que frei Antônio dos Anjos tomara a seu cargo a educação de Álvaro. Este mancebo, vivendo uma vida quase de reclusão e de

imobilidade corporal, fazia grande violência ao corpo, se bem que à alma não fazia nenhuma. É que a matéria, posto que sujeita à vontade do espírito, adquire certos hábitos, que não seguem facilmente as modificações do espírito, principalmente quando estas são boas e aqueles maus. É como o relevo aberto no mármore pela mão do homem, cuja imperiosa vontade não pode desfigurá-los sem que a mão os destrua.

E a passagem da vida agitada para a meditação sedentária fora em Álvaro rápida, talvez de mais. Fr. Antônio conhecia a inconveniência desta transição; mas superior a tais receios, o religioso esperava que, na conversão do seu discípulo, se operasse um continuado milagre.

A Providência, porém, imprimira no espírito do mancebo o impulso da graça, e deixara-o sozinho na luta do bem e do mal, para que as fadigas do seu triunfo lhe fossem expiações das cobardias em que se deixara vencer.

Ao cabo de seis meses, Álvaro da Silveira dera sensíveis mostras de um abatimento, não de espírito, não de coragem, mas dessa languidez de todos os órgãos, que parece o cansaço de uma febre intermitente. A melancolia fizera-o mais concentrado, mais solitário, e até mais aborrecido de si e dos outros. O estudo não lhe valia já de distração, nem as práticas eloquentes do mestre lhe cativavam o espírito. Quase sempre fechado no seu quarto, Álvaro, por fim, repelia os alimentos que lhe levavam, e carregava o sobrolho às admoestações que o pai ou o mestre lhe faziam. Frei Antônio quis ver neste estado crítico os elementos ainda não inflamados de uma reação. Tremeu com a ideia de não vingarem os frutos da boa semente que ele, com tanto esmero e tanta esperança, cultivara naquele coração desbravado, ao que parecia, dos espinhos da impiedade. Orou fervorosamente, pediu com ansiedade a tutela do céu para aquele órfão de pai, de amigos, e de mestre que pudessem ampará-lo na sua recaída no abismo, de onde parecia ser salvo. O santo homem chegara a persuadir-se que os seus trabalhos seriam inúteis, porque o senhor queria punilo da vaidade que ele tivera em fazê-los proveitosos.

II

Neste conflito de doridos pensamentos em que a alma do padre andava trabalhada, inspirou-lhe a sua aflição um pensamento que longas e veladas noites lhe alvoroçou o espírito, antes que seus lábios o proferissem.

Fr. Antônio lembrou-se de conduzir Álvaro à sociedade; levá-lo ele próprio ao mundo, e buscar aí em roda de pessoas que se interessassem, tanto como ele, na regeneração daquele mancebo.

Mas as relações do egresso eram muito poucas, e quase se limitavam às do parentesco, e às novas que adquirira na casa em que vivia.

Onde ele, cheio de confiança, poderia apresentar seu discípulo era em sua casa, na roda de sua família, onde desde 1834 não tinha entrado uma pessoa estranha dessas que são apresentadas pelo seu nome, pela sua posição, ou pelo seu dinheiro. aí, porém, vivia uma menina que não sabia ainda distinguir o homem que nascera bom, e bom perseverara, do homem que fora mau e parecia bom.

A consciência do padre não lhe aconselhava confiadamente esse passo, cuja firmeza era toda responsabilidade sua, porque bem sabia ele que Álvaro da Silveira, apresentado ao coronel, seria recebido como filho, e, apresentado a Maria, seria recebido como irmão.

E foi por isso que em sua alma se debateram com violência dois sentimentos opostos: a confiança e a prevenção.

Ou porque do céu lhe descesse a inspiração, ou porque as propensões de sua índole lhe fizessem ver a face do bem empanada pelo véu da maliciosa suspeita, frei Antônio convidou Álvaro para acompanhá-lo a casa de sua família, onde, se quisesse, encontraria as afeições que se encontram numa família recolhida, que, de ordinário, parece desvelar-se em comunicar aos estranhos a felicidade de amor que lhe trasborda do seio.

Álvaro, sem fingir-se, não apreciou muito o convite, mas não se recusou a ele. O hábito de obedecer aos insinuantes conselhos do padre foi talvez o único móvel, que o fez aceitar um oferecimento, que lhe não prometia distração à profunda tristeza que se lhe entranhara no espírito.

Frei Antônio compreendera esta hesitação, e nela viu um próspero agouro. Seriam ilusões de uma boa alma?

III

O padre prevenira sua família da próxima visita que lhe era destinada. A mãe de Maria, tão inocente como sua filha, e tão confiada na prudência de seu cunhado como na de seu próprio marido, recebeu a notícia com jubiloso assentimento. O coronel fitou em seu irmão um olhar de interrogação, que devia ser uma pergunta íntima, que os lábios tinham medo de balbuciar: “Por ventura nada receias tu, meu irmão? Sabes que ao pé de minha filha só pode sentar-se um anjo como ela? Tens a certeza de que esse mancebo entra em minha casa como no santuário da honra?” Frei Antônio lera estas perguntas nos olhos de seu

irmão, e, como se precisasse de empregar a palavra que o coronel não ousava pedir-lhe, o padre apertou-lhe a mão com ternura, e murmurou a meia voz: “Não temas!... tu és honrado, tua mulher é uma santa, tua filha é um anjo... Eu serei um pecador, mas não sereis vós os que haveis de expiar as minhas culpas... Não temas, meu irmão.”

Maria, quando a nova lhe foi dada, experimentou uma sensação, dessas raras sensações que não hão de ter nunca na terra uma palavra fiel que as defina. Ao ver que nos lábios de sua mãe estava um riso de beneplácito e contentamento, Maria sorriu também maquinalmente, e ficou silenciosa, durante a longa conversação que se travara a este respeito.

Recolhida, contudo, ao calado abrigo do seu quarto, ao místico colóquio das suas tristezas com a imagem de Maria Santíssima, a melindrosa menina consultava-se, com doloroso interesse, no que seria essa nuvem escura de melancolia, que viera turvar-lhe o espírito, quando ouviu dizer que Álvaro da Silveira, por cuja conversão tantas vezes ela orara, ia ser recebido como amigo no seio de sua família.

Esta interrogação era como as consultas que nós fazemos do nosso próprio destino; era como a ansiedade vã de levantarmos a cortina do nosso quadro de existência daqui a anos. Maria quando uma vez escrevera uma poesia intitulada *pressentimento*, dissera tudo quanto podia dizer, vira o futuro quanto podia vê-lo, caminhara através da vida quanto podia caminhar; e, como se os passos lhe cansassem, parou, chorando. É que o seu poema fora uma profecia de lágrimas nunca represadas.

IV

A aparição de Álvaro em casa do coronel impressionou estranhamente aquela numerosa família, cuja maior parte não se recordava de ver na sua sala um estranho.

Maria foi como sua mãe cumprimentá-lo, e, pela hesitação em que ia, pudera julgar-se que a violentavam. O acanhamento das suas maneiras, a inflexão tremida das suas poucas palavras, denunciariam uma inculta rapariga d'aldeia, a quem por passatempo aparamentaram de vestidos senhoris. Na grande roda seria fértil assunto de risos e gracejos.

Álvaro, por uma dessas incoerências da natureza humana, revelava um acanhamento quase semelhante ao de Maria. A prevenção em que o vimos a respeito dela, o conceito sublime que a religião lhe ensinara a fazer das suas virtudes, e, mais que tudo, a beleza dessa menina, que ele nunca encontrara

nos bailes, nem, semelhante a ela, se recordava ter visto outra, foi por ventura tudo isto a estranha emoção que o sobressaltou e colocou, como costuma dizer-se, numa falsa posição.

E, demais, quem sabe se assim ficam explicados os embaraços de Álvaro?

Qual de nós não teve na vida uma situação semelhante, de onde melhor possa ver a de Álvaro da Silveira?

Quem é o homem forte e senhor de si, quando a virtude e a formosura, iluminando a mulher de um santo prestígio, lhe fascinam os olhos da face e os da alma?

E, quando o espírito, purgado das fezes da irreligião, contempla a mulher virtuosa como a depositária de sentimentos que mais genuinamente simulam o amor de Deus, é tão natural esse enlevo, esse culto, essa idolatria no homem que pôde encontrar um anjo, onde não esperava já encontrar senão estímulos de paixões materiais!...

Nem se explica de outra maneira a surpresa de Álvaro na presença de Maria dos Prazeres.

A virtude tem uma fascinação particular sobre o homem, que não desceu, na escala da depravação, a ponto de negar a existência de corações imaculados. Anojado de estudar a mulher, modelada nas formas invariáveis do salão, onde todas são semelhantes a cada uma, Álvaro da Silveira, abaixou os olhos diante da primeira mulher, que, em outros tempos, poderia abater-lhe o orgulho.

Foi nesse respeitoso silêncio, nesse involuntário acanhamento de maneiras, que o mancebo justificou a regeneração do seu caráter. meses antes, se o tivessem apresentado a Maria, vê-lo-iam empregar todos os recursos da eloquência, adaptada a todas as mulheres do “grande mundo” intimamente persuadido de que aquela, deslumbrada pelos europeus da frase, saudaria em sua alma a aparição de uma simpatia ardente pelo gênio, pelo talento palavroso, e pelos arrebiques da língua estudada.

O coronel, atencioso observador da aproximação de Álvaro, gostou do pejo com que sua filha foi recebida. Frei Antônio a quem competia encetar uma conversação em que respirassem aquelas duas almas retraídas, principiou a elogiar modestamente as qualidades do seu amigo. Álvaro, silencioso, principiava a afligir-se da sua absoluta esterilidade de ideias, quando, em boa civilidade, lhe convinha agradecer o acolhimento com que era especializado naquela casa. Não se acreditaria esta perplexidade, se cada qual não pudesse justificá-la com um momento semelhante na sua vida.

Álvaro achou a inspiração na própria fraqueza, que o mortificava. Voltando-se para frei Antônio, com as faces rosadas, disse com voz trêmula:

— Eu creio que perdi na solidão os hábitos do mundo, meu caro mestre. Nem já sei falar, e era dantes um falador importuno!... A sua família deve fazer de mim uma ideia triste...

— Por quê? — interrompeu a mãe de Maria, com insinuante delicadeza.

— Porque, minha senhora? — retorquiu Álvaro — porque me acho aqui coacto, entrei aqui grosseiramente, como um saloio que vestiram de casaca, e de um modo que v. exa. de certo não esperava receber um hóspede que vive na roda onde as etiquetas chegam a ser enfadonhas pela demasia de reparos.

— Ora, sr. Álvaro — interveio o coronel — nós sabemos o que são essas cortesias, e palavreados da tal roda, que v. exa. frequentou. Minha filha Maria, essa não as sabe de certo; mas pouco lucrariam, ela, se as aprendesse e v. exa. se lhas ensinasse. Aqui, a única pessoa exigente — continuou o coronel, sorrindo — exigente das genuínas etiquetas da corte é talvez v. exa. que de lá vem. Tenha, porém, paciência, se nos encontra sem o polimento com que se envernizam os mimosos da fortuna, alegres sempre e sempre cuidadosos de ensaiar-se, quando a ociosidade os enfastia, na arte de agradar. Aqui tem v. exa. as ideias a respeito dos galhardos faladores de salão, que, segundo ouvi dizer, por aí se chamam *fazedores de espírito*. Sejam lá o que forem, eu aprecio muito a economia de palavras com que v. exa. abriu as relações com esta família ignorada. Até por generosidade, nenhum hóspede, chegado a esta casa deve exigir de nós os tratamentos apurados de uma refinada delicadeza. Não os sabemos, nem poderíamos sustentá-los. Tudo isto vem a serenar a impaciência com que o sr. Álvaro da Silveira parece queixar-se das ideias, que lhe não abundaram, quando tivemos a honra de o receber.

V

Em quanto o coronel prendia os olhos atenciosos de Álvaro, Maria, cobrando novos alentos daquela espécie de familiaridade adquirida pelas franquezas de seu pai, levantava os olhos meio tímidos para frei Antônio, que até então não desviara os seus das faces encarnadas de sua sobrinha. Álvaro continuou com o coronel um diálogo sobre o assunto das etiquetas, que ambos julgavam, umas vezes, indispensáveis, e, outras, fastidiosas, em quanto Maria, convidada por seu tio, foi sentar-se contrafeita ao piano e suspendeu a travada conversação dos dois, que à primeira corrida do teclado, levaram instintivamente os olhos e os corações para o rosto incendiado da formosa menina.

O que ela tocou não se recordava Álvaro de o ter ouvido. A meia voz perguntou à mãe de Maria a que opera pertencia aquele rico trecho de música. Em resposta teve um sorriso de modéstia, a que o mancebo achou duvidosa explicação, e, pouco depois compreendeu, quando frei Antônio, alma franca, e sem reservas de falsa modéstia, declarou que a música era de sua sobrinha. Maria corou, e apressou-se a declarar que não era absolutamente original aquela composição modelada por alguns fragmentos de música, que ouvira no órgão das Terezinhas. A evasiva não era de todo inexata. Maria, afeiçoada à música do templo, nas suas composições, procurava sempre como texto as notas que mais lhe afinassem com o profundo sentimento de terna melancolia, que a dominava, nos últimos meses da sua existência.

Frei Antônio estava sendo penoso à natural modéstia, filha do pudor, que a cada instante, se manifestava no rosto purpurino de sua sobrinha. Homem estranho às mil conversações com que a sociedade consome as horas em inútil trocadilho de palavras, entendia que o mais judicioso passatempo, e até o mais cômodo ao espírito de sua educanda, devia ser a literatura. Por isso chamou a campo sua sobrinha, e obrigou-a pela obediência a entremeter-se em questões, que o próprio Álvaro de bom grado não quisera quinhoar, com receio de não sair-se bem. Maria, quando os primeiros terrores se desvaneceram, era sublime aos olhos do hóspede, que a não concebera tão elevada a respeito de certas cousas, que se dizem, quando a autoridade dos anos, gastos em aprender, lhes dá um tom de certeza que, quase sempre, ajusta mal com a natural simplicidade de uma senhora.

Falava-se em romances. Frei Antônio dos Anjos empenhava os seus vastos recursos científicos em condenar esse gênero de leitura. Álvaro abraçava a opinião de seu mestre, e citava-se a si como vítima das perniciosas leituras da sua infância. O coronel e sua esposa aplaudiam a rejeição dos romances. Maria, porém, e só ela, cheia de humildade, sem levantar os olhos dos dedos rosados, que se distraíam correndo a bainha do lenço, contrariava as opiniões dos inimigos dos romances, depois que a cada um ouvira as razões, mais ou menos fortes, com que a leitura do tempo era votada ao extermínio. A sua argumentação era concisa, e quase sempre balbuciante daquele temor tão próprio em anos verdes, em presença de um estranho, de um pai, e de um sábio.

VI

Uma hora de convivência entre pessoas, que sinceramente se comunicam em francas manifestações do que são, é bastante para a familiaridade, para a estima, e para isto que o coração ambiciona, este bem-estar, nascido da confiança, inteira e desprevenida, que depositamos em uma roda de amigos.

Raro, porém, estas rodas se deparam. *Amigo* é uma palavra profanada pelo uso, e barateada a cada homem que se nos apresenta, como a *palavra de honra*, que por aí anda desvirtuando a honra e a amizade.

As delícias da conversação, expansiva como a confiança, e despreocupada como a ingenuidade, essa não se conhece nos salões, onde o epigrama recebe os louros da eloquência, e o espírito acerado e cortante conquista as ovações do talento. A murmuração, bem salgada de ironias galhofeiras, é a rainha das conversações, coroada pelo diadema da hilaridade, que, muitas vezes, não poupa o primeiro da roda, que se retira, nem o dono da casa, que fica, pela sua parte, cotejando os vícios dos seus hóspedes *espirituosos*.

Desta feição eram as práticas, em que Álvaro da Silveira, adestrado pelo conde de *** primara como bom artista de *equivocos*, e trocadilhos, em que o sarcasmo acre e engenhoso, pegava delicadamente pelos cabelos da vítima, e a empalava nos tratos da zombaria, iguaria saborosa, a única, talvez, para os paladares estragados.

Era, pois, uma novidade para o seu espírito aquela franca exposição de sentimentos, de mais a mais interessantes pelo lado da inteligência, e simpáticos para o coração de todos, e especialmente do mancebo, que se extasiava, na presença de um talento de mulher, flor aberta em exalações de um novo perfume, para ele, que nunca a vira tão bela e tão fascinadora no dom da palavra.

Maria compartira de sentimento de confiança, que viera dissipar os temores de Álvaro. Sem a candura, e a inocência, na franca exposição das suas ideias acerca de romances, Maria não diria tanto, nem se lançara tão seguramente na opinião contrária à de todos. A sincera menina, ingênua como as suas intenções, viu no mancebo, que tão aceite era aos seus, um amigo digno de se lhe dizer tudo o que, em cousas literárias, se diria a frei Antônio dos Anjos.

Álvaro da Silveira estava sendo digno da sua confiança. E tanto o era, que uma nobre vaidade lhe alegrava o espírito, ao ver-se, tão depressa, merecedor da franqueza com que o recebiam, e da irmandade, com que Maria dos Prazeres lhe respondia aos seus argumentos na questão em que todos se interessavam.

Frei Antônio era um sábio; mas os sábios de todas as posições sociais, e particularmente os sábios criados no claustro, sustentam prejuízos, que as mediocridades lhes combatem com as débeis armas de uma ciência superficial. Frei Antônio pensava mal dos romances, por que lera um ou dois, ou mil desses que por aí envergonham a arte, e indignam o pudor. Álvaro da Silveira, que devorara tudo quanto os últimos anos tinham criado de mais licencioso na literatura francesa, odiava então os romances aos quais erradamente imputava

os seus desvios. O coronel e sua mulher jurava nas palavras de frei Antônio. Maria, porém, que não lera romances, nem mostrara o mais leve desejo de os ler, apresentava na defesa de tal leitura o instinto da adivinhação, a preciência do talento, que um relâmpago, às vezes, parece alumiar de improviso.

— Eu não sei — dizia ela — como os romances possam perturbar a minha tranquilidade! Que é o que eles dizem? Contam a vida como ela é; matam as ilusões de quem a supõe melhor; antecipam o conhecimento da realidade? Isso que tem? Um bom mestre, encarregado de levar pela mão o discípulo na estrada do mundo, cheia de precipícios, que é o que faz senão apontar ao inocente os abismos, que se escondem debaixo das rosas sedutoras? Que é o que tem feito meu tio a meu respeito? não é levantar-me a cortina do que são segredos para mim, e mostrar-me a triste realidade do que por aí há, apenas agradável aos olhos da inocência? Eu penso que o romance, espelho fiel das boas e más situações da vida, não pode fazer-me desejar o que é vício, nem aborrecer o que é virtude...

— Mas se o romance — interrompeu Álvaro — descreve o crime com as belas tintas da sedução?

— Não importa, o escuro do quadro lá está no crime: as fezes do absinto lá estão no fundo do cálix — retorquiu Maria — não sei se digo a verdade: mas imagino que há nos romances um mau princípio, que só deve prejudicar as pessoas, que os leem com o coração arruinado, e os olhos fartos já de ver a realidade de tudo o que há mau. É natural que o romance, para fazer bons certos atos do seu herói, precise de aniquilar a moral religiosa desses atos, e justificá-los pela moral da falsa filosofia. Isto me tem dito meu tio muitas vezes, e eu tenho pensado, outras tantas, na influência que poderiam exercer sobre o meu espírito essas más doutrinas, revestidas de sedutoras falsidades. Nenhuma, creio em Deus e em mim, que não. Mal de mim, e da minha fé, se o primeiro incrédulo, com talento de bem escrever, e falsificar a verdade, pudesse alvoroçar a minha consciência, a ponto de destruir com a página de um livro o que eu recebi pela educação, pela meditação, e pelo estudo!... Tomara eu saber tudo o que o mundo tem de bom e de mau... que me dissessem a flor em que a áspide se esconde, e o espinho que muitas vezes, sofrido com resignação, nos pode dar depois momentos de prazer. O que eu acho triste e perigoso é crescer, tocar a altura em que a inteligência raciocina, e o coração se emancipa dos descuidos da mocidade, ser mulher, entrar no mundo, julgá-lo a continuação do seio de sua família, e ter de perguntar a cada instante à cabeça, que não sabe, até que ponto são razoáveis os preceitos do coração...

Maria foi de improviso tocada pelo receio de se ter excedido. Corou, e abaixou os olhos, como se sua mãe lhe significasse, em um gesto, o desgosto de ouvi-la.

Álvaro, suspenso dos lábios dela, fascinado pelo som daquela voz, que parecia exercer o império do silêncio sobre o coração de todos, sentia-se elevado a um assombro de admiração, onde quase sempre o respeito profundo, ou o amor repentino se assenhoreiam do talento e do espírito.

Era um amor, que nascia, e respirava uma atmosfera embalsamada de perfumes, amor, que nunca, em suas passadas afeições, lhe coara no coração a vida suavíssima da paixão tranquila, sem sobressaltos de remorso, sem temores de culpa, e sem receios de insultar a Deus ou aos homens. No coração de Maria, o que se passava era uma sensação de ternura, o desabrochar de uma nova flor de amizade para oferecer a Álvaro, como a ofertaria a um seu irmão, que viesse de longe, pela primeira vez, reconhecer a sua irmã. Se, todavia, lhe perguntassem o segredo mais íntimo da sua existência desde aquele dia, ela não teria nenhum a revelar. O mais que poderia acrescentar ao que a sua família sabia do seu coração, a respeito de Álvaro, é que desde o dia, em que o viu, as suas orações por ele foram mais repetidas, mais fervorosas, e mais tocadas pelo interesse de uma amiga, que quisera gloriar-se de ter concorrido para a regeneração de um anjo.

VII

À primeira visita sucederam outras.

Álvaro realizara as esperanças do padre. A sombria tristeza, que assustara o mestre, cedeu a uma alegria doce que sorria no semblante do discípulo. O pai deste, compartilhando no contentamento do filho, quis também conhecer o asilo de paz santa onde Álvaro fora encontrar a felicidade, que o mancebo dizia não ser cousa impossível na terra, desde que visitara a obscura família de frei Antônio.

Redobrou o prazer do padre. O velho fidalgo foi acolhido como pai de um moço que era ali estimado como parente e recebido sem vislumbre de suspeita má. As noites passavam rápidas para todos. Cousas pequenas, passatempos quase pueris, entretinham velhos e moços. Silveira, tão zeloso da honra do coronel como ele próprio, espionava as intenções de seu filho, como quem receia que a virtude não esteja ainda tão enraizada naquele coração juvenil, que o torne frio para os mil encantos de Maria dos Prazeres.

Eis aqui um diálogo entre o pai e o filho, quinze dias depois que frequentaram juntos a casa do coronel.

— Parece-me que és feliz, Álvaro.

— Sou, meu pai, sou muito feliz. Se eu dissesse que não sou, era ingrato a Deus.

— Pois, filho, sê digno das mercês que Deus te faz. Põe da tua parte a força e a virtude para continuar a Merecê-las. A virtude, Álvaro, a virtude. Nunca te esqueça esta palavra: seja sempre a tua ancora, se a tempestade vier depois da bonança...

— Nunca a esquecerei, meu pai. Cada dia se me dobram as forças para vencer o mal. As reminiscências do passado afligem-me e envergonham-me. Em quanto eu olhar assim para o homem que fui, nunca me será preciso lutar com as tempestades, em que o refúgio está na ancora da virtude.

— Pois sim, filho; mas por mais risonho que esteja o céu e calmoso o mar, não largues nunca a ancora: tem-na sempre apertada ao coração, porque é lá de onde rebentam as maiores tempestades.

— No coração? Eu creio, pai meu, creio que é nas tempestades do coração que se morre...

— Se a virtude nos não vale...

— A intenção com que me diz essas palavras...

— É boa, Álvaro; é a intenção com que um bom pai aconselha um bom filho, e até um mau filho. Que perda para todos nós se o coração que se te renova hoje, meu filho, obedecesse a uma impressão das que se não deixam vencer por pequenas resistências...

— Fale, fale, meu pai... tenho precisão de ouvi-lo porque preciso que me anime a falar-lhe.

— Adivinhei a tua alma?

— Não sei o que vai dizer-me... Quer-me falar da...

— Da filha do coronel... quero falar-te desse anjo que nos tem cativos a ambos, e nem eu sei qual de nós daria mais depressa a vida para que nunca um desgosto por nossa causa lhe banhe de lágrimas a face.

— Que desgosto podemos dar-lhe, meu pai?

— Que sentes por ela, Álvaro?

— O pai adivinhou-me... *é um anjo que nos tem cativos a ambos*; mas o meu

cativeiro é cheio de consolações, é uma prisão que me não custa desgostos nem frenesis... Não vê que sou tão feliz assim? Se me dão a liberdade, fazem-me desgraçado. Amá-la...

— Amá-la!?!... — interrompeu o pai com sobressalto.

— Amá-la, sim, pois não é isto amá-la? O que sinto, o que senti, vendo-a uma só vez, tem alguma semelhança com tudo o que me fez vertigens do coração em outro tempo? Amá-la, sem que eu lho diga, adorá-la, com a devoção dos justos, recolhe-la em segredo à minha alma, e tão em segredo que nunca ela possa temer uma só palavra menos inocente que todas as nossas conversações... amá-la, assim, meu pai, provocar as tempestades do coração?

— É, filho.

— É? então, meu Deus, não há virtude que resista ao impulso de uma mulher! O homem, que quiser viver em boa paz com o céu, há de renunciar a tudo que está na terra proclamando a grandeza de Deus. A religião, que nos não veda o amor, está em contradição com a virtude...

— Não está, Álvaro. A religião criou um sacramento para santificar o enlace dos corações que se inclinam para um fim justo, para uma união em que a virtude é o vínculo de cuja quebra há tremendas contas a dar, e grandes expiações a sofrer na terra.

— Pois bem, meu pai...

Álvaro sustara o pensamento que vinha aos lábios, em quanto as lágrimas se mostraram.

— Diz, Álvaro. Tu ias dizer alguma coisa que te fez chorar. É sensibilidade ou arrependimento?

— Melhor é que o não diga, meu pai... Eu preciso estudar-lhe o coração.

— De D. Maria dos Prazeres? não é necessário, filho. O coração dessa menina não é um livro fechado, é um espelho. Vê-lho na face, nas palavras, na educação...

— Não é o coração de Maria dos Prazeres.

— Pois qual?

— O de meu pai.

— É o coração de um pai... que mais queres que te diga?

— Gosta de Maria dos Prazeres?

— Se gosto!... Não te tenho eu dito que o coronel não deve queixar-se das injustiças dos homens em quanto lhe deixam o trono daquela filha?

— O pai queria ter uma assim?

— Quisera assim dar-te uma irmã, filho... Oh se queria!...

— E uma esposa? — disse Álvaro balbuciante.

O pai não respondeu. As pálpebras cerraram-se-lhe, que era esse o seu costume na meditação. Com os dedos da mão direita comprimiu o lábio inferior, tirando por ele. Passou a mão esquerda por entre os cabelos; e, depois de alguns segundos, disse:

— Queria.

— Queria assim dar-me um esposa?

— Queria. E serias tu digno dela?

— Não ousou responder.

— Pois medita.

Silveira ergueu-se. Tomou a mão do filho, e apertou-lha com comoção, dizendo-lhe como quem profere um juramento na presença de Deus:

— O homem que maltratar aquela mulher deve dar terríveis contas da sua crueldade. Medita, Álvaro.

E deixou-o.

VIII

Ao mesmo tempo, Maria dos Prazeres, e sua mãe, tinham o seguinte diálogo:

— Se tivesses uma amiga muito do coração, minha filha, não terias pesar se ela te adivinhasse um segredo que tu deverias ter-lhe confiado?

— Pesar... conforme, minha mãe... Há segredos...

— Que se não dizem a uma amiga?

— Que se não dizem por que se não sabem dizer...

— E sentir, sim?

— Porque me faz semelhante pergunta, minha querida mãe? Não se queixe de mim, não?

— Pois eu vou queixar-me, Maria?!

— Falou-me em pesar... e eu começo a senti-lo...

— De que?

— Se eu pudesse... se eu soubesse dizer-lhe o que sinto... Deus sabe que o meu coração é incapaz de se esconder aos seus olhos, e mais depressa se esconde aos meus.

— Nada tens dito a teu tio, filha?

— De que?... diga, mãe, eu que devia ter dito a meu tio?

— Tudo o que sentes hoje, assim como lhe dizias tudo o que se passava em tua alma.

— E eu sei!...

— Sei eu, Maria. Olha, filha.. O amor de tua mãe, de teu pai, de teu bom tio, de teus queridos irmãos é um amor imenso; é, eu e tu sabemos que é; mas... olha... Há no teu coração espaço para mais amor... Coras, Maria? Vês como a tua alma vem falar-me no teu semblante?

“Pois porque não, se essa alma é a minha, a da minha filha que não pode estar calada diante de mim, ainda que os lábios se não abram! Sei tudo, Maria. Agora, se não queres que te fale como mãe, aqui me tens como amiga. Vamos... levanta para mim os teus olhos... conversemos sozinhas. Tu amas Álvaro. A tua melancolia é amor. Esse corar, quando não acusa uma culpa escondida, é amor. Na tua idade, se o contentamento foge do coração, é que não cabem lá os gozos serenos da inocência, misturados com as esperanças vagas, com os desejos desconhecidos, com as saudades de não sei que recordações de uma outra vida em que todas as nossas se povoam de anjos.

“Há um mês, filha, não me entenderias esta linguagem. Hoje sou eu a que falo

por ti, e cada palavra que me ouves, é um peso que te levanto de sobre o coração, não é? Assim é que tu querias falar-me, e eu desoprino-te, explicando a confissão que tens nos lábios, e não confessas. Pois bem, Maria, louvores sejam dados à tua bela alma! A tua sensibilidade não pode ser só da tua família: deve estender-se a tudo que te rodeia.

“Eu esperava isto desde o momento em que vi entrar nesta casa um homem protegido pela confiança de meu cunhado. Sem virtudes, Álvaro não seria aqui trazido; e, sem virtudes, Deus não quereria que tu sentisses por ele a simpatia que prende a inocência à honradez. Poderei enganar-me eu, que sou velha? Posso, filha... E que farás tu que és criança? Estaremos ambas enganadas, amando-o ambas. Porque eu também o amo, filha; estou familiarizada com ele, vejo-o aqui entrar sem me sentir constrangida. Custa-me a crer que o conheço há tão pouco tempo!...

“E teu pai? Fala-me dele com certo interesse que me parece providencial. Nunca me disse que reparasse nas tuas ações, nem refletisse nas palavras de Álvaro. E eu, refletindo, ainda lhe não ouvi uma que desdiga das primeiras. Sempre a mesma bondade, o mesmo acanhamento honesto, a mesma docilidade, e não sei que interesse de filho por mim, e de irmão por ti. Teu tio, cada vez mais alegre com estas relações; teu pai, nem a mais ligeira sombra de desconfiança; teus irmãos querem-lhe como a ti; o pai dele quer por força que sejamos seus parentes, e diz-me que veio saber entre nós o que era a felicidade doméstica... Jesus! é impossível que tudo isto seja engano!

“Oh minha filha, o teu coração é puro, e eu quero ouvi-lo mais a ele do que ouvir-me a mim. Diz-me se não agouras uma grande felicidade para ti, e para os teus? Confessa-me o que pensas quando estás triste... Diz, diz, Maria...

A filha atirou-se a chorar ao seio da mãe. Balbuciava palavras sem sentido. O coração batia forte, e o tremor convulso dos braços, em redor do colo de sua mãe, supria a falta de expressão.

Assim as encontrou frei Antônio entrando sem se anunciar.

IX

— Nesta casa chora-se mais do que se reza — disse o padre.

— Não são pecaminosas as nossas lágrimas, meu irmão... — disse a mãe de Maria.

— Pois então disse-me por que chorais.

— Logo, logo...

Maria beijou a mão do tio, e saía, enxugando as lágrimas.

— Onde vais tu, menina? — disse o velho.

— Vou trabalhar, meu tio.

— Havemos de falar logo.

Ela saiu, e o frade disse a sua cunhada:

— Vá chamar seu marido e venha com ele.

O coronel entrava neste momento.

— Ei-lo aqui. Ora vinde cá ambos; temos muito que dizer e que pensar. Dizei-me cá: o que vos diz o coração a respeito de Álvaro?

— Bem; parece-me um bom moço.

— E o vosso, minha irmã?

— Tenho-lhe afeição de mãe, estou familiarizada com ele como se o conhecesse desde criancinha.

— E sabeis o que Maria pensa a respeito dele?

— Soube-o — disse a cunhada — no momento em que meu irmão entrou. As lágrimas que viu nos olhos dela eram a confissão do seu segredo.

— Pois que disse ela? — atalhou o coronel.

— Nada, quase nada... Vendo que eu lhe adivinhava o coração, lançou-se-me ao pescoço, chorando. Disse quanto podia dizer.

— Ama-o, em suma — disse o frade — Não admira; o moço é digno dela, e a Providência quer que se amem...

— E que tem ela que esperar desse amor? — interrompeu o coronel.

— Tem que esperar as consequências de uma afeição aprovada por seus pais...

— Se eles a aprovarem, meu irmão.

— Pois tu reprovias o amor da tua filha a Álvaro da Silveira?! Eu fico por ele... Quereis melhor fiador? Dou-vos a virtude de Maria. Se a nós não defendermos, defende-se ela.

— Sabes pouco do mundo, meu irmão — redarguiu o coronel.

— Não sei muito, não; mas o que é preciso saber para o nosso caso, sei-o de autoridade certa, que é o pressentimento bom que me dá resolução. O pai de Álvaro diz-me que seu filho quer Maria para sua esposa, e ele pede-a para sua filha. Que respondeis?

— Eu respondo que sim, que lha dou com toda a vontade, com todo o coração — disse a mãe de Maria.

— E eu — disse o coronel — respondo que estudes bem o caráter desse moço, e quando, passados meses, não vier algum acidente inopinado alterar a opinião que tens do seu merecimento, virás então consultar a minha vontade.

— Dizes bem, meu irmão — tornou o egresso — Penso ter-me enganado, e ainda agora caí em mim, e na fraqueza dos meus juízos. Disseste bem: eu conheço pouco do mundo.

— E não sabes — continuou o coronel — que certos homens, sem serem hipócritas, aparecem inesperadamente bons; às vezes uma pequena alteração no seu modo de pensar, produz grandes mudanças na vida exterior. Eu recordo-me de um grande fenômeno na minha vida de mancebo. Aos dezoito anos era eu rapaz desenvolto, vicioso, desobediente a nossos pais, e desprezador de alguns deveres bem sagrados. Amava o escândalo estrondoso; e a publicidade das minhas loucuras desvanecia-me. Vi esta mulher, que é tua cunhada, e amei-a. Os pais dela eram exemplares de virtude, e quem houvesse de merecer-lha devia ser virtuoso. O talvez menos habilitado para lha pedir era eu. Resolvi ser hipócrita; deu nos olhos a minha improvisada virtude, e consegui levar a nova da minha conversão ao conhecimento da família de minha mulher. Senti aumentar-se o meu amor ao passo que a violência, que eu me fazia para ser bom aparentemente, ia diminuindo. Até cheguei a convencer-me de que os virtuosos sem máscara eram felizes. Pedi minha mulher, e concederam-m'a. Casei... e depois...

— Foste sempre um bom marido... — interrompeu ela.

— Se tu o dizes, devo acreditá-lo, e a consciência também me diz que o fui; porém, a explicação da minha reforma tem alguma cousa singular. Fiz-me bom por orgulho, primeiro. Os nossos conhecidos, e particularmente os meus rivais, diziam que eu te faria desgraçada. Entrou o meu amor próprio no combate, e tu

foste feliz. Quando o mundo já não reparava nos meus atos, e calava envergonhado os seus vaticínios, era eu teu amigo, teu verdadeiro amigo, sentia-te muito dentro do coração, e já não poderia, se quisesse, expulsar-te de lá. Apliquemos o conto: Álvaro da Silveira, com quem simpatizo, foi o que tu sabes, meu irmão.

“Ainda não há quatro meses que o encontraste entregue aos prazeres de um gosto pervertido. Em poucos dias mudaste-lhe as inclinações; mas o aborrecimento em que o viste, deu-te receios de que o teu bálsamo fosse ineficaz. Conduziste esse homem a minha casa; conheci que Maria o impressionara, e, depois de dois meses de frequência constante, Álvaro quer casar com minha filha. Quando se ama, meu irmão, é fácil fingir dois meses uma virtude que não tem raízes no espírito, e as que tem somente no coração morrem, quando o amor acaba. Não duvido que Álvaro ame extremosamente minha filha; mas receio que não seja amigo dela: cousas muito diversas, cuja diversidade só bem se conhece dos trinta anos em diante. Um casamento rico não me lisonjeia. Habituei-me a esta pobreza, e sou feliz, não sei até se alguma vez o fui mais do que hoje. Maria também é feliz. Vê, sem deslumbrar-se, os esplendores da sociedade. Sentiu privações em criança, e hoje, não as sentindo, agradece a Deus uma prosperidade que seria indigência, se ela tivesse conhecido a abundância, o fausto, e as demasias de prazeres e dissabores que sua mãe conheceu. Não a casemos para a fazermos rica. Se esse moço pode dar-lhe ao espírito novos gozos, seja ele embora seu marido; eu, porém, não creio que ele possa comunicar-lhe o que não sente. Estuda-o, meu irmão; estudá-lo é esperar. Entretanto Maria aprenderá de sua mãe as lições que deve receber uma menina que vai ser mulher.

X

Frei Antônio era esperado ansiosamente de Álvaro. Dos lábios do frade pendia a sua felicidade. Fora ele encarregado por Silveira de propor ao coronel o casamento, com que o pai queria recompensar as virtudes de uma família, à qual devia a regeneração de seu filho.

O egresso recebera com tristeza o entusiasmo do discípulo. “Esperemos” — foi a sua única palavra. Álvaro sentiu-se ferido no seu amor-próprio, e experimentou um abalo do seu gênio. Se o padre soubesse ler nos olhos o coração, veria mover-se a areia sobre que fora levantado o edifício da virtude de Álvaro.

O velho Silveira não se doeu menos das reflexões do coronel. Irritara-lhe a sua fidalga susceptibilidade. Pretextando-se incômodos de Álvaro, suspenderam-se alguns dias as visitas.

Maria, porém, estranha aos reparos de seu pai, não vendo em três noites seguidas Álvaro, denunciou a impaciência da saudade.

XI

Silenciosa em sua mágoa, Maria deixava-se adivinhar, mas não gemia, nem perguntava a causa do ar sombrio de seu pai. Esperava ansiosa as noites, via entrar seu tio só, e nem por um lanço de olhos lagrimosos lhe perguntava que mal fizera ela a Álvaro.

A pena, porém, era grande, e sem desaforo. Maria sentiu a desdita que pressentira, um ano antes; compreendeu a significação amarga daqueles singelos versos que fizera nascer uma música triste, filha da sua imaginação.

Adoeceu, sem queixar-se; caiu no leito, quando já não podia esconder de seu pai a febre constante que a extenuava.

Veio o médico do corpo, e conheceu que a dor estava na alma. Frei Antônio sabia que ela podia morrer daquela febre. Foi, com sua cunhada ao pé do leito de Maria, e disse:

— Menina, o nosso amigo Álvaro vem hoje visitar-te, se tiveres forças, sai da cama e vem agradecer-lhe o cuidado; se não, outro dia será.

Aumentou o rubor nas faces das enferma. Voou-lhe um inocente sorriso de ventura nos lábios. Parou-lhe de repente, a vertigem do sangue. Reapareceu-lhe o sol do coração, a florescência da fantasia, o céu dos seus êxtases, e a claridade radiosa do seu ar balsâmico. Era a que fora, quando se lançara a chorar de feliz nos braços maternos.

XII

E dizia o coronel a seu irmão:

— Deus me livre de ser cruel para minha filha... Os homens muito experimentados na desgraça veem tudo pela face pior. Pode ser que sejam dignos um do outro. Casem embora, e queira o céu que eu me arrependa mil vezes de ter agourado mal deste casamento. Diz a Álvaro que lhe dou minha filha, e diz-lhe mais — que vai com ela a minha vida, vida que eu lhe dou, pois antes quero perde-la, se hei de um dia vê-la infeliz. Que ele me mate, antes de fazer chorar Maria as primeiras lágrimas de arrependimento.

— Não sabes como ele lhe quer... — disse o padre.

— Também eu queria muito às flores em quanto o viço delas não desmaiava na minha mão. Depois, que valia uma flor sem perfume, sem seiva, amarelecida? Via-a cair sem dó, folha a folha, e, descuidado dela por amor das outras, punha-lhe em cima um pé indiferente. Compreendes o que é o homem, meu irmão? Melhor o compreenderás assim; não t'o quero pintar na linguagem própria... Na mão de Álvaro será Maria o que as flores foram na minha?

XIII

Foi restaurada a confiança entre as duas famílias. Consentiram-se expansões sem testemunhas aos dois amantes.

A nuvem que lhes encobriria alguns dias o belo horizonte do seu destino, afervorara-os para mais da alma saudarem a reaparição, para mais se quererem.

Álvaro apressava o enlace. O coronel não o retardava nem o acelerava. Entrara-lhe profundamente a desconfiança na alma. Sua mulher tentava em vão destruir-lha. O frade chegava até a considerá-la pecaminosa e ingrata aos favores do céu. Maria nem sequer imaginava que podia ser-se infeliz na situação dela; e contristava-se por não ver seu pai alegre como todos.

XIV

Frei Antônio foi o ministro do sacramento. Abençoou-os na capela de Álvaro da Silveira. A um dia de júbilo, seguiram-se muitos dias de felicidade íntima. Em casa, porém, do coronel, chorava-se muito. Faltava ali a alma daquela família. Os irmãos de Maria, alguns ainda crianças, estavam afeitos ao seu regaço, às suas lições, e às suas carinhosas repreensões. O coronel não queria ver a cadeira em que Maria se sentava, o piano, o açafoete da costura, tudo que parecia chorar com ele a falta da sua dona. Sentava-se a família triste e taciturna em redor da mesa. Olhavam todos, sem consolar-se, para o lugar de Maria, e rompiam de todos os olhos as lágrimas. Erguiam-se, vendo o pai erguer-se; apenas a mãe ficava, com o coração partido, dando o exemplo da resignação, e consolando com palavras animosas, esforço mais intenso na dor que a dor de todos. Ao oitavo dia a esposa veio visitar sua família. Foi recebida em alvoroço. Queriam beijá-la todos ao mesmo tempo. Os irmãos mais novos perguntavam-lhe se ficava para sempre. Maria, entre risonha e lacrimosa, repartia-se em afagos por todos, desejando alguns instantes de solidão com sua mãe.

— És feliz, minha filha? — perguntava-lhe o coronel.

— Sou, meu pai, quanto se pode ser, longe dos seus. Falta-me lá esta família; ainda não pude, nem poderei considerar-me desligada desta casa. Parece-me até que sou mais daqui, e que a outra é uma casa de empréstimo.

O coronel voltou-se para sua mulher, e disse:

— Sentias isto quando casaste comigo? Tinhas assim saudades de tua família?

— Não... — disse a mãe de Maria.

— Então... — tornou o coronel — tua filha é menos feliz do que tu foste! No gozo da abundância tem ocasião de sentir saudades da pobreza que deixou.

— O pai — replicou Maria — engana-se, ou não pode sentir como sente uma mulher. Minha mãe havia de sentir o que eu sinto; é que já se não lembra... Pois haverá felicidade que me faça esquecer a minha família?! Eu não sei o que é abundância nem pobreza. Ainda não pude ver a diferença que vai do que deixei ao que hoje tenho, senão pelo coração. Sou feliz com Álvaro, mas seria mais feliz se Álvaro vivesse como irmão dos meus irmãos, aqui...

Álvaro entrava neste momento, repartindo por todos amabilidades, chamando manos a seus cunhados, queixando-se de que o não tenham visitado, convidando-os para o seu camarote, oferecendo-lhes as suas carruagens.

— Cousa notável! — dizia o coronel, tirando à parte frei Antônio que também concorrera à primeira visita de sua sobrinha. — Cousa notável! As maneiras acanhadas de Álvaro desapareceram. Todos aqueles modos, a munificência com que nos dispensa os seus favores, tem um ar de orgulhoso triunfo que me intimida. Há ali alguma cousa que parece dizer. “Casei com vossa filha pobre, e tenho a fidalga generosidade de vos querer elevar com ela!” Não te parece?

— Parece-me que estás contaminado da má fé do mundo.

XV

Felicidade, o que és tu? Engano providencial que nos alimenta na alternativa do desejo e do desengano. Amiga cruel que nos foges com a esperança, apenas os lábios sentem o travo do absinto que a taça do prazer esconde no fundo.

Quem te encontrou nesta vida, felicidade? O que eras tu, quando eu te via espargindo flores desde o meu obscuro cantinho até aos imaginados horizontes

do meu destino?

O que és tu hoje, fantasma severo que desdobras o teu manto negro sobre a esperança, que, momentos antes, mandaste luzir no meu despertar de infeliz?

Felicidade, o que serás tu, se não és a filha dos homens, morredoura como eles, soberba do teu nome, embaindo, com a máscara do opulento, os pobres que te esperam, cavando, cada vez mais fundo, no coração do ambicioso, o vácuo da cobiça, chegando aos lábios do sequioso, que te busca na terra, a esponja acerba do desengano?

Porque te não vejo eu debaixo do dossel dos príncipes da terra? Enfloraste os berços de Carlos I e Luiz XVI: porque deixaste borrifar de sangue no cadafalso as tuas grinaldas?

Busquei-te no seio da família laboriosa, que aceitou humildemente a condenação do eterno trabalhar, do suor copioso das fadigas. Não estavas lá. O braço trabalhador enervou-o a fome, no ano da esterilidade, e as criancinhas desse homem, sem cobiça de mais pão que o necessário à sua família, vagiam pendentes dos seios áridos de sua mãe.

Busquei-te na mediocridade honesta, na alegria da independência. Era falso esse existir na vida. A mediocridade ansiava sair da sua esfera; a alegria da independência era um sonho de infelizes servos; a independência era uma situação mentirosa como o teu nome.

Estarias tu na glória das batalhas? Se fizeste César o primeiro de Roma, porque o não salvaste do punhal de Bruto?

Na glória da virtude? E a cicuta de Sócrates? e a guilhotina de Malherbe? Como estremaste os destinos de Sêneca e Nero? de Virgínia e Agripina? Quando és tu o galardão da virtude, a sócia fiel do nobre espírito, o prêmio benemérito do coração imaculado?

Na glória da sabedoria?

Entraste, por ventura, na alma do filósofo, que tentou levar as multidões ao teu santuário? Orvalhaste-lhe a aridez do espírito abraseado em ânsias de achar-te aqui? Deste a Cícero, teu apóstolo inspirado, a resignação na morte? Estará o teu busto levantado sobre as ossadas de centenaes de homens prodigiosos, poetas que fizeram séculos, honras perpétuas das nações, pisados pela desgraça, mortos de fome de pão e de ti, que lhes mandaste arrastar a mortalha por toda a vida?

Passarás ao menos uma primavera, no coração da virgem, que te chama do céu, que te crê filha de Deus, que se acolhe ao teu regaço como a asilo inviolável de inocentes, que te vê na ternura maternal, que te beija nos lábios de seus irmãos, que te respeita nas palavras ungidas de um velho, que te abraça sôfrega na idolatria de um amante, que aperta ao seio todos os teus dons, cingindo-se ao seio do esposo estremeado?

Não, maldita da esperança, tu não estás entre nós. Existirias na terra, se entre os homens e Deus não estivesse o infinito.

XVI

— Maria vive triste... — dizia padre Antônio dos Anjos a sua cunhada. — Não diga isto a seu marido, minha irmã. Poder-me-ei ter enganado, e não lhe antecipemos um dissabor.

— E porque não vem ela a nossa casa?! — perguntou a mãe aflita. — Há um mês que nos não visita, disse aos irmãos que não tornassem lá sem ela os chamar... Álvaro já a trata mal? já a não amará?!

— Álvaro vive triste como ela. Encontram-se poucas vezes; ainda se não deram as mais ligeiras desavenças entre eles; mas o silêncio quando nos reunimos todos à mesa, é profundo entre ambos. Fogem de encontrar-se nos olhares; e, sem causa próxima, as lágrimas caem às vezes sobre o prato de Maria. O pai de Álvaro pergunta-me o que tem seu filho. Interroga-o, e ele responde-lhe que não tem nada. Eu interrogo Maria, e ela pede-me que rogue a Deus por ela.

— É pois muito desgraçada a minha filha! — exclamou a lagrimosa senhora — Fomos nós que fizemos a infelicidade dela. Fui eu, fui eu só! Era eu quem devia destruir-lhe este amor no seu princípio. Fiz o contrário... Dei-lhe azo para que tudo me confessasse, aplaudi-lhe o puro sentimento que a levava ao coração de um homem que eu julgava digno dela; animei-a até a proferir palavras que o pudor lhe não deixava sair do coração! Minha pobre filha, é tua mãe quem te fez infeliz! Que direi eu a meu marido, quando ele me pedir conta da felicidade do nosso anjo, daquela santa que tantas lágrimas nos enxugou, e nós não podemos enxugar as dela... Podemos, podemos... — prosseguiu ela com exaltação. — Que venha para a nossa companhia; vá, meu irmão, vá dizer-lhe que o coração de sua mãe só pode achar alívio ao seu remorso, sentindo-a chorar no meu seio... Vá, vá, antes que meu marido saiba que ela vive assim... Traga-m'a, pode ser que meu marido se não queixe na presença dela... Não se lembre que ela é casada... Não há lei divina que obrigue uma mulher a ser vítima de seu marido...

— Basta, minha irmã! — interrompeu com brandura o padre — Não multiplique com o seu amor de mãe os sofrimentos de Maria... Ela não se queixa. Quer que a sua dor seja um segredo para seu próprio tio, e bem sabe que minha sobrinha me fez o confidente das suas alegrias e pesares... Pode ser que esta sombra de melancolia seja uma nuvem. Não vamos nós precipitadamente desafiar uma tempestade, que nem se quer nos ameaça. O anjo do Senhor está ao pé de Maria, e um desgosto passageiro é muitas vezes uma experiência que Deus manda para a purificação das suas escolhidas. Confiança na justiça divina, minha irmã. Álvaro tem de responder hoje às perguntas de seu pai, e talvez às minhas. Pode haver nesta melancolia de ambos uma causa dada por ambos. O silêncio de Maria faz-me suspeitar que ela não tem bastante confiança na razão da sua tristeza. Pode ser que a demasiada saudade dos seus, manifestada ao marido, o tenha desgostado. Se tal for, é preciso dizer a minha sobrinha que o sacramento do matrimônio opera uma suave mudança nas ligações de família. O amor de esposa tem uma santidade superior ao de filha: aumentam as obrigações, e vem com elas o dever do sacrifício. Eu conheço pouco do coração humano; mas o de Maria sinto-o pensar, e sentir, e desejar dentro do meu. Maria deve amar e ama de veras seu marido; porém esse amor sem fausto, sem bailes, sem teatro, sem jantares, e sem visitas importunas e ociosas ser-lhe-ia mais grato, mais em concordância com o seu natural. Ora, pois, minha irmã, menos lágrimas, e mais reflexão. Repito que não diga a seu marido que eu vim aqui fazer-lhe o mal que não imaginava.

XVII

O velho Silveira chamou seu filho, e disse:

— Que tristeza é a tua, e a da tua mulher, Álvaro?

— Não falemos nisso, meu pai. O sofrimento calado é o mais nobre, o sofrimento irremediável é criancice expô-lo à piedade dos outros.

— Sofrimento irremediável!? De que sofres? Estás arrependido de casar com esta menina que adoravas tanto?! Aborreces... enfastiou-te este anjo?!

— Não me enfastiou... receio que venha a enfastiar-me... Está bom, meu pai, mudemos de prática. Para onde vamos nós a ares este ano?

— Que modos são esses, Álvaro! Entrou outra vez em ti o demônio da perdição!? Foi, pois, uma mentira, uma impostura, uma infame astúcia a tua emenda?

— Não dou motivo para semelhantes suspeitas, meu pai. O meu proceder é hoje como era há quatro meses. Ouvi-lo-ei, senhor, mas v. exa. não me acuse sem fundar a sua acusação.

— É possível que já não ames Maria?! — replicou o pai — Em que desdiz ela do que tu e eu esperávamos, Álvaro?

— Pois eu não a amo?! O pai que quer que eu faça? Ser-me-á preciso trazer ao colo minha mulher para o persuadir de que a amo?! Eu não sei fazer carinhos piegas... Creio que ela não dirá que a trato mal, nem a privo dos seus prazeres...

— Que prazeres! Pois a pobre menina raras vezes sai do seu quarto, raras vezes, há quinze dias a esta parte, se encontra contigo... que prazeres lhe dás, Álvaro? É isto o que tu planizavas quando me pediste que empenhasse ao coronel a minha palavra de honra como abono do teu procedimento para que ele te não negasse a filha? Vejo que preparas para os meus últimos dias uma grande desonra, e um grande remorso! Com que cara me apresentarei ao coronel logo que ele saiba os surdos padecimentos da nobre menina, que não solta um gemido queixoso! Explica-te, Álvaro; não te ofendo, sequer, pedindo-te, como pai, uma explicação dessa frieza para com ela... O que é isto?

— Pois eu obedeço, senhor, respondendo em toda a verdade da minha alma. Creia que sofro, respondendo assim; mas eu preciso dizer a terrível verdade que me esmaga o coração. Maria não é a mulher, que eu devia procurar. Enganei-me. Foi um desencontro, uma desgraça, uma horrível ilusão! Eu não sou digno dela. Fui atraído pelo amor que Maria me inspirou; julguei-me capaz de ocupar, toda a vida, o coração com a posse dela. O demônio venceu. Sinto-me enfatiado; tenho o gelo da indiferença na alma, violento este sentimento amargo a confessar as virtudes de minha mulher: vejo-a formosa, reconheço que é um anjo, mas não posso, ao pé dela, passar um quarto de hora sem fastio. Parece que o meu arrefecimento lhe passou à alma. Vejo-a triste, responde-me chorando se lhe pergunto que motivos tem de tristeza, evita-me quando eu faço sobre mim um grande esforço em mostrar-lhe agrado... Em fim, meu pai, não era eu o homem que devia fazer a felicidade desta mulher... Sou incapaz de a maltratar, terei com ela todas as atenções de irmão; mas... é necessário que deixe de sentir o que sinto... A violência é inútil... o amor não se crava no coração como quem crava um punhal... Basta-me o meu infortúnio de não poder amá-la. Os desgraçados como eu são amaldiçoados pela sociedade, e Deus sabe se eles não são mais dignos de piedade que de maldição!... Não poder amá-la como a adorei há três meses! Isto é angustioso, meu pai! Por quem é, não me agrave as minhas dores com as suas censuras... Não receie nada por ela... Eu tirarei da delicadeza todos os pretextos para que ela se capacite de que ainda a amo. É uma piedosa mentira em que meu pai, por meu bem, e dela, e de todos nós, deve consentir, e até empregar a sua influência

auxiliadora. Consiga v. exa. que ela saia do quarto, que vá aos teatros, que vá aos bailes, que frequente as nossas imensas relações, que aprenda na sociedade com outras mulheres a esquecer os infortúnios domésticos, que eu farei o mesmo...

— É uma aliança infame, que tu queres que eu proteja? — interrompeu o velho.

— Como *aliança infame!* — redarguiu o filho.

— Sim! consentes a tua mulher...

— O que? queira dizer, meu pai!

— Tenho vergonha de o proferir!...

— Então não me compreendeu, ou me julga um homem destituído de honra. Lembre-se que sou seu filho, senhor! Eu não quero fazer com minha mulher alianças infames. Quero que ela não faça consistir a sua felicidade somente na minha convivência de todas as horas, e de todos os instantes. Quero que ela reparta os seus desejos, e as suas ideias por tudo que possa dar-lhe uma distração honesta, e concedida às senhoras da sua posição. Não quero que o seu amor à solidão me force, me algeme a um gosto que não tenho. Estamos na sociedade, eu sou um rapaz, e quero viver para a sociedade. Gozar não é ofender a Deus, como lhe inculcaram a ela. Nunca a levei aos teatros, aos bailes, a uma visita, que não tivesse primeiro que destruir-lhe os preconceitos com que a criaram. Está sentada ao piano, ou ao bastidor: quer meu pai que eu esteja ali constantemente ao pé dela, repetindo-lhe as frases cansadas de um amor de convenção? É hipocrisia com que não posso...

O velho voltara as costas ao filho, e confundira as lágrimas com as de padre Antônio que se fizera anunciar.

XVIII

Álvaro falara pela boca de todos os maridos maus ou infelizes, quando a libertinagem os não cura do veneno do desgosto com o veneno da desonra. Era de certo o enojo, esse desfalecimento de alma incurável, esse morrer do amor que nunca mais ressuscita, quando a mulher que o causa é esposa, e quando o homem que o recebe não tem a força de virtude que converte a piedade em estima.

A paciência de Maria azedava ainda mais o desgosto de Álvaro, porque as

lágrimas em silêncio eram a mais pungente censura que ela podia fazer ao seu procedimento.

A melancolia do padre, cuja convivência ele afastava, e o sobrececho do pai, irritavam-no até ao frenesi de raiva às algemas que lhe queriam lançar à sua liberdade.

O padre aconselhava-lhe os bailes, e os passatempos que a sua índole apreciava. Pedia à sobrinha que o acompanhasse para compartilhar dos prazeres de seu marido; mas a pobre menina, se alguma vez acedia ao que lhe era imposto como dever de mulher casada, ia levar à sociedade o espetáculo da sua tristeza, e dar incentivo de arguições, umas justas, outras exageradas ao procedimento de Álvaro da Silveira.

Menos instada por seu marido, e por seu tio, e por seu extremoso sogro, que lhe era segundo pai, deixou de sair, e mui raras vezes visitou sua mãe, porque não podia mentir às suspeitosas perguntas de seu pai, a respeito da felicidade que o marido lhe dava.

Álvaro, pouco a pouco, foi-se absolvendo de seus deveres, e respeitos à sociedade. Estudou o viver e o sentir dos maridos no círculo das suas brilhantes relações, e viu que entre tantos havia só um que pudesse atirar-lhe uma pedra. Entendeu que podia ser-se um homem importante aos homens, e importante às mulheres, embora casado, embora propenso a esquecer-se todos os dias que o era. Relaxados os deveres, seguiu-se a tibieza nas aparências do decoro, e da delicadeza, última ferida que uma mulher com dignidade pode receber de um mau marido.

O seu antigo amigo conde de *** foi reintegrado na sua particular estima. Era já recebido no seu quarto, era o seu confidente em segredos dignos de ambos, era tudo o que pode ser um amigo íntimo, menos relação de sua mulher. Maria rejeitara com império, pouco natural ao seu caráter humilde, a apresentação do conde. Ouvira falar deste homem em casa de seu pai, ao tio, e ao sogro, de modo que lhe ganhou asco, e não podia vencer o sobressalto com que ouvia anunciar um tal nome, que seu próprio marido, três meses antes, banira das suas relações.

Na primavera desse ano, Álvaro partiu com o conde, e outros de igual porte para o campo, em busca de touros para as corridas do campo de Santa Ana. Demoraram-se vinte dias nessa gloriosa expedição digna dos netos de Vasco da Gama e de Afonso de Albuquerque... Durante esse tempo, Maria não teve de seu marido um bilhete, nem uma saudade. De volta, Álvaro achou sua mulher gravemente enferma dessa moléstia que entra no coração, e filtra de lá o veneno da morte por todas as fibras.

Disse-lhe palavras consoladoras, instigadas pelo espinho do remorso, palavras calculadas na frieza do seu desamor; mas a ideia satânica da viuvez entrou-lhe na alma com a esperança de uma felicidade imprevista.

É horrível! mas não duvideis... Olhai de redor de vós...

XIX

Foram aconselhados a Maria ares do campo. Saiu de Lisboa para Colares, acompanhada por seu tio, e dois criados. Álvaro partira para Vila Franca, e de uma quinta, muito conhecida nos arrabaldes daquela vila, fazia as suas excursões à caça, em que entreteve um mês, distraído de tudo; e embebido no seu afeto remoçado ao inseparável conde.

Entretanto, Maria dera largas ao coração abafado. Padre Antônio sabia a causa do sofrimento, mas afetava estranheza, para não autorizar queixumes de mulher casada. Fazia grandes rodeios aconselhando a sua sobrinha a resignação, porém, simulando, sempre, que não conhecia motivo para tristeza tão inconsolável.

Uma vez, Maria, cansou na luta consigo mesma, e fixou no tio os seus grandes olhos arrasados de lágrimas. Era um olhar de sofrimento que reage, uma acusação ao homem que concorrera para o seu infortúnio, e parecia impor-lhe a violência da mudez, a morte surda sem a inofensiva respiração de uma queixa.

Frei Antônio entendeu-a, e disse:

— Fala, minha querida sobrinha, acusa-me, e depois pediremos ambos ao Senhor que nos dê melhor vida a ambos.

XX

A mulher de Álvaro da Silveira balbuciou:

— Não o acuso, meu tio; peço-lhe somente que me deixe chorar. É bem pouco pedir; mas eu sinto um grande conforto neste único prazer dos infelizes.

— O da oração é maior, minha sobrinha... — atalhou o padre.

— Pois eu não oro, meu tio? É quando sinto mais dentro do coração a doçura das lágrimas. Ou peça a Deus paciência para sofrer até ao fim, sem que a minha família o saiba; ou peça que se digne tocar o coração de meu marido, choro

sempre, e fico sempre mais desoprimida.

— Mas os teus dias são sempre iguais, filha. Estás cada vez mais abatida, mais magra, e mais febril.

— Que importa o corpo? O que eu recebo de Deus é a força da alma... A morte não lha peço, por que sei que não faria com ela a felicidade de Álvaro... É impossível que o remorso o não castigue depois... Isso é que eu não queria... O Senhor me livre de ser o instrumento das torturas de alguém... E, se eu morresse, a nossa pobre família sofria muito... minha mãe, seguir-me-ia, e os meus irmãos pequeninos nos braços de meu pobre pai... matá-lo-iam com carinhos... É por isso que eu não peço a morte...

— Não peças, Maria. Diz-me o coração que terás melhores dias da tua existência, e que eu hei de vê-los ainda.

— Oxalá... e como serão esses dias, meu tio?

— Será quando teu marido voltar ao que era quando te queria tanto.

— Pois esse amor pode por ventura tornar?

— Pois não pode, filha?! Estás passando por uma dolorosa provação; é impossível que não recebas neste mundo o prêmio da tua constância. Assim como Álvaro passou do mal para o bem, e depois recaiu no mal, o anjo, que o alumiou uma vez, há de alumiar-lo outra, minha sobrinha. Quando menos o esperarmos, estará conosco, para nos restituir o bom coração que nos roubou. Crê, e ora, minha filha. Oremos ambos. As nossas súplicas sejam por ele, e deixemos ao senhor apiedar-se de todos, quando a sua bondade quiser.

XXI

Padre Antônio, horas depois, enviava um próprio com uma longa carta a Vila Franca. Era um humilde requerimento ao coração de Álvaro. Lembrava-lhe, com delicadeza, os seus deveres. Contava-lhe o viver atribulado de sua sobrinha, pedia-lhe encarecidamente que viesse vê-la, ou consentisse que algumas pessoas da família dela a acompanhassem no ermo em que vivia.

O fidalgo recebera a carta no pospasto de um festim em que se banquetevam os caçadores, comemorando as façanhas venatórias do dia. O conde de ***, chamado por Álvaro a conselho redigiu e escreveu a resposta à carta, visto que o seu amigo, turbado de vinho, apenas tinha entendimento para conhecer que o frade o incomodava, como parapeito dos tiros de sua mulher. A resposta, por

tanto, foi simples e peremptória. Álvaro agradecia muito os pios conselhos do padre, sentia muito os incômodos de sua mulher; recusava, porém, aceder à convivência pedida, e aproveitava a ocasião para observar a sua reverendíssima que a sua pertinaz assistência em casa dele Álvaro era pouco delicada, provando-se que não havia nessa casa meninos para educar. Terminava, ordenando que sua mulher se recolhesse a Lisboa quanto antes, visto que os ares campestres não conseguiam aliviar os seus padecimentos.

Esta carta foi lida a Álvaro, que deu no ombro do seu secretário uma sonora palmada, como sinal de aplauso e gratidão.

XXII

Frei Antônio fora assistir ao trespasse de um moribundo, e não estava em casa quando chegou o condutor da resposta. Foi Maria que recebeu a carta, e vendo a letra inesperada de seu marido, sobressaltou-a tanto o prazer, que nem sequer refletiu para abri-la.

Leu... E mal viu as últimas linhas. Entrou em tremuras, escondeu a carta no seio deixando uma parte visível; lutou como querendo segurar o alento que lhe fugia; mas de balde. Padre Antônio ergueu-a desmaiada de um canapé, quando voltou. Tirou-lhe do seio a carta; leu-a, e tornou a insinuá-la sem a sobrinha dar fé. Esta, recuperando os sentidos, viu ao pé de si o tio, com ar risonho, traindo-se em algumas palavras confortadoras; mas a pobre senhora, de momento a momento, levava a mão ao seio para certificar-se de que a carta lhe não fora tirada.

— Então o que foi isso, minha filha? — perguntou o padre.

— Um desmaio, resultado da grande fraqueza que tenho, de um passeio que dei longo de mais para as minhas forças...

— Pois tu saíste, Maria? Não enganes o teu tio.

Aqui, Maria corava, e o frade vinha logo com o remédio, fugindo para outra ideia.

Depois de uma hora em que dois corações angustiados estiveram a enganar-se mutuamente, padre Antônio abraçou sua sobrinha; e disse:

— Olha, menina, o extremo do sofrimento não se pode dizer qual é, nem quando chega; por isso não direi ao certo que as nossas penas estão a passar por serem culminantes. Mas é de fé para mim, filha, que isto assim não pode

demorar-se muito. A piedade do Altíssimo está por instantes a amercear-se de nós. Maria, fica no teu quarto; pensa nessa carta que tens no seio, eu vou pensar também; e, passada uma hora estaremos juntos. Antes, porém, de decidir, Maria, pede ao senhor a luz da graça.

Maria ficara como engolfada em profundo pasmo com a mão no seio. O frade saíra.

XXIII

Passada uma hora e um quarto, foi a sobrinha, atemorizada pela falta, que entrou sutilmente no quarto de seu tio. O velho estava de joelhos diante de uma cruz. Sentiu-a entrar, voltou um pouco a face, e disse:

— Espera um bocadinho, menina; eu falo-te já.

Maria ajoelhou ao pé dele.

— Pois sim, oremos juntos: disse o padre — se já resolveste, pede comigo ao Senhor que mude a tua tenção, se ela não é do seu agrado.

Decorridos alguns minutos ergueram-se ambos.

— Pensei, meu tio — disse Maria.

— E então?

— Creio que Deus permite a minha vontade: o tio me dará a certeza da minha fé, se não se opuser.

— Pois diz, filha.

— Eu fujo a meu marido.

— Como? foges a teu marido?! — atalhou o velho espantado.

— Acolho-me ao seio de Deus, para morrer tranquila.

— Entendi; minha filha! — exclamou ele com júbilo abraçando-a. — Queres dizer que entras num convento.

— Sim, sim.

— Foi a minha ideia, quando orava...

— Sim? então, Bendito seja Deus! — disse Maria erguendo as mãos com arrebatamento. — Já vejo que o Senhor aprova a minha resolução. Eu pedi muito à Virgem que lha inspirasse, meu tio. Vou para as Terezinhas. Tenho lá muitas amigas que me hão de fazer digna de orar com elas. Trabalharei para viver em flores, em recorte de papéis, em tudo, por que pouco me basta. Poderei vê-lo todos os dias, meu tio, e verei meus pais, e meus irmãos. Se Álvaro um dia me quiser, ele irá procurar-me, e eu serei sempre o que sou e o que fui. Não lhe tenho ódio, não tenho. Sei que ele há de ser ainda muito infeliz, e talvez seja eu, depois de meu tio, quem lhe restitua a boa alma que ele tinha quando o conheci.

— Tu choras. Maria? — interrompeu o padre carinhosamente — Levas saudades de Álvaro, não levas?

— Saudades? não sei que sentimento é este!... parece-se mais com o da compaixão. É como se eu dissesse: podíamos ser ambos tão felizes!.. e assim não se sabe qual de nós será o mais desgraçado! É o que eu sinto, meu tio. Já vê que o estimo ainda como se fosse um meu irmão perdido de vícios, que maltratasse sua família, e que eu tivesse conhecido enchendo de carinhos minha mãe e meus irmãos. Lembra-me que ele era tão amigo de todos! entrava na nossa casa como se fosse nosso... agradecia tanto o nosso bom agasalho, sem saber que nós ficávamos sempre tristes quando ele nos deixava... É porque eu choro, meu tio... Isto é saudade do que ele foi, e compaixão do que é... Paciência... Vou para as Terezinhas... Imaginei-me sempre lá desde criança, não se lembra? No tempo em que eu cantava aquelas palavras tristes, pensava tanto em pedir a minha mãe que me deixasse entrar no convento, ainda que fosse como criada...

— E hoje, Maria... talvez... tenhas de entrar como criada...

— E isso que tem, meu tio?! Pois nas Carmelitas não entravam tantas senhoras distintas que faziam a cozinha às semanas? Que tem que eu seja criada? Álvaro não pode envergonhar-se disso; porque há muitas situações vergonhosas para um marido, mas esta — a de servir — não é uma dessas... pois não?

Maria corou proferindo algumas dessas últimas palavras. Fr. Antônio depois de abraçá-la, disse:

— Eu vou para Lisboa, minha sobrinha. Falarei com a priora; veremos como há de entrar; antes, porém desse passo, é preciso que escrevas a Álvaro.

— Pedindo-lhe consentimento?

— Sim.

— Se m'o nega?! não vou?

— Vais, Maria. A petição é a humildade da esposa; mas a fuga é o último direito da vítima. Onde há algoz não há marido.

XXIV

Era assim a carta de Maria a seu marido:

“Foste enganado por uma quimera, Álvaro. Não era eu a mulher digna do teu amor. Quando vi apertar-se o teu coração à dor do arrependimento, tive mais compaixão de ti do que de mim. Eu, pobre mulher, posso sofrer e chorar, sem ser vista. Tu, Álvaro, nascido para os prazeres do mundo, cuja privação o meu amor não podia recompensar-te, sofrerias muito, se não tivesses ânimo de afastar com a ponta do pé os deveres, e esquecer que eu sou, ao mesmo tempo, tua escrava e tua tirana.

“Felizmente que adotaste o melhor expediente.

“Penso que as distrações, longe de mim, te deixam sentir as doçuras da liberdade. És, talvez, feliz. Se o és, Álvaro, olha que esse bem peço-o eu constantemente a Deus para ti. Não te deixes vencer jamais do remorso. Os meus padecimentos, bem o sabes, não se aliviam em queixas. Nunca te pedi explicação da tua frieza, nem te dei uma palavra aborrecida por outra. Até as lágrimas te escondia, não é verdade? Se me surpreendias chorando, antes queria mentir-te uma invenção, que exacerbar-te com as minhas lástimas o pesar de me teres dado o direito de te arguir. Quando assim se sofre, Álvaro, não há ideia de vingança, nem se aceita com prazer a expiação de quem nos mortifica.

“Vamos tratar da tua felicidade, meu caro irmão. Deixa-me dar-te este título que tem tanto do afeto como da razão. Entre nós já não existe o grande amor, que me parece ser inflexível aos ditames do juízo. Podemos suavemente caminhar cada um para seu lado, sem voltarmos as costas com arremesso. É o que eu queria, e espero consegui-lo, porque, sendo eu tão fraca, a força que sinto para dar um passo em teu bem, é Deus que m'a dá, e dar-ma-á até ao fim.

“Deixo-te mais livre do que vives, Álvaro. Vou entrar num convento, e vou pobre como vim para tua casa. Sentirei lá que és meu marido, porque não cessarei de orar por ti, e oferecer em desconto das minhas e das tuas faltas o tempo que Deus me der de vida.

“Conheço que nasci para a solidão e para os prazeres ignorados da vida obscura.

Esta consciência e a absolvição de algumas cruezas do teu carácter para comigo. Tu precisavas de uma mulher que te disputasse na sociedade uma parte da tua glória. Querias, talvez, abrilhantar-me aos olhos dos outros com o reflexo da tua luz. E eu, educada na pobreza e na simplicidade, não pude, por mais que quis, contrafazer a minha índole. Fui arrastada pelo dever aos raros bailes onde me levaste; voltava de lá contente com a esperança de estar sozinha contigo, e muitas vezes me deixaste sozinha com a minha saudade; e tornaste aos bailes a aproveitar as horas que eu te aguava com a minha inexorável melancolia.

“Era então que eu te lastimava, por teres sido enganado pelo coração, quando me dizias que a vida no ermo, só comigo, era o teu sonho de ventura, e amaldiçoavas o brilho pérfido da sociedade que te não deixara mais cedo ver o que é este mundo, com os olhos da razão.

“Se me não tivesses dito isto, Álvaro, eu seria muito culpada por aceitar o sacrifício da tua liberdade. Fomos enganados ambos. Pensava eu que era verdadeiro o teu fastio dos prazeres ruidosos e vãos; cuidei até que o meu maior merecimento para ti estava no desprezo com que eu ouvia lá fora do meu cantinho o bulício da vida opulenta. Aqui está porque eu não te peço perdão de ter querido ser, contra a vontade de meu bom pai, tua mulher. Desta culpa quem me há de perdoar é o pobre velho, e eu conto com a bondade da sua alma.

“Aqui tens, pois, o meu destino, Álvaro. Vou para um convento; não devo, porém, sair de tua casa sem praticar este ato de humildade, rogando o teu consentimento. Quase certa de que m'o dás, vou fazer os meus ligeiros preparativos. Ainda não disse tudo, Álvaro... Se um dia sentires a penosa necessidade de falar a alguém que te diga palavras de alívio, procura-me, vai sem receio de encontrares uma queixosa. Eu farei quanto puder em teu bem contra o mal que o mundo te houver feito. Chamarei à tua alma as reminiscências do que ela foi, quando eu t'a mereci, furtando-a às outras paixões. Vai procurar-me, Álvaro, e acharás sempre uma irmã.

“De tudo o que te disse nesta longa carta, debes tirar a certeza de que, muito longe de odiar-te, estimo-te, sou tua amiga, ofereço a minha vida pelo dom da tua ventura; mas quisera, Álvaro, que essa ventura não fosse mentirosa. A que presentemente gozas não pode ser duradoura, nem filha do espírito.

Adeus.

Tua mulher

Maria dos Prazeres.”

XXV

Maria entrou no quarto do padre. Estava ele ajuntando num saco os seus livros, e uma pouca de roupa branca.

— Já escreveste, filha?! Vamos ver a tua cartinha... — disse ele continuando o seu serviço — Eu estou aqui ajuntando estes farrapos, e estes quatro livros. A nossa bagagem, Maria, é tão pequena, que a pode um frade velho transportar debaixo de um braço. Ora vamos lá; lê a tua cartinha.

Maria leu, afetando serenidade. Não podia, contudo. De instante a instante, havia embargo de soluços, lágrimas pertinazes, e alterações na cor. Padre Antônio tomou-lhe das mãos a carta, e leu-a em voz alta.

— Está muito boa — disse ele, afagando as faces de Maria — Vou mandar o próprio a Vila-Franca. Amanhã por noite, está cá a resposta. Eu virei então saber qual ela foi.

— Pois meu tio, já hoje me deixa?! — interrompeu Maria com veemência.

— Pois então, menina? A minha licença acaba logo que a trouxa esteja pronta. Eu não estranho isto... Quando me mandaram sair do meu convento que era a minha casa, saí logo; agora mandam-me sair de uma casa, que não é minha, que hei de eu fazer? Sair mais depressa ainda, se é possível, e sacudir à saída da porta o pó dos meus sapatos. De mais a mais, bem sabes que preciso falar à madre priora das Terezinhas no teu agasalho, que ainda não sabemos como será, e todo o tempo é pouco... Nada de lágrimas! Pelo amor de Deus, recebem-se todas as amarguras com olhos enxutos. O merecimento aqui não é chorar, é rir para o céu. Há uma só causa justa para lágrimas, Maria: vem a ser a ofensa a Deus, que é pai, ou aos homens, que são nossos irmãos. Destes pecados, absolvo-te eu, menina, que os não tens. A ofendida és tu, e, por conseguinte, perdão para os homens, e oração de graças ao Senhor.

XXVI

Álvaro da Silveira recebeu a carta, quando saía para Santarém, onde o esperava um brilhante sarau, em que era rainha uma nobre dama que se deixara ferir do nobre caçador. Era, portanto, muito impróprio o ensejo da carta, cuja generosidade tinha para ele o valor odioso de uma acusação máscarada. Foi esta a opinião do seu amigo conde.

Álvaro respondeu vocalmente que mais tarde responderia por escrito. O

portado, industriado pelo padre, replicou humildemente que não voltava sem resposta, ou sinal de ter sido recebida a carta. Perguntou-lhe Álvaro quem lha tinha dado. O criado falou a verdade. “Pois esse hipócrita ainda lá está?” exclamou irado o fidalgo... “Leva — continuou ele — aí vai o sinal de que recebi a carta”. — E entregou-lhe, aberta, a carta de sua mulher.

Tal foi a resposta que Maria recebeu. Diga quem puder as lágrimas que este desprezo lhe custou. O frade respeitou-as tanto, que em lugar de consolá-la com a paciência, eloquente sempre em seus lábios, chorou também.

— Vamos, filha — disse ele por fim.

— Já?! de noite? — refletiu ela.

— Tens medo, Maria? A noite vai melhor ao estado da nossa alma... Chegaremos de madrugada à tua nova casa. Passarás o dia no locutório com a nossa família.

— Pois está tudo arranjado?

— Tudo, Maria, tudo providencialmente arranjado. Vais ser hospeda da sra. escritã, em quanto eu não posso por meios certos que Deus me há de deparar comprar-te uma cela no convento. Depois, o teu trabalho dar-te-á uma subsistência certa. Falaremos, falaremos... Vamos embora.

Maria foi, quase desfalecida, encostada ao ombro do padre, até entrarem numa sege de praça que os esperava no portão. Grande, porém, foi a surpresa da atribulada senhora, quando ao entrar na sege, foi apertada por uns braços que só podiam ser de mãe pelo afago com que lhe bebiam as lágrimas da face.

O choro de ambas embargava as palavras soluçadas. O que elas, porém, queriam dizer-se era pedirem-se perdão mutuamente; a mãe à filha, por lhe haver afervorado e absolvido o amor a Álvaro; a filha à mãe porque fraqueava no martírio, e, sem pedir-lhe conselho, abandonava aos juízos da sociedade a explicação da sua fuga, talvez bem infamada.

XXVII

A sege parou defronte do mosteiro.

Rompia a manhã. Tão lindo estava o céu, tão balsâmico o ar ao pé do arvoredado do convento, as aves deleitavam tanto o coração, o murmuro despertar da natureza tão meigos arrobos filtrava ao seio de Maria, que, enlevada em mudo

regalo, docemente lhe marejavam nos olhos as lágrimas de um contentamento infantil, se não eram antes o respirar suavíssimo da abafação angustiosa em que penara.

Aberto o portão exterior, frei Antônio entrou com sua cunhada e sobrinha. Algumas religiosas desceram à portaria, e levaram consigo mãe e filha, felicitando esta com grandes júbilos, e inventando graças para a desassombrarem da sua tristeza. Sabiam-lhe bem a magoada vida, e a virtude santa, aquelas servas do Senhor. A Mãe de Jesus, protetora sempre invocada de Maria, tocou talvez o coração das carinhosas freiras que parecem porfiar qual mais mimos e agrados fará à querida hospeda.

Daí a pouco voltou ao mosteiro Fr. Antônio com a família toda. O coronel esmoreceu daquele seu grande ânimo vendo a magreza cadavérica da filha. O velho, alimpando as lágrimas, fez que nenhuns olhos ficassem enxutos. Diante daquela majestosa dor, não houve uma só pessoa que tivesse espírito para consolá-lo. O padre, esse, o que mais ali sofria talvez, abaixava humildemente a cabeça diante de seu irmão, como quem confessa a maior culpa de tamanha desventura.

Uma das religiosas, querendo consolar, censurou sem asperidão, ainda assim, o proceder inumano de Álvaro da Silveira.

Maria fez um gesto de desagrado, e, sentindo amargamente que lho não entendesse a freira condoída, disse:

— Álvaro da Silveira é meu marido, minha senhora. Deus é que julga as nossas ações... Eu preciso a piedade de toda a gente; mas não queria que ela custasse a Álvaro a sua condenação. Meu marido não é mais feliz que eu. Por isso que estou muito certa disto, peço às senhoras desta casa que roguem a Deus por ele, quando lhe rogarem por mim.

Ficaram como assombrados todos os ânimos, e apiedados todos os corações. Ninguém, durante aquele dia, proferiu o nome de Álvaro.

À tarde houve um adeus de muito chorar; mas, ao dia seguinte, lá estavam os irmãozinhos e a mãe da secular, e o tio padre, uns para chorar com ela, outros para distraí-la com as suas inocentes graças.

XXVIII

Maria trabalhava em flores, em costura, em tudo que fazia independente o seu parco passadio; e, desde o segundo dia, oração e trabalho alternavam-se, afora

as horas das lágrimas, que eram de noite, sozinha, a ocultas das consolações, às vezes importunas, das amigas — que todas o eram.

Frei Antônio foi um dia mui alegre ao locutório, e disse isto a Maria:

— O pai de Álvaro foi hoje a nossa casa, atribulado que fazia dó! É homem honrado, e quer-te como a filha. Sabia tudo, e abraçou-se a teu pai, pedindo-lhe compaixão para o mais desgraçado dos pais. Queria ver-te, não se afoutava a vir sem licença nossa. Concedemos-lha todos com muito prazer. Daqui a pouco está conosco, filha. Pede uma grade para o receberes.

E, ditas estas e mais algumas palavras da alvoroçada Maria, o velho Silveira chegou-se ao locutório, dizendo que queria abraçar sua filha. O claustro negava-lhe satisfazer tal desejo e dali foi para uma grade onde foi patética a cena. Maria não se queixava, ao mesmo tempo que o velho amaldiçoava o filho. Ela, então, punha as mãos suplicantes, pedindo-lhe que levantasse a maldição de sobre o infeliz Álvaro.

Siveira apertava a mão do padre, e dizia:

— Com este nobre e santo coração recompensa o Senhor todos os padecimentos de uma família; esta virtude, porém, exacerba a minha mágoa, porque eu sou pai de um monstro, e este anjo é vítima dele, e... talvez minha. Fui eu que lha pedi, sr. padre Antônio...

Ocorriam então as pacientes reflexões de Maria, querendo absolver todos os que promoveram o seu casamento. E, sem afetação de virtude, a cristã de coração e ensino, dizia que mais devia agradecer a Deus as provações em que pusera a sua fé, e a sua esperança no prêmio celestial.

Silveira quis saber que vida era a da sua nora. Contou-lha o padre. O velho, pasmado de tanta resignação, quis logo ali chamar a priora para dizer-lhe que naquele mesmo dia, a esposa de seu filho era uma secular com fartos meios de subsistência, e com todas as regalias possíveis num convento.

Maria atalhou a liberalidade do sogro, dizendo que não aceitaria um ceitel em quanto pudesse trabalhar.

Foram, pois, baldados esforços de sogro e tio. Não havia, com razões, demove-la do seu propósito. As que se lhe davam eram frívolas. Silveira queria que sua nora tivesse ali a grandeza do seu nascimento. A isto replicava ela que nascera mui pobre, e cria que o sair da sua obscuridade fora infelicitar-se, e rebuscar novas pompas seria reincidir na desgraça voluntariamente. Só no trabalho esperava alívio — dizia ela; e por misericórdia pedia que a deixassem com os

seus recursos, porque a aptidão para o trabalho fora o seu inexaurível patrimônio.

LIVRO ÚLTIMO

I

Desde 1835 até 1842, a história de Álvaro da Silveira é a história de todos os homens perdidos.

A reclusão de sua mulher, no princípio, recebeu-a como um ataque aos seus direitos de marido, e quase esteve, por orgulho, a requerer um divórcio, ou, ainda mais, a anulação do casamento.

Outras ideias vieram desenleá-lo desta preocupação periódica. O seu amigo conde chasqueava-lhe a demasiada susceptibilidade, dizendo-lhe que poucos maridos deviam tanto à fortuna, que por tão suave processo, o descartara a ele do tropeço conjugal.

O velho Silveira saiu deste mundo, um ano depois que Maria entrara no convento ralado de penas, infamado pelas imoralidades de Álvaro, que, de colaboração com o conde, redigira os famosos estatutos para a chamada *sociedade do delírio*. Ao estrondo das primeiras impudências, o pobre pai correu a querer salvar o filho. Foi recebido com desdém, e repellido com o desprezo às suas instâncias. O velho coração não podia com o golpe. Morreu sem filho ao pé do leito, quase desamparado dos parentes que o inculpavam na educação licenciosa de Álvaro. Quem lhe ministrou as consolações do trespasse, foi um estranho. Frei Antônio dos Anjos, ao qual o senhor de uma grande casa disse à hora da morte, que as dissipações de Álvaro não lhe tinham deixado seis vinténs para mandar dizer por sua alma uma missa.

II

O marido de Maria viajava então por França, onde lhe foi a nova da morte de seu pai. Álvaro melhorava de meios, porque os recursos, que seu pai lhe dava com quanto superiores ao rendimento de sua casa, não bastavam à dissipação.

Veio prestes a Lisboa tomar conta dos seus vínculos.

Procurando um usurário que lhos aceitasse como hipoteca de alguns contos de réis, ninguém os queria por mais do valor dos rendimentos de três anos, porque

a magreza lívida de Álvaro aterrava os agiotas.

Um mercieiro, antigo criado de seu pai, sabendo que o fidalgo barateava à usura os seus bens, apresentou-se-lhe para aceitá-los como hipoteca de uma soma quase igual ao valor deles.

Álvaro abençoou o seu destino, e receoso de que o mercieiro se arrependesse, apressou o contrato.

O comprador, porém, clausulou que em sua mão ficaria uma certa soma para acudir às necessidades da esposa do vendedor, se ela um dia as sentisse. Álvaro aceitou essa hesitação maravilhado de que o inepto lojista não pedisse a assinatura consentânea de sua mulher!

Este mercieiro conhecia frei Antônio dos Anjos. Cativo do benévolo interesse dele, o padre fora-lhe contando os infelizes acontecimentos daquela casa. O velho criado de Gonçalo da Silveira, quando soube que seu amo expirara, quase desamparado, sem seis vinténs em dinheiro para uma missa, chorou, e protestou valer ao filho, quando o socorro lhe aproveitasse depois de uma lição amarga.

III

Em 1842, Álvaro fugindo aos credores de Paris, de Londres, de Madrid, de onde quer que desbaratou o seu e o alheio, apareceu em Lisboa pedindo ao mercieiro que lhe valesse. A desgraça quebrara-lhe a soberba. Álvaro pedia com humildade, se não era antes relaxamento, socorro ao criado de sua casa. O lojista deu-lhe a quantia que ficara, como em depósito, para ser dada a Maria, dizendo que ela a mandara entregar a seu marido.

Recebeu-a com indiferença, e consumiu-a obscuramente em uma roda que não era a sua, na convivência de indivíduos que, somente no abismo da desgraça, sem honra, se encontram.

Padre Antônio dos Anjos não sabia dizer a Maria, onde seu marido estava. O mercieiro é que não perdeu de vista o filho de seu amo, com a mira de levantá-lo, quando ele abrisse os olhos no extremo cair de perdição.

Foi ele, pois, quem deu ao frade miúdas novas de Álvaro de Silveira. Umas vezes recebia dos parentes uma dádiva, como esmola. Outras, achava-se entre a gentalha, buscando nas fezes sociais esquecer os esplendores que dissipara. Eis aí que chegava a mão misteriosa do lojista.

IV

Um dia, Álvaro da Silveira quis anular o contrato feito com o desconhecido benfeitor. Aconselharam-no que a ação de dolo devia ser intentada por sua mulher contra o comprador fraudulento dos vínculos. Álvaro escreveu a sua mulher uma carta, onde se via um espírito embrutecido pela desgraça, um ar de cínica indiferença, não afetada, porque é ela o característico do homem a seus próprios olhos desprezível. Nesta carta, pedia Álvaro a Maria que o coadjuvasse a resgatar os bens de que dependia a farta subsistência de ambos.

Maria respondeu que não podia demandar o comprador de uns bens que ela nunca julgara seus. Acrescentava que os únicos bens de sua posse eram a propriedade do trabalho; e o resultado dele reparti-lo-ia irmãmente com seu marido, se ele o aceitasse. O padre quis ser portador desta carta.

Álvaro não pôde evitar a presença do tio de sua mulher. Estava ele vivendo em um quarto de empréstimo na casa de um homem, que lho oferecera, não conhecido seu. A providencial espionagem do mercieiro preparara-lhe esse quarto, ao mesmo tempo que o avisavam das intenções de Álvaro, acerca dos rendimentos comprados.

Eis aqui o que disseram Álvaro e o padre.

— Que futuro será o seu, sr. Álvaro?

— A continuação do presente, quando sua sobrinha não queira tirar-me dele.

— Minha sobrinha?!

— Sim. Se minha mulher anular a escritura que assinei do trespasse dos meus rendimentos por vinte anos...

— Já viu o que minha sobrinha lhe diz.

— Então, seremos ambos desgraçados, e eu mais de que ela, porque fui criado na opulência, e ela...

— Na miséria: pode v. exa. acabar a frase que nos não envergonha. Maria oferece a seu marido um quinhão da sua miséria.

— Não entendo...

— Reparte com seu marido o salário de seu trabalho.

— Está zombando? Que pode minha mulher repartir?

— Migalhas.

— Eu não vivo de migalhas, nem queria que ela vivesse. Agradeço-lhe esse oferecimento que me faz. Se é castigo com que me pune, bem castigado estou, sr. frei Antônio. Diga-lhe que aos desgraçados da minha espécie perdoa-se, porque a necessidade é um suplício infernal para o homem que teve.

— E, contudo, a honra na pobreza reabilita o desgraçado.

— Não é neste tempo, nem nesta sociedade... E, de mais, eu não sou desonrado. Tenho gasto muito, tenho dissipado tudo, mas esse muito, esse tudo era meu.

— Tem v. exa. orgulho do seu feito!

— Tenho; tenho legítimo orgulho de ter fugido à sociedade antes que ela me repelisse.

— E se ela o abraçasse na sua pobreza?

— O senhor não conhece os homens. Se os conhecesse, sua sobrinha seria hoje a feliz virtuosa que foi.

— E é, se não feliz, virtuosa... mais, pela paciência, e pela esperança...

— Esperança!...

— Esperança, sim, de o ver reabilitado perante ela e o mundo. Ouça-me, sr. Álvaro. Comece hoje a ser amigo de sua mulher, se pode. Verá o que é um anjo. Verá como ela o faz esquecer da sua posição infeliz neste mundo. Aquele poder de Deus, que as minhas mãos indignas não souberam empregar na sua regeneração, verá v. exa. o que é nas mãos da pobrezinha recolhida de Sant'Ana. Queira vê-la, que ela não lhe fugirá. Vá vê-la. Não cuide que tem de pedir perdões, acusando-se de ingratidões e crueldades. Vá como se não tivessem corrido seis anos sem se verem, sem se escreverem. A sua salvação é ela que a tem no tesouro da nobre alma que Deus lhe enche todos os dias de conforto e esperança...

Álvaro escutara o longo discurso do padre, sem quebrar-lhe a sucessão de palavras qual delas mais tocante.

Frei Antônio por fim, abraçando-o com carinhosa efusão, perguntou:

— Vai, sr. Álvaro?

— Irei, se assim o quiser.

As muitas lágrimas de Maria, as de sua família, as orações religiosas que pediam a Jesus Misericordioso a regeneração de Álvaro, começaram a florir, para frutos abençoados.

V

O padre separara-se no caminho, por supor que a sua assistência constrangeria Álvaro na presença de Maria dos Prazeres. Álvaro, porém, desde que se viu só, e à porta do mosteiro, desanimou.

Não foi o receio de ser acusado de ingrato e cruel que o susteve. Essas acusações já o frade lhe tinha dito que as não ouviria. O que lhe esfriou o alvoroço com que ia, foi um sentimento de vergonha de si próprio. Acostumado a deixar-se sempre guiar, sem combate, pelas primeiras impressões, boas ou más, Álvaro, depressa anuíra a procurar sua mulher, e mais depressa foi vencido pelo orgulho que lhe dizia quanto ele ia ser pequeno diante de sua mulher.

A soberba apraz-se, às vezes, escarnecer as suas vítimas, depois que as acha despenhadas na miséria. É quando ela se converte em castigo duro, tormento incomparável. Em quanto rico, Álvaro, mordido pela serpente da soberba, acudiu à dor da chaga com o bálsamo do ouro, essa alavanca poderosa do capricho e da vingança. Pobre, a ferretoada da víbora entrava-lhe até ao coração, e daí lavrava ulcerosa, porque a miséria constante lha estava descarnando sempre.

Por isso o pobre orgulhoso será entre os mais desgraçados o primeiro. Se Deus se não amercear das angústias, que espedaçam o homem caído em miséria do alto da grandeza, o inferno das dores indescritíveis estará no coração desse Lúcifer despenhado.

VI

Maria recebeu esta carta:

“É o teu amor, ou a tua piedade que me chama, Maria? Se amor...! como hei de eu acreditá-lo? que fiz eu que te não mereça ódio? onde pode estar esse amor, depois de seis anos de ingratidões, e esquecimento, a pior de todas?! Esquecimento, não. Lembravas-me, Maria, e sabes quando, e com mais

amargura? Quando me sentia cair. A cada empurrão que o destino, ou o Deus da vingança, me dava para este abismo, era então que eu te via, despenhada por mim, vendo-me cair; mas que diferença entre as nossas quedas! Eu a precipitar-te e um anjo do céu a erguer-te para onde a minha alma desesperada não pode já desafogar as suas aflições!

— Não podes amar-me, Maria, não podes. A compaixão, se outro afeto me não tens, essa não a aceito. Além de certo extremo de infortúnio, está o egoísmo na desgraça, o desprezo da piedade vã se não é antes humilhadora. Deixa-me esperar a morte, neste lodaçal em que vivo. A esperança não pode mais entrar em minha alma. Adeus.

Álvaro".

VII

As lágrimas de Maria desfaziam as linhas que ela escreveu, em seguida à leitura desta carta. A pena obedecia ao ardor do coração. Era a primeira vez que ela o escutava, e lhe obedecia sem consultar primeiro o padre.

Era assim a resposta que Álvaro recebia pelo mesmo portador:

"Vem, meu amigo. Deus te guie o coração que a sua divina mão abriu ao arrependimento. Tu és ainda muito rico: do tesouro de amor que te dei, e tu rejeitaste, não dissipei um só dos carinhos com que hei de restituir-te..., restituir-te, não digo bem, com que hei de dar-te uma felicidade nova, nunca experimentada. O infortúnio fez-te bom. Tu precisas de mim e eu hoje tenho um santo orgulho de ser a única pessoa que tens por ti, um coração amigo. Esse egoísmo na desgraça é uma soberba blasfema. Deus não te desamparou, meu amigo. Se de mim não queres consolações, vem ao menos ver como eu choro a perda das tuas esperanças.

Maria".

VIII

O orgulho de Álvaro sucumbiu. No dia seguinte, procurou Maria. Desta vez, não o abandonou o ânimo à porta do mosteiro. A primeira pessoa que viu no pátio foi o seu mestre, o tio de sua mulher.

Eram oito horas da manhã. Frei Antônio entrava no templo para sacrificar, e convidou Álvaro a segui-lo, porque Maria estava no coro, e, só depois da missa,

viria ao locutório.

O abstraído moço, entrou na igreja e ajoelhou. Maria soltara, no seio de uma amiga, um *ai* que o denunciara. A amiga, eletrizada pelas lágrimas felizes da secular, pediu à prelada se lhe consentia que tocasse o órgão durante a missa. Obtido o consentimento, fez soar, majestosa de tristeza, tristeza suavíssima que dulcifica as lágrimas, a música do *Te-Deum laudamus*.

Na frente de Álvaro eriçaram-se os cabelos: a felicidade trasbordava-lhe do seio em lágrimas, corria-lhe o corpo o calafrio do arrebatamento, esse fenômeno inexplicável que tantas vezes abala as organizações delicadas.

IX

Soube-se logo a causa da perturbação de Maria. A prelada quis saber porque chorava assim. A dócil senhora não podia nem devia esconder o motivo das suas lágrimas. Pediu uma grade para receber seu marido, e a priora, ensinada pelo coração que adivinhava os desejos de Maria, pediu-lhe para acompanhá-la à grade. A mulher de Álvaro apertou-a ao seio com alvoroço de contentamento.

— Venha comigo, minha mãe, — disse ela — Eu preciso que ele ouça as palavras que Deus manda ao seu coração. Dê-lhe a ele a felicidade no infortúnio como m'a deu a mim. Não espero que ele me dê um amor como eu o esperava antes de experimentar as angústias do desprezo; mas se for possível convertê-lo ao temor de Deus, ele há de estimar-me, e com a minha estima sofrerá os trabalhos da vida, sem a impaciência que o faz blasfemar. Oh! meu Deus! ele é tão novo e tão desgraçado! Que longa vida de desesperação será a dele, se não conseguirmos mostrar-lhe que se pode ser pobre e feliz!

A prelada pediu cinco minutos de espera. Recolheu-se em oração ao seu oratório, e voltou com o sorriso de esperança para Maria, e a confiança em Deus no coração.

Entraram na grade.

X

Álvaro estava em pé, com os olhos fitos na porta por onde Maria devia entrar. A priora, apenas entrou com a secular pela mão, disse mui afavelmente:

— Eu não esperei que me apresentassem o sr. Álvaro para ter o prazer de cumprimentá-lo. Conheci nesta casa suas tias-avós, conheci sua mãe, e seu pai e

toda a sua família. Até conheci um anjinho do céu, que me disseram ser esposa de v. exa. Tratei de averiguar se era verdade. O mundo dizia que sim, o anjinho também dizia que sim, e eu disse sempre que não, porque não acho natural que o possuidor de um tesouro, vindo do céu, o lançasse de si. Teima a minha Maria em dizer que é sua, e eu digo que não pode ser senão de quem eu quiser. Agora é minha filha e não pode ser sua esposa, sem que v. exa. ma venha pedir com todas as formalidades de noivo.

— E dar-ma-á v. exa.? — perguntou Álvaro correspondendo com jovialidade à graça risonha da prelada.

— Dou-lha — replicou a prelada — com uma condição. Há de vir viver ao pé de nós.

— Como, minha senhora?!

— Há de vir viver conosco. Aposto que está lá fazendo seus entes de razão contra a violação do claustro? Eu lhe digo, meu genro, uma freira, que tem uma filha como esta, dá um testemunho de que se deixou arrastar por alguma dessas paixões feias que são a origem destes anjos tão lindos! V. exa. está-se rindo?! Então ouça-me agora seriamente, e esta Maria, que está chorando e rindo ao mesmo tempo, escute também. O sr. Álvaro vem viver conosco, não é bem conosco, porque entre a nossa casa e a sua há uma parede. Então já sabe para onde vai?

— Não, minha senhora; espero as ordens de v. exa.

— Vai para casa do nosso capelão, que é um egresso chamado Antônio dos Anjos, um santo, que foi algum tempo mestre de uma criança traquinas, que andou por esse mundo de Cristo a fazer travessuras, e me dizem que ainda aqui há de vir para ser muito meu amigo, e talvez para me pedir contas de um coração que eu, sem sua ordem, recolhi ao meu, para ambos pedirem juntos ao Senhor das misericórdias a redenção de um escravo do mal, tão digno de ser o que eu sei; e Deus quer que ele seja.

Maria rompeu em soluços e lágrimas. A prelada tomou-lhe para o seio a face, como se afagasse uma criança. Álvaro estava imóvel, com os olhos rasos de lágrimas postos no simpático grupo da encanecida priora e da ainda formosa Maria.

XI

— Assim a chorar (continuou a freira mudando para o tom jovial) não podemos

combinar as nossas escrituras de casamento, nem as precedências que hão de dar-se antes de se unirem os meus filhos. O sr. Álvaro há de estar dois meses na companhia do nosso capelão: há de vir todos os dias a esta grade almoçar com a sua velha sogra e com a sua futura esposa; há de vir todas as tardes saber como está o reumatismo da decrépita prelada, e traduzir-me do francês um sermão do padre Massilon, porque eu já não posso ler. Quando não estiver para ler à velha, há de me contar o que viu nas suas viagens. Para tornarmos bem amena esta santa vida que projetamos, há de vir para esta grade o dote que eu dou à minha menina: é um piano, e ela há de perder o seu natural acanhamento e tocar umas músicas tristes que levam a consolação ao espírito, e trazem de dentro um tributo de lágrimas aos olhos. Ora, pois, meu genro, responda se está pelas condições que eu acabo de propor-lhe.

— Minha senhora... — balbuciou Álvaro.

— Não está?! — interrompeu a prelada.

— Se estivesse ao pé de v. exa... beijar-lhe-ia essa mão, que sinto no coração arrancando-me os espinhos que m'o rasgavam. Deixe-me verter este pranto que é uma respiração de homem que se salva da morte de asfixia. Respondam as minhas lágrimas, senhora, eu não posso dizer mais nada.

— Eu vos agradeço, meu Deus! — exclamou a freira erguendo as mãos, e ajoelhando, com a face pendida para o seio. Fora como um toque celeste o daquela transição do sorriso para a humildade majestosa daquela postura, em que Álvaro e Maria pareciam absorvidos, contemplando-se, e contemplando-a, mudamente.

XII

Fr. Antônio dos Anjos, sabendo que a prelada o mandara entrar na grade passados alguns minutos, chegou no ensejo em que a veneranda senhora limpava as lágrimas.

— São lágrimas de felicidade... — exclamou ela — Venha compartilhar do nosso júbilo, Fr. Antônio. aí tem o seu discípulo, que vem do mundo mais instruído do que foi das suas lições. Traz a ciência da desgraça, e entende que para ser um sábio completo só lhe falta a ciência da resignação. Essa é que o padre capelão lhe há de ensinar. Já sabe que o seu quarto há de ser mobiliado por mim, e conforme for do meu agrado? Pois há de ver como uma freira caduca tem ainda o gosto apurado. Hoje há de remediar-se com a cama que o padre lhe der; amanhã há de ter um quarto que nem um palmito. Os quadros hão de ser os que a minha filha me deu; são flores que significam o aroma que vai da oração

até Deus; são um cãozinho que é o símbolo da amizade; é uma cruz que significa o trono onde todas as angústias são coroadas soberanas da glória eterna... em fim, são obras de muito labor e de muita paciência, desbotadas quase todas pelas lágrimas. Ora pois, está tocando ao coro; eu vou lá pedir a Deus que abençoe a escolha que fiz de um genro, e a minha filha, que está mais para chorar, qual quer, vir enxugar essas lágrimas aos pés da cruz, ou ficar aqui?

Maria não respondeu. Frei Antônio interrogou com os olhos a vontade de Álvaro, e conheceu-o oprimido.

— Vão, vão — disse o padre — Nós voltaremos.

— Maria! — disse Álvaro — eu ainda te não ouvi uma palavra. Seja só uma... diz-me: “perdo-te.”

Maria exclamou entre soluços:

— Deus sabe que nunca te acusei; se me tivesse queixado com ira, pedia-te perdão agora.

— É, pois certo, meu Deus? — disse Álvaro.

— O que? — perguntou a priora.

— É certo que é possível a felicidade para mim?

XIII

Álvaro da Silveira hospedou-se em casa do capelão. As suas horas eram repartidas conforme o programa da priora. Frei Antônio já não ousava confiar em si, e sufocava sempre a alegria do coração que exultava com a reabilitação de Álvaro.

Maria, porém, acreditava-o, e a prelada também. Álvaro parecia feliz com elas, feliz com o padre, feliz com a leitura em que empregava o tempo livre.

Ninguém lhe falava no seu passado, nem ele proferia palavra que despertasse recordações. Também não falava no futuro, e, se Maria vaticinava delícias na pobreza, o melancólico moço revelava um sofrimento doloroso como a vergonha ou como o remorso.

O passadio de Álvaro era superior às poses do egresso. Um dia perguntou ele se a capelania consentia tanto. Frei Antônio respondeu que podia muito o

trabalho de Maria. Álvaro chorou, ergueu-se da mesa, e exclamou:

— Estou punido, meu Deus!

XIV

Álvaro, procurando Maria, disse-lhe:

— Não abusarei das tuas bondades, anjo. Vivo do teu trabalho, agradeço-te de joelhos a esmola, e não posso continuá-la a receber.

Maria soltou um grito do coração e disse a Álvaro que a não matasse.

— De joelhos sou eu que te peço, meu amigo — exclamou ela — que me não abandones. Recompensa-me do muito que sofri, permitindo que eu sinta a santa felicidade de trabalhar para nós ambos. Oh! tu não sabes avaliar que ventura é esta! Se tivesses nascido pobre como eu, se tivesses ajudado com o teu talento a comprar o pão de teus pais e teus irmãos, não tinhas a crueldade de me roubar este prazer. Ó Álvaro, diz-me que é certo viveres para mim e para a esperança de melhores dias. Diz-me que entre a minha alma e a tua não há uma linha de distância que separe as nossas últimas migalhas de pão.

XV

Passados dois meses encontraram-se frei Antônio e o mercieiro que tinha emprestado dinheiro sobre os rendimentos da casa de Álvaro.

— Já sabe tudo? — perguntou o padre.

— Sei tudo — disse o lojista — O rapaz está outro. Vai ver sua mulher todos os dias, e ouvi dizer que chorava os seus pecados. Que faz ele agora se está arrependido? Porque não tira a pobre senhora do convento? Que se arremedeiem com pouco, e vivam juntos.

— É pouco de mais o que eles têm para viverem.

— Eu darei o que lhes faltar; mas requeiro debaixo de juramento que nunca a minha proteção seja sabida por algum deles.

Oito dias depois, Maria dos Prazeres, ou dos Anjos como a crismaram no convento, para que o sobrenome não fosse uma falsidade, saiu do convento para uma pequena casa, onde seu marido a esperava com a face inundada de

lágrimas felizes.

Aquele viver dos três era um santo frenesi de amor; Vinham compartilhar daquela alegria o coronel, a mãe de Maria, seus irmãos, e até a priora quis acompanhar sua filha para lhe conter (dizia ela) os ímpetos amorosos da lua de mel. O padre estava sempre em contínua ação de graças. Ria e chorava ao mesmo tempo o bom do velho. No arrebatamento da alegria abraçava a prelada que tinha sempre um equívoco mui engraçado que dizer-lhe nesses expansivos abraços: riam-se todos e o coronel rejuvenescia da intempestiva velhice.

— Quem dá os meios para esta casa? — perguntava ele.

— A providência de Deus — respondia o irmão.

— Onde vem este dinheiro no princípio de cada mês? — perguntava Maria.

— Da Providência de Deus — replicava o tio às repetidas instâncias.

XVI

Álvaro da Silveira inspirava receios de reincidência ao padre. A sua primeira conversão parecia sincera e firme, e o anjo do bem abandonara-o às presas do vício ressurgente. A segunda, semelhante à primeira, com quanto abonada pela experiência de duras penas, poderia, chegando ao extremo, não vingar. Fr. Antônio temia o tempo, tremia em segredo; e não ousava dizer os seus temores à sobrinha ou à irmã.

O marido de Maria, penetrando o coração do padre, dissera-lhe:

— Conheça o coração humano, meu caro benfeitor. A minha conversão religiosa foi um abalo que devia parar. Eu era um homem que achava pequeno o mundo. Cismara muitas vezes na eternidade, quando voltava com enojo as costas aos vícios satisfeitos. O meu espírito, imergido no lodo, não podia voejar acima do que os olhos abrangiam, e os sentidos confirmavam. Refazia-me novamente de forças para a libertinagem, procurava-lhe com cínica avidez as faces novas e, desesperado de encontrá-las, invocava outra vez a ideia confusa do meu destino.

“Quando frei Antônio me apareceu, a minha alma era um vácuo horrível. Ouvi-o, era a primeira vez que a voz de um homem respondia às minhas perguntas a Deus. Afiz-me a considerá-lo um justo, alteei-me onde os seus voos me chamavam, e sentia rejuvenescer a minha alma de viço e alentos nunca experimentados. Maria, este anjo de Deus, fez que o meu coração se purificasse

ao mesmo tempo que o espírito se regenerava. O amor que lhe dei, imenso e fervoroso, não era mentira; nem podia sê-lo, por que a mentira não se sustenta à custa do sacrifício da liberdade.

“O amor dela era para mim uma emanção do amor divino. No dia em que aquela ardente fé nos divinos preceitos se entibiasse, arrefeceria também o amor a sua sobrinha. Estavam vinculados ambos os afetos: dependiam um do outro. A religião era como a lâmpada suspensa no meio do templo que reflete o seu clarão em todos os altares. Logo que se apagou, fizeram-se trevas em todas as minhas afeições nobres, em todas, até vergonha senti de haver tido remorso dos meus vícios. Foi por isso que a sua presença, padre Antônio, me aborrecia, que os conselhos de meu pobre pai me enfastiavam, e que as lágrimas de minha mulher me levavam desde o desgosto até ao ódio. Isto foi horrível, mas verdadeiro.

“Como a luz da religião se extinguiu em minha alma, não sei. Lembra-me que me assaltaram saudades de uma sociedade que me ridicularizava a conversão e o casamento. Saudades de uma vida mesclada de tédios e de alegrias. Necessidade de alargar o círculo de ferro que me apertava a respiração. Era o crime que me visitava com todas as suas galas pérfidas. Era o anjo mau da tentação que triunfava, pintando-me insignificante de espírito, de “fortuna”, e de beleza uma mulher que parecia violentar-me a adquirir os seus hábitos mesquinamente caseiros e de baixa condição.

“Ultrajei a minha pobre vítima com o desprezo, e depois pensei que a mataria com o abandono. Fui um infame dos infames que se não definem.

“Nenhum homem experimentou afrontas semelhantes às que eu devorei. Todos os meus haveres hipotequei-os ao vício, e ao crime. Nunca tive uma alegria de alma por um punhado de ouro. Arrojava-o com desesperação aos abismos onde me diziam que era possível arrancar-se das mãos do diabo uma sentença de prazer novo. Nunca, nunca! Tocaria a última baliza da indignação, se o meu fausto não aparentasse uma riqueza. Pedi quantias, algumas das quais não pagarei jamais, porque estou pobre, e outras paguei-as com o vilipêndio merecido de um cárcere.

“Algumas vezes vi uma sombra veneranda, padre Antônio, e pavorosos sonhos eram aqueles em que eu via minha mulher a expirar-lhe nos braços.

“Revivia-me então a necessidade de gritar pela misericórdia divina; mas o grito de contrição era sufocado por um riso blasfemo. Quando o infortúnio é superior às forças humanas apaga-se a luz da razão, fica o espírito na escuridade da demência, e já não há alma que se refugie na esperança de uma vida melhor.

“Hoje, sim, frei Antônio. Já não é uma organização susceptível de impressões que obedece à eloquência da sua palavra religiosa. Hoje é o desgraçado, que sente no coração fendido de golpes o poder do bálsamo divino, ministrado pela mão daquela que vitimei. O perdão da mártir é o que me está testemunhando a misericórdia do céu. Vejo nela a onipotência de Deus: não a procuro nos livros, não a preciso da argumentação; não quero que me combatam com o raciocínio a impiedade que o meu coração rejeita. Creio em Deus, meu caro mestre, creio no céu, creio no inferno, creio em tudo que preciso crer para cair de joelhos aos seus pés, e suplicar-lhe que não duvide um momento da minha reabilitação.”

Padre Antônio recebera-o nos braços, soluçando palavras de benção, e de felicidade inexprimível.

XVII

Num dia de 1839, frei Antônio é chamado a casa de Joaquim Nunes; o lojista, antigo criado de Gonçalo da Silveira. Vai, e acha-o enfermo.

— Sr. frei Antônio — disse o merceeiro — chamei-o para me ajudar a saldar as minhas contas com o mundo, para levar diante de Deus os meus livros de razão sem nodoa. Estou muito doente, e não espero nada da medicina. O que eu tenho a dizer-lhe, não é o receio da morte que m'o faz dizer. Há dias que eu preparava esta ocasião, e oxalá que sendo a vontade de Deus, eu sobrevivesse à resolução que tomei. Ora diga-me; como se porta o sr. Álvaro?

— Melhor do que as minhas ambições.

— Já não teme que ele torne ao caminho da perdição?

— Confio em Deus, não é nele, nem em mim, confio em Deus que não.

— Ele sabe que sou eu o que lhe dou as mesadas?

— Não sabe: cumpri religiosamente a sua vontade.

— Deve ter dito muito mal do avarento criado de seu pai...

— Nem uma palavra, desde que está em minha companhia. Parece que confessa com o seu silêncio gratidão à mão generosa que o socorre.

— Ora diga-me, sr. fr. Antônio, envergonhar-se-á ele de vir visitar um criado antigo da sua casa, doente?

— Ó senhor, isso é duvidar do coração de meu sobrinho; essa licença estava eu para pedir-lha...

— Pois que venha, e venha também sua mulher, desejo vê-los, e o mais breve que possa ser.

XVIII

No mesmo dia, Álvaro, Maria, e frei Antônio dos Anjos visitaram o merceeiro Joaquim Nunes.

As lágrimas inexplicáveis deslizavam copiosas pelas faces do enfermo. Maria, cuja sensibilidade respondia logo à dor estranha, acariciou o velho, e fez que Álvaro esquecesse a diminuta repugnância que sentia em afagar um homem que possuía os seus bens, e o imaginaria capaz de humilhar-se para reavê-los.

— Estou quase só — disse o lojista — -Tenho sido só toda a minha vida, e agora sinto necessidade de uma família. Queria eu pedir à sra. D. Maria e ao sr. Álvaro, e ao sr. fr. Antônio que me deixassem ir morrer a casa do filho de meu amo. Fazem-me a caridade de me aceitar em sua casa?

— Deus permita que as suas forças o deixem ir para a nossa companhia! — exclamou a sobrinha do padre.

— Poucas forças tenho; mas transportar-me-ei numa cadeira, e o sr. padre Antônio tomará conta das chaves desta casa. O meu comércio acabou; não devo, e os que me devem foram riscados dos meus livros. Os meus negócios da vida estão fechados. Agora queria morrer vendo duas pessoas felizes ao pé de mim, e tendo à minha cabeceira um santo homem que me ajude a pedir a Deus o perdão das minhas culpas. Se eu vencer a doença, viveremos todos, ponto é que o sr. Álvaro tenha a bondade de sentar à sua mesa um homem do povo que foi escudeiro de seu pai.

Álvaro apertou-lhe, comovido, a mão. Maria, do outro lado do leito, limpava-lhe com o seu lenço o suor que lhe inundava a fronte e fr. Antônio, com palavras de júbilo, anunciava ao enfermo que não morreria ainda para testemunhar e ter quinhão na felicidade de seus sobrinhos.

XIX

Joaquim Nunes passou para a residência de frei Antônio.

Nos primeiros dias a sua doença recrudesceu, consequência do abalo físico e moral da mudança.

Depois, um ar de melhora fez criar esperanças aos facultativos. Esperanças não mentidas foram essas, porque ao cabo de um mês de alternativas, o enfermo entrou em convalescença, e veio a restabelecer-se.

No primeiro dia que saiu a passeio, de sege, trouxe consigo um tabelião.

Chamou à sua presença os consortes, e fez ler um testamento, em que instituía Álvaro da Silveira e sua mulher seus universais herdeiros. O testamento foi ali rasgado e o tabelião lavrou uma escritura de doação de todos os seus bens a Álvaro e sua mulher, com a condição de o alimentarem na sua companhia. As espécies somadas dos bens doados excediam a meio milhão.

XX

Esta dotação não alterou a felicidade daquela família. Correram muitas lágrimas de alegria, mas essa alegria era a da gratidão, era o expansivo respirar das quatro nobres almas que ali se vincularam numa só vontade.

E a vontade de Joaquim Nunes respeitavam-n'a todos. Quis ele que Álvaro fosse viver no palacete de seu pai, quis que revivesse o antigo fausto daquela casa, quis que a família de Maria fosse a de todos. Cumpriram-se os seus bons desejos.

A felicidade desta numerosa família é indescritível. Até 1849, em que todos viviam, nenhum daqueles semblantes fora anuviado pela tristeza.

Álvaro é um modelo de honra. Frei Antônio um santo, que está constantemente agradecendo ao Senhor o galardão de tamanhas angústias. Maria, a amiga íntima da baronesa de Amares, como o leitor a veria no *HOMEM DE BRIOS*, é um anjo que anda em cata de sofrimentos para consolá-los. Joaquim Nunes no centro daquela família, é um homem adorado, que, em 1849, jogava a bisca de nove com o coronel.

Bendito seja Deus que tem estes apóstolos a glorificá-lo na terra!

NOTAS

No fim de vinte dias foi-nos dada a liberdade, sob a condição de não caminharmos para o sul. A infração desta lei implicava pena de morte. Pensavam que viríamos procurar o exército do sr. D. Miguel. A condição era escusada para mim. Ministro de Deus, jurado à caridade e às humilhações, o meu braço, consagrado à elevação da hóstia, não levantaria o ferro contra homens, ou bárbaros, ou portugueses. Eu maldigo em nome de Deus os meus irmãos que borrifaram de sangue a túnica legada pelos apóstolos. A arma do sacerdote é o coração votado a abrandar a justiça do Altíssimo, que faz dos homens o instrumento de sua vingança contra homens. Se me chamassem ao mais perigoso de um combate para acalmar, em nome de Deus e da caridade, as iras sanguinárias dos partidos, eu cruzaria as balas, e as baionetas travadas, corajoso, como um filho da pátria, e um sacerdote de Cristo. Viria, meu irmão, viria ajoelhar-me na frente do teu regimento, e pedir-te em nome da tua esposa e de teus filhos, que me deixasses falar ao rei antes que mandasse voar a morte das espingardas dos teus soldados.

Se Fr. Antônio ampliasse um pouco mais estas suas reflexões muito judiciosas, invetivaria os frades que, fora das linhas de Lisboa, despejavam fogo para os de dentro com uma coragem e disciplina digna de granadeiros da guarda imperial. Alguns desses estavam aí provando pela prática as teorias vociferadas do púlpito, desde 1828 até 1832. Não foi mais do que lançar um correame sobre o hábito, e substituir ao som da palavra incendiária o som do arcabuz homicida. Se não receássemos desnaturalizar o romance pondo na boca de frei Antônio censuras inverossímeis aos da sua política, se é que ele tinha alguma além da do Evangelho, seria ele o que nos poupasse o trabalho desta nota para que se não diga que o autor acoberta um pensamento hostil à liberdade, afeando o quadro inevitável, no conflito dela com o despotismo em paroxismo. A leitores de má fé respondemos com a boa fé de imaginarmos, antes de começar o romance, que os não teríamos...

Oh meu tio! — continuou ela exaltada — não nos podemos separar. A inteligência é um fio elétrico. Há vibrações na minha alma, que, se meu tio as não ouvisse, seriam perdidas, como as notas de uma harpa tocadas pelo vento em cima de um sepulcro deserto. Meu pai, e minha mãe, e meus irmãos, quero-os para o amor, quero-os para o coração, morro pela sua felicidade se m'o exigirem; mas o meu espírito precisa de alimento, a minha inteligência quer um pasto ideal que não acho aqui, se meu tio me desampara. Não vê que foi um impulso providencial, que o trouxe aqui salvando-o de tantas mortes que lhe embaraçaram o caminho? Eu não tenho sido ingrata a Deus: ergo-lhe as mãos todos os dias, reconhecida, humilde, mas venturosa de ter nascido

sua sobrinha!... Não me faça persuadir que Deus olha com indiferença as minhas preces...

Nem sempre é inverossímil a linguagem figurada. Mais de um crítico, a estas horas, se indispõe contra as hipérboles de Maria, aos quatorze anos tão espevitada! Pois creiam que não é justo o seu reparo. Se lhes eu tivesse dito que Maria convivera nas salas onde o lirismo do coração não tem nada a fazer com a vida positivíssima que lá se vive, em linguagem chã e desenflorada de figuras inúteis, tinham razão sobeja para dizerem que nunca por cá toparam destas donzelas Cíceros ou donzelas Gôngoras, como quiserem. Atendam, porém, ao fato, se não têm a experiência: mulher instruída, ou presumida de instrução, se lhe falta o trato que precisa o estilo segundo as circunstâncias, fala assim, e escreve assim. Aquela filha de Manuel de Sousa e D. Madalena de Vilhena, que o imortal Garret faz morrer de vergonha, em *Fr. Luiz de Sousa*, era, com menos sete anos, muito mais espirituosa, e, se querem, mais desnatural. O inverossímil é algumas vezes verdadeiro, assim como *Le vrai peut quelque fois n'être pas vraisemblable*. (Boileau, *Art. poet. c. 3^o e*).

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boêmia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*